

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

FABIO MARQUES FERREIRA SANTOS

A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Tomé das Letras –
MG:
O dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do
patrimônio cultural imaterial

Graduação em História

São Paulo
2022

Fabio Marques Ferreira Santos

A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Tomé das Letras –

MG:

O dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do
patrimônio cultural imaterial

Monografia apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
BACHAREL em História, sob a orientação
do prof. dr. Álvaro Hashizume Allegrette.

São Paulo

2022

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Santos, Fabio Marques Ferreira

A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Tomé das Letras - MG: O dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do patrimônio cultural imaterial . / Fabio Marques Ferreira Santos. -- São Paulo: [s.n.], 2022.

94p. il. ; 29,7 cm.

Orientador: Álvaro Hashizume Allegrette.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduação em História - Bacharelado, 2022.

1. História. 2. Misticismo. 3. Esoterismo. I. Allegrette, Álvaro Hashizume. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduação em História - Bacharelado. III. Título.

CDD

Banca Examinadora

*“Guardo nos olhos
Sua poesia
De pedras sobre pedras
De mistérios e magias*

*Um povo livre
Simples e menino
A paz que toca a gente
Pode ser o meu destino*

*Astros passeiam no mais lindo céu
De forças tão poderosas*

*Gente que vem de longe daqui
Se embriagar de estrelas*

*São Thomé das letras
Eu te vejo assim
Nave dos meus sonhos
Que navega em mim”*

(Milton Nascimento, São Thomé das Letras)

RESUMO

SANTOS, Fabio Marques Ferreira. **A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Thomé das Letras – MG:** O dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do patrimônio cultural imaterial

O presente estudo debruçou-se sobre as manifestações culturais sociais da cidade de São Thomé das Letras, MG, investigando as origens históricas e historiográficas da alcunha de “Cidade Mística de Minas Gerais”, destacando sua importância e relevância na construção da memória cultural patrimonial imaterial local. O objetivo foi esclarecer cientificamente a origem e formação da identidade esotérica e mística da pequena cidade de pedras, utilizando para isso avaliação da composição do dinamismo da previsão, requisitos e atributos ao seu reconhecimento perante a administração pública enquanto gestora e guardiã do patrimônio cultural do município. O trabalho estabeleceu-se em três pilares: o primeiro resgatou elementos envolvendo o imaginário ancestral da história do município, sua formação e características intrínsecas, e também as construídas pelas figuras, personalidade e entidades que marcaram a passagem do tempo, e que se sugerem ter contribuído para a formação do conceito de “cidade mística”. O segundo pilar trabalhou a identificação sistemática e abrangente da formação dos conceitos, suas raízes, entidades e/ou identidades culturais enquanto impressões ou expressões mencionadas propagadas por autorias diversas, em várias temporalidades, condições, temas e suas propostas com seus respectivos recortes. Por fim, o terceiro sustentáculo voltou o olhar ao futuro, lançando propostas de patrimonialização efetiva do conceito do esotérico e do místico em São Thomé das Letras.

Palavras-chave: São Thomé das Letras, história, historiografia, esoterismo, misticismo, patrimônio imaterial.

ABSTRACT

SANTOS, Fabio Marques Ferreira. **The patrimonialization of the esoteric and the mystical in the city of São Thomé das Letras - MG:** The dynamism of the forecast, requirements, attributes to its recognition in the light of the intangible cultural heritage

The present study focused on the social cultural manifestations of the city of São Thomé das Letras, MG, investigating the historical and historiographical origins of the nickname "Mystical City of Minas Gerais", highlighting its importance and relevance in the construction of intangible heritage cultural memory. The objective was to scientifically clarify the origin and formation of the esoteric and mystical identity of the small town of stones, using for this, the composition evaluation of the dynamism of the forecast, requirements and attributes to its recognition for part of the public administration, as manager and guardian of the cultural heritage of the municipality. The work was based on three pillars: the first rescued elements involving the ancestral imaginary of the history of the municipality, its formation and intrinsic characteristics, and also those built by the figures, personality and entities that marked the passage of time, and that are suggested to have contributed to the formation of the concept of "mystical city". The second pillar worked on the systematic and comprehensive identification of the formation of concepts, their roots, entities and/or cultural identities as impressions or mentioned expressions propagated by different authors, in various temporalities, conditions, themes and their proposals with their respective cuts. Finally, the third mainstay looked to the future, launching proposals for effective patrimonialization of the concept of the esoteric and the mystical in São Thomé das Letras.

Keywords: São Thomé das Letras, history, historiography, esoterism, mysticism, intangible heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Mapa da Comarca de Rio das Mortes, José Joaquim da Rocha, 1777, indicações da localização das sedes das fazendas da Sesmaria do Campo Alegre.....	19
Figura 2– Pôr do Sol no Kilimanjaro com vista para o Monte Meru no acampamento Shira da Tanzânia. Caminhada até a montanha mais alta Afirka.	23
Figura 3 – Pôr do sol de São Thomé das Letras – em semelhança com a anterior ..	23
Figura 4 – Pôr do sol em São Thomé das Letras, visto a partir da pirâmide	23
Figura 5 – Mapa demonstrando a posição geográfica de São Thomé das Letras no estado de Minas Gerais	29
Figura 6 – Mapa demonstrando a localização das cristas quartzíticas na região sul de Minas Gerais.....	30
Figura 7 – Mapa demonstrando a distribuição dos complexos rupestres de altitude em quartzito no sul de Minas Gerais	30
Figura 8 – Representação de João Antão recebendo a carta do senhor de vestes brancas, instalada no entorno da Gruta de São Thomé, local do suposto acontecimento	65
Figura 9 – Barão de Alfenas, ilustração baseada em quadro tombado pela Prefeitura Municipal de São Thomé das Letras, de autoria de Nicolau A. Facchinetti, 1876	66
Figura 10 – Fotografia rara de Chico Taquara, com 83 anos	67
Figura 11 – Logomarca da Sociedade Brasileira de Eubiose, disponível publicamente.	68
Figura 12 – Henrique José de Souza e sua esposa Helena Jefferson de Souza.....	69
Figura 13 – Fotografia de Oriental “Tatá” Noronha, posando com seu livro.....	70
Figura 14 – Fotografia do Cantor Ventania em apresentação.....	71
Figura 15 – Parque Municipal Antônio Rosa	75
Figura 16 – Pedra da Bruxa	75
Figura 17 – Casa da Pirâmide.....	76
Figura 18 – Cruzeiro de São Thomé das Letras, em sua localização atual	76
Figura 19 – Mirante do Parque Municipal Antônio Rosa, em São Thomé das Letras	77
Figura 20 – Toca do Leão em São Thomé das Letras	77

Figura 21– Gruta São Thomé integrada à paisagem urbana e turística de São Thomé das Letras	78
Figura 22 – Gruta do Carimbado, visão parcial.	78
Figura 23 – Ladeira do Amendoim e indicação de onde parar para observar o controverso fenômeno	79
Figura 24 – Igreja Nossa Senhora do Rosário	79
Figura 25 – Igreja Matriz de São Thomé das Letras	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Cronologia do Esoterismo, Misticismo e suas raízes	72
--	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	METODOLOGIA APLICADA	16
3.	AS MARCAS DO TEMPO NA FORMAÇÃO DE PATRIMÔNIO.....	18
4.	A CIDADE DAS PEDRAS E SUA COSMOLOGIA ESOTÉRICA E MÍSTICA NAS MINAS GERAIS.....	21
5.	A GEOGRAFIA E GEOLOGIA DA SINGELA CIDADE DAS PEDRAS ..	28
6.	O ESOTÉRICO, O MÍSTICO E SUA RELAÇÃO COM SÃO THOMÉ DAS LETRAS	34
7.	A MEMÓRIA E O IMAGINÁRIO NA CIDADE DAS PEDRAS	45
8.	ORGANIZAÇÃO PATRIMONIAL E TURÍSTICA PRATICADA PELA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL	52
9.	AS “DHÂRANÂS” E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DO DISCURSO ESOTÉRICO E MÍSTICO DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS.....	59
10.	AS PESSOAS, HISTÓRIAS, CONTOS E CAUSOS QUE FOMENTARAM O IMAGINÁRIO MÍSTICO DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS	64
11.	SOBRE OS LOCAIS, OS FATOS E O TEMPO, ELEMENTOS CONSTITUINTES DA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO MÍSTICO NA CIDADE DAS PEDRAS	71
12.	O RECONHECIMENTO ESOTÉRICO E MÍSTICO TORNA-SE PRESENTES NA RELAÇÃO SOCIAL COLETIVA LOCAL DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS.....	80
13.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS.....	86

1. INTRODUÇÃO

A proposta da presente monografia, dadas suas limitações, tem como pretensão científica abordar contemplativamente as manifestações culturais sociais relacionadas à formação de uma atmosfera e discurso esotérico e místico envolvendo a cidade de São Thomé das Letras, em Minas Gerais, destacando sua importância e relevância na construção da memória cultural patrimonial imaterial local.

Neste processo investigativo, será avaliada a composição do dinamismo da previsão, requisitos e atributos ao seu reconhecimento perante a administração pública enquanto gestora e guardiã do patrimônio cultural do município.

Ao fazer este movimento, o trabalho visa dar relevância em especial ao patrimônio cultural imaterial, principalmente por ele ser uma das principais bases no constructo da cosmologia vinculada ao esoterismo e ao misticismo da cidade de São Thomé das Letras. Interage com a natureza da sua história, inclusive sedimentando a sua identidade esotérica e mística enquanto elemento intrínseco e inerente à sua cultura local socialmente conhecida.

Ao ser definido este recorte, certamente que muitas outras questões ou pontos acabarão sendo segregados, mas dar enquadramento e moldurar determinado tema não o limita de novas e ou ulteriores incursões, tampouco, tudo que for por demais importante relacionado e de interesse da ciência e ao espírito desta, poderá receber ainda valiosa atenção e tratamento pelas linguagens ou simbologias apropriadas oportunamente por outros pesquisadores.

Na fase de sistematização e organização pedagógica, optou-se por posicionar todas as manifestações culturais sociais de natureza esotéricas e místicas da cidade de São Thomé das Letras para o eixo do patrimônio imaterial, muito embora esta diversidade não fosse a problemática da pesquisa.

O transferidor conduziu o olhar sobre as manifestações existentes ao quilate de patrimônio imaterial posicionando-as, identificando-as e, ao mesmo tempo, denominando-as como parte da cultura imaterial daquela sociedade por sua natureza e categorização enquanto identidade singular, onde couber.

Todavia, o cerne do estudo levará em consideração acerca do reconhecimento ou não do esoterismo e do misticismo, encontrados nas manifestações culturais e sociais daquele local, pela administração pública como patrimônio cultural imaterial. Neste sentido o conceito e a importância do que seja o patrimônio imaterial merece melhores esclarecimentos. Para Pelegrini e Funari:

O reconhecimento do patrimônio imaterial da humanidade pela Unesco é o incentivo ao registro dos bens imateriais de diversas comunidades humanas, desde meados de 2000, desencadearam o desenvolvimento de pesquisa sistemáticas sobre o tema, que, em última instância, visam contribuir para o levantamento, a catalogação e o registro de vivências coletivas que envolvem as diversas faces da vida social desde tempos mais remotos até a atualidade. A relevância dessa entusiasmada disposição se justifica pela dimensão que os bens imateriais ou intangíveis assumem na compreensão da natureza e das visões de mundo das sociedades humanas no presente, no passado, e no futuro. Ao usufruirmos formas singulares de celebração e conhecimento nós retomamos parte de nossas identidades comuns. A transmissão de saberes às novas gerações e a perspectiva de valorizá-los tendem a contribuir para a elevação de nossa autoestima e para a retomada de tradições milenares. [...] Nossas celebrações, bem como os lugares que elegemos como sagrados, inserem-se num campo mais amplo de práticas coletivas que envolvem o sacro e o profano, o secular e o imediato. Esse amalgama de manifestações culturais cujas origens remontam aos períodos anteriores e posteriores à colonização do Brasil reúne elementos que integram a mistura presente em nossa “brasilidade” (PELEGRINI & FUNARI, 2008, p. 7-8)

A evidência da cosmologia esotérica e mística e seus modais ou do que o ambiente proporciona ativando a psique e a espiritualidade ao seu processo de edificação, enquanto elementos de natureza característicos da cultura patrimonial de São Thomé das Letras, tem reconhecimento e representatividade fincados no imaginário histórico ancestral, mas que exige aferição e reconhecimento por parte da administração pública – este ponto tem relevo e viés ao que deve compor a problemática desta monografia.

Nota-se a isto, ante à ausência do crivo de um processo de reconhecimento formal, neste caso, não se pode subsumir em tese à categoria de patrimônio imaterial a presença manifesta dos rituais esotéricos e das manifestações místicas o reconhecimento de forma tácita, uma vez que descritivamente e normativamente a Constituição Federal de 1988, demais órgãos de representatividade à preservação e proteção patrimonial, além de outros documentos nacionais e ou internacionais que serão explicitados no desenvolvimento monográfico, exigem expressa formalização ou disponham de requisitos ao exposto reconhecimento.

Embora pare na atmosfera da cidadezinha assentada sobre pedras de quartzito a presença dos requisitos formais e ou materiais que cingem-na em receber justo reconhecimento para melhor gozo do direito de salvaguarda, preservação e proteção, e sendo certo que ainda que as evidências se apresentem ou se façam serem percebidas e o comportamento social individual e ou coletivo reconheça, os aspectos procedimentais definidos precisam ser realizados como forma máxima de expressão e harmonização sobre aquilo que é e aquilo que a Lei diz ser. Segundo Zamarco:

[...]A UNESCO compreende o patrimônio cultural imaterial como “as expressões de vida das tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos e seus descendentes”. E, de acordo com o IPHAN, o patrimônio imaterial “é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”. Essa dimensão do patrimônio caracteriza-se por seu caráter intangível e dinâmico, ou seja, está sujeita a mudanças impostas pelo cotidiano do homem, já que se trata de seus modos de vida, saberes e fazeres, que evoluem constantemente. Por essa razão, busca-se o reconhecimento dessa dinamicidade e a respectiva valorização da promoção de tais expressões (idem, p.50).

Para salvaguardar os bens culturais imateriais, o Caderno de Turismo Cultural: Orientações básicas (2010, p.51) destaca que existe um instrumento legal denominado Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, instituído no ano 2000 por meio do Decreto n.º 3.551/00 regulamentado pela Resolução n.º 001/2006 que dispõe também sobre um programa especialmente voltado para a questão. Podem ser registrados em um dos seguintes livros:

- Livro de Registro de Saberes – conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.
- Livro de Registro das Celebrações – rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social.
- Livro de Registro das Formas de Expressão – manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.
- Livro de Registro dos Lugares – mercados, feiras, santuários, praças, e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. (ZAMARCO, 2016, p.27-28)

Dessa maneira, a pesquisa encontra no curso do seu desenvolvimento a “priori” ao sabor de um certo dilema, o de viver entre a resistência ou tensão do reconhecimento, no sentido de que o esotérico e o místico e suas manifestações culturais sociais possam, embora evidentes e de presença vivenciada na vida da cidade thomesense, exigir-se que os protocolos sejam realizados para serem considerados patrimônio cultural imaterial da cidade de São Thomé das Letras.

E ao mesmo tempo, de que tais manifestações superem o estágio de representarem apenas indícios sobre uma cultura patrimonial imaterial existente, mas formalmente não declarada nos anais do patrimônio cultural imaterial da cidade de São Thomé das Letras.

Pois, para que haja tal reconhecimento vaticina, que deve se palmilhar através do processo realizado pelos órgãos competentes a: formalização do reconhecimento, constatação e avaliação técnica, a publicização do procedimento, o reconhecimento e sua certificação para que se efetivamente as existentes manifestações esotéricas e místicas em suas modalidades naquela localidade identificada e denominada como “Cidade Mística de Minas Gerais”, que sejam legalmente reconhecidas como

patrimônio cultural imaterial daquele povo que habita a serra das letras em reforço aos seus vínculos identitários. Sobre isso esclarecem Pelegrini e Funari:

Se a apreensão dos bens culturais imateriais como expressões máximas da “alma dos povos” conjuga memórias e sentidos de pertencimento de indivíduos e grupos, evidentemente fortalecem os seus vínculos identitários. Entrementes, as contínuas intimidações às tradições culturais e a violência imposta ao meio ambiente, tão prosaicas na contemporaneidade, tem sinalizado a necessidade dos cidadãos de exercerem seus direitos e se mobilizarem em favor de proteção das tradições populares e dos múltiplos e plurais bens culturais de toda humanidade. (PELEGRINI e FUNARI, 2008, P. 9)

A instalação da dúvida, enquanto premissa de natureza científica, encontra entre validade e falseabilidade, o antagonismo e/ou as ambiguidades essenciais ao solo fértil do trabalho proposto, buscando libertar-se da incerteza ou do dilema que está a lhe causar.

E para além disso, o estímulo ao reconhecimento do patrimônio esotérico e místico cultural imaterial como referência à identidade da cidade de São Thomé das Letras visa contribuir para a tomada de consciência dos que ali habitam, ocupam ou transitoriamente se apropriam do ambiente da cidade das letras e se destaca como fonte para que a educação possa encontrar espaço pelo viés do reconhecimento e consequentemente dos valores, da importância e relevância do patrimônio imaterial cultural para a cidade das suas manifestações esotéricas e místicas enquanto elementos que resistiram ao longo do tempo, de geração para geração, estando impressos na memória histórica da cidade desde os idos da década de 30 do século passado, com a chegada da Sociedade da Eubiose.

Em torno dos modais das manifestações socioculturais imateriais e que assentam o eixo do patrimônio imaterial, o presente trabalho estabeleceu-se em três pilares, que delimitarão suas fronteiras e seu alcance: o primeiro deles resgatou elementos envolvendo o imaginário ancestral da história do município, sua formação, suas características intrínsecas, tanto naturais, advindas de sua geografia, geologia, paisagem natural, geomorfológicos, lendas, quanto as construídas pelas figuras, personalidade e entidades que marcaram a passagem do tempo, e que se sugerem ter contribuído para a formação do conceito de “cidade mística”.

O segundo pilar trabalhou a identificação sistemática e abrangente da formação dos conceitos, suas raízes, entidades e/ou identidades culturais enquanto impressões ou expressões mencionadas propagadas por autorias diversas, em várias temporalidades, condições, temas e suas propostas com seus respectivos recortes.

Nesse ponto, o escrutínio da historiografia, em sua maioria, veio pela via das fontes secundárias, permitindo ainda espaço para verticalizar estudo futuro em outros níveis de qualificação em suas formas e ou formatos com relação à metodologia a ser apropriada. Por fim, o terceiro sustentáculo voltou o olhar ao futuro, lançando propostas de patrimonialização efetiva do conceito do esotérico e do místico em São Thomé das Letras.

No mais, objetiva-se assim, com essa pesquisa, o incentivo na construção de alternativas enquanto caminhos concretos, uma espécie de receituário de como fazer, e não meramente deôntico, ao reconhecimento da relação de manifestações de natureza imaterial que forja a identidade esotérica e mística dessa singela cidade das pedras e das letras, representa eixo condutor e balizador da pesquisa científica em nível de monografia.

2. METODOLOGIA APLICADA

Ao se falar em metodologia ou escrever a palavra metodologia é preciso ter consciência sobre a extensão e dimensão do termo e suas peculiaridades! E por quê? Ao se escrever um trabalho científico como se verá, o esforço para definir quais fontes buscar, escolher ou se ater por sua estatura, representa um fator determinante principalmente à sustentação das hipóteses e do enfrentamento da problemática apresentada.

Então o que fazer diante da problemática? De duas uma, ou recorrer a uma metodologia, um caminho descrito, conhecido e que outros possam compartilhar para atender ao tema estudado de modo a responder à questão subjacente, ou avaliar a proposta do trabalho e com jeito estruturar uma metodologia que possa atender ao que se busca responder com a pesquisa.

Neste contexto, o trabalho de pesquisa sobre a patrimonialização do esotérico e do místico perante a cidade de São Thomé das Letras representa um prelúdio no sentido de que não se pretende esgotar o tema a nível monográfico, dadas suas limitações, mesmo que a intenção inicial fosse essa.

Ao mesmo tempo tem-se como um interlúdio na medida em que as manifestações esotéricas e místicas são presentes, vividas e representadas no ambiente cultural da cidade de São Thomé das Letras, existem e participam tradicionalmente da cultura da cidade.

Para isto, o recorte da pesquisa se dará a partir dos anos 70 do século passado, quando a serra das letras começara a ser frequentada com maior vigor e as expressões sociais coletivas registradas a partir de longa data teriam o reconhecimento dos que ali passariam a se relacionar com o patrimônio cultural material e imaterial daquela localidade, até nosso tempo hipermoderno já gizando a segunda década do século XXI.

Bem, há quem de plano possa afirmar ser deveras fácil reconhecer o esoterismo e o misticismo como elemento formador da identidade do lugar...ênfatiza-se na esteira da facilidade... ainda que o registro como patrimônio imaterial, considerando a existência de memória ancestral e demais evidências com o reforço das atividades sociais incluindo o turismo com suas transmutações utilizadas, transformadas e ressignificadas, por si já permite o reconhecimento.

Acontece que isto é afirmado culturalmente em São Thomé das Letras, porém infelizmente não está materialmente reconhecido o patrimônio cultural imaterial e o estudo tem como esforço iluminar esta realidade existente e contribuir sinalizando o caminho de como assim o fazer, outrossim a individuação e os requisitos necessários precisarão ficar descritos e demonstrados de maneira que qualquer manifestação esotérica e mística que preencha os requisitos formais e materiais possam ser incorporados no livro de preservação e proteção do patrimônio imaterial da cidade.

A pesquisa precisou encontrar o caminho ou os caminhos de como fazer, qual metodologia adotar para que pudesse se abastecer das informações necessárias para dar conta da proposta. Adotou-se por primeiro a delimitação do período embora possa por necessidade de argumento ou memória do antepassado trazer dados e ou informações na baila da narrativa fora do recorte para provar os estudos científicos e responder à problemática aventada da melhor forma com efetiva consistência.

Para este propósito, a fonte que mais irá se destacar para este nível de pesquisa serão as historiografias encontradas e que retratam registros sobre São Thomé das Letras narrando suas características e histórias. Os estudos feitos por intermédio de artigos, normativos, disposições procedimentais, dissertações, *papers*, jornais, teses, livros, documentários e bases de arquivos que componham o acervo historiográfico servirão de supedâneo para legitimar as hipóteses da pesquisa.

Assim como Eric J. Hobsbawn, ou melhor, parafraseando-o, precisarei confiar quase que inteiramente nos materiais de segunda e terceira mão, pois foi impossível

se desvencilhar da experiência materializada dos que realizaram antes desta proposta trabalhos de estudos sobre São Thomé das Letras.

Mas que se justifica e se faz suficiente para um esboço reticular ou de tracejo, demarcar os aspectos formais da patrimonialização do esotérico e do místico da cidade de São Thomé das Letras, seus modais existentes e acima disso os meandros para reconhecimento a partir da perspectiva formal a fecundar a publicização.

3. AS MARCAS DO TEMPO NA FORMAÇÃO DE PATRIMÔNIO

A história oficial de São Thomé das Letras aponta sua origem para os idos de 1740. Em registros oficiais, pode-se considerar 1764, em que o português João Francisco da Junqueira se estabeleceu no local e requereu a sesmaria do Campo Alegre, que lhe foi confirmada apenas em 05 de abril de 1769, quando ele já ali residia e criava seus filhos (MATTOS, 2004). A partir daí, lendas e registros históricos mesclam-se e formam o relato da origem do nome, localização e formação da vila, e posteriormente cidade.

No entanto, a passagem humana pela região remonta a períodos muito anteriores, e ficou registrado nas pinturas rupestres facilmente avistadas nas paredes de cavernas e grutas que integram os sítios arqueológicos dispostos em seus arredores. (IEPHA, 1996).

A variedade de elementos encontrados nas pinturas rupestres, bem como sua dispersão pela serra em diversos pequenos painéis, faz sugerir que o local “pode ter sido uma região de intensos contatos entre grupos distintos, de domínio sucessivo de diferentes grupos ou, ainda, de significativas transformações culturais” (RESENDE, 2019).

Sobre o tema das pinturas rupestres, até para que tenhamos em mente o poder da imaginação em criar realidades imagéticas e assumi-las como verdade na ciência da história e a parentela da antropologia, etnografia e arqueologia faz-se coerente imprimir dois arestos significativos para se manter em constante reflexão na vida e no trato do historiador na forma como deve pensar, olhar e definir suas ações:

A arte pré-histórica é, portanto, quando decidimos debruçar-nos objetivamente sobre o problema, algo bem diferente daquilo que muitos pretendem que seja. As pinturas e as gravuras contem talvez uma mensagem ou, pelo menos, uma história: a história de um período mal conhecido, menosprezado. E, contudo, os indícios não faltam; aquilo que aqui foi citado não passa de um apanhado do que é possível encontrar nas grutas de França. E não existe apenas a arte franco-cantábrica, como já o disse: a África oferece ao investigador inúmeros frescos com suficientes

características dignas do nosso interesse e da nossa curiosidade. (VERHEIDEN, 1976, p. 32).

Segundo Borges ao retratar sua busca incansável sobre “Caminhos da Cultura Indígena: O Peabiru e o Neoindianismo”:

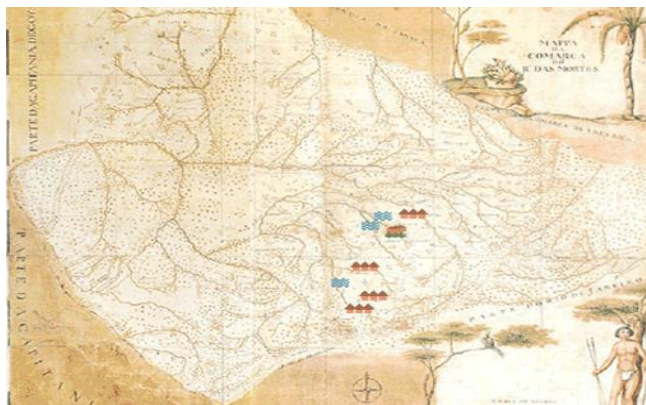
No trecho sobre fontes e documentos voltamos a historiografia para ver como os monumentos, ruínas, sítios arqueológicos ganham significação e peso histórico dependendo do que a história oficial queira legitimar em dado momento. Assim, órgãos como o IPHAN ou IHGB manipularam e manipulam o discurso oficial sobre a lembrança. As casas da Memória têm o poder de cumprir o mesmo papel, mas viraram depósitos do esquecimento. Assim, o poder manipula a história elegendo, ou não, a veracidade de um documento, ou sua elevação de status e a consequente preservação daquele objeto e não de outro. Da mesma forma que a utilização de um documento pelo poder pode transformá-lo em monumento, a memória quando utilizada pelo poder pode transformar-se em história. (BORGES, 2016, p. 122)

Por ocasião da chegada de Fernão Dias Paes e sua Bandeira, sucedida pela entrada de colonos, ao final do século XVII e início do século XVIII, a região era conhecida como “Sertão dos Cataguases”, grupo indígena que dominava o território.

Os índios cataguás, embora tivessem fama de serem bravios, exímios guerreiros e de comerem seus inimigos, não resistiram à violência e extensão das incursões dos colonos pelo interior mineiro, e muito pouco dessa cultura e de toda sua força ficou registrada em poucos estudos sobre a questão indígena mineira (RESENDE, 2005).

A despeito do redesenho deste período ao longo do tempo, séculos depois teria o romantismo impactado singularmente na forma como foi sendo apresentada a relação entre conquistador e conquistado, os atores e suas posições na construção do imaginário dos povos brasileiros (índios, negros e imigrantes) e da nação que viria a surgir a partir da independência.

Figura 1– Mapa da Comarca de Rio das Mortes, José Joaquim da Rocha, 1777, indicações da localização das sedes das fazendas da Sesmaria do Campo Alegre.



Fonte: MATTOS, 2004.

Muitos relatos recheados de inserções fantásticas são carregados pela tradição oral com pequenas diferenças entre si, mas o que há de comum entre eles indica que, na propriedade da família Junqueira, ao final do séc. XVIII, um escravo de nome João Antão teria fugido e se abrigado no que hoje se conhece como Gruta São Thomé.

Ali, teria se encontrado com um senhor de vestes brancas, que lhe entregou uma carta com instruções de levá-la ao seu senhor, pois assim seria perdoado pela fuga e ganharia sua liberdade. Antão assim o fez, e o seu senhor, João Francisco Junqueira, impressionado com a escrita perfeita da carta, incompatível com a escrita de um escravizado iletrado, de fato lhe concedeu alforria, tendo, porém, antes sido guiado por este até a gruta em que o negro fugido estivera escondido.

No local, ao invés de encontrar o senhor de vestes brancas, relata-se que encontraram uma estátua talhada em madeira de São Thomé. Levada para a casa principal da fazenda, diz ainda a lenda que essa milagrosamente sumiu e foi reencontrada na gruta.

Assim, em 1770, uma capela foi erigida no local da gruta, a primeira capela, o que estimulou a formação do núcleo de povoamento. E, em 1785, iniciou-se a construção da atual matriz (IEPHA, 1996). Esta representa uma das versões sobre a toponímia, dada a bucólica e mística cidade das pedras, hoje conhecida e reconhecida internacionalmente como São Thomé das Letras. As outras versões serão apresentadas no capítulo 10 da pesquisa.

A abundância do quartzito em aflorações superficiais na região marcou o desenvolvimento do município. Se desde o início, as lascas de pedra retiradas pela força de trabalho escrava serviram para construção das casas, muros, igrejas que marcaram o início da ocupação “oficial” da região, sua utilização se constituiu também como fonte de receita e que até hoje responde pela atividade econômica mais expressiva da cidade. (D’AURIA, 2000).

Esta abundância em formação rochosa e outros elementos que compõem o acervo do patrimônio cultural de São Thomé das Letras faz dela desde antes dos tempos desconhecidos aos tempos conhecidos possuir as mais incríveis histórias mescladas de mistérios retratando lendas, contos, aparições e presença de diversas manifestações esotéricas e místicas da região:

A pedra São Thomé se tornou peça fundamental para a transformação da paisagem cultural, dado que o solo onde a cidade foi construída é formado pelo quartzito. São Thomé das Letras ficou conhecida como “Cidade da Pedra”, já que a rocha é característica da arquitetura local, presente deste o calçamento das ruas, até as construções históricas do período Barroco, como

as igrejas e casas. Diante disso, o município possui alguns bens tombados pelo IEPHA/MG: o Centro Histórico Matriz de São Thomé e o Conjunto Histórico Nossa Senhora do Rosário e apenas um tombado a nível municipal, o Parque Municipal Antônio Rosa. Além do tombamento, a Prefeitura Municipal conta com um inventário de todos os bens arquitetônicos da cidade registrados e catalogados.

Por estar localizada próxima aos principais centros urbanos como Belo Horizonte/MG, São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ, na década de 80, São Thomé das Letras começou a atrair visitantes interessados em suas belezas naturais e principalmente pelo local onde foi desenvolvida a cidade no topo de uma montanha cercada por mitos e lendas. Esses visitantes se identificaram com o local e se tornaram moradores da cidade, representando um importante papel para as iniciativas de conservação e proteção do patrimônio cultural da degradação pela mineração e pelo turismo. Segundo Fleischer (p. 188, 2007), depois de estabelecidos, esses novos moradores começaram a abrir pousadas e restaurantes para receber turistas. Inicialmente os turistas que vinham eram familiares desses novos moradores, mas a cidadela se popularizou, em meados de 1990, como localidade alternativa e esotérica dentro do conhecido roteiro turístico do “Circuito das Águas”. Atualmente o município vem promovendo o turismo como uma importante atividade econômica geradora de empregos e renda para a população. Em 1996, a cidade foi incorporada ao circuito de Ecoturismo “Circuito Turístico Vale Verde e Quedas D’água, pertencendo também à estrada Real, o maior projeto turístico já realizado no estado de Minas Gerais. (ZAMARCO, 2016, p. 16)

A oralidade social seria o fio condutor da propagação, conexão e difusão da realidade vivida em São Thomé das Letras desde os primórdios, as condições socioeconômicas, socioculturais e outros além de contributivo, teria permitido que patrimônio material cultural encontrasse seu espaço. O movimento pendular, enviesado, e pouco linear no curso da história de São Thomé teria registrado a presenças das mais diversas formas de manifestação esotérica e mística.

4. A CIDADE DAS PEDRAS E SUA COSMOLOGIA ESOTÉRICA E MÍSTICA NAS MINAS GERAIS

São Thomé das Letras – como nasceu no imaginário a identidade assumida até pela administração municipal de “Cidade mística de Minas Gerais”? Eis aqui uma grande viagem!

Para isto é preciso pensar além do racional, é preciso ir para um outro nível cognitivo, expandir a consciência sem perder o controle de si, libertar-se dos velhos conceitos, dos preconceitos e permitir que a metamorfose ambulante não reclame a crise da razão, pois, estamos a cada instante diante de uma nova racionalidade frente uma realidade até então desconhecida. Para Ascher:

Depois da “solidariedade mecânica” da comunidade aldeã e da “solidariedade orgânica” da cidade industrial, emerge, assim, uma terceira solidariedade, a solidariedade “comutativa”, que põe em contato indivíduos e organizações pertencentes a uma multiplicidade de redes interligadas. O desafio para a democracia é, portanto, o de transformar esta solidariedade comutativa, de

facto, numa solidariedade “reflexiva”, isto é, numa consciência de pertença a sistemas de interesses coletivos. ASCHER (2010, p. 46)

Muitos vão a locais interessantes, bonitos, atraentes, mas por vezes pouco estes ambientes se explicam por si, ou neles encontramos, ou nos fornecem uma descrição razoável sobre este sentimento que nos toma como um todo. Estar nesses locais ou viver estas experiências transmite uma sensação agradável, interessante, surpreendente, nostálgica, bela – mas o que é isto? Aliás como isto é ou foi construído?

No caso de São Thomé das Letras, embora o trabalho estabeleça um recorte cronológico a partir dos anos de 1970, é impossível deixar de fazer digressões sobre aspectos históricos acerca dos primeiros excursionistas ou visitantes da cidade desde o início do século XX, ali por volta do final da década de 30.

Este processo não somente será responsável, mas irá impactar e ser determinante na construção cultural da identidade da cidade das letras em toda sua trajetória. A voz de São Thomé das Letras transcende sua posição geográfica, suas montanhas, altitudes e condições de qualquer natureza por intermédio do poder da comunicação e sua acumulação estática permitiu sustentar um discurso diferente, distinto e singular das cidades satélites vizinhas apoderando-se de seu patrimônio imaterial que permeia suas características identitárias em favor da construção de uma base garantidora de um imaginário esotérico e místico que vem na esteira de uma vocação mística por suas características particulares a ponto de ser correlacionada com a patrimonialidade imagética imaterial do Meru na Índia:

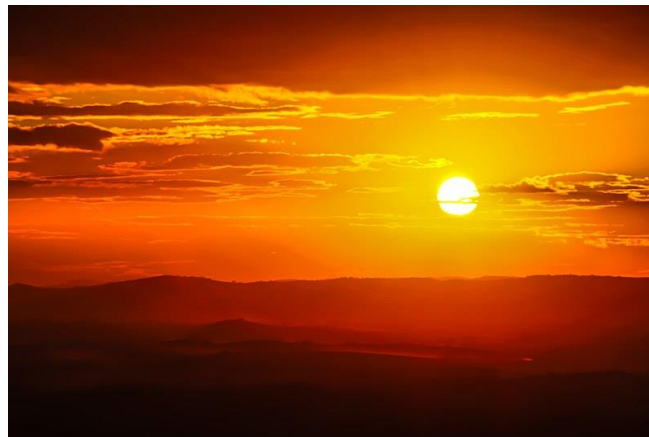
Toda transmissão regular duma influência espiritual provém dum centro que está ligado por uma cadeia não interrompida ao próprio centro primordial. Falando geograficamente, há lugares que são mais propícios que outros para servirem de suporte, desencadeando melhor esta influência. Uma geografia sagrada muito precisa determinou a situação de santuários que ulteriormente se desenvolveram e que a história registra como os mais ilustres, ou sejam: Delfos, Jerusalém ou Roma, mantendo-nos só no Ocidente. A ligação dos templos com o centro primordial foi simbolizada respectivamente pela orientação ritual e pelas peregrinações que constituíam como “retornos ao centro” pois deles dependiam. Na origem dos tempos, as montanhas consagradas pelas teofanias representavam o centro do mundo de cada tradição, como o Meru para a Índia. Sobre aquelas montanhas foram elevados os primeiros altares e celebrados os primeiros sacrifícios. Pedras erguidas, bétulas, foram, à imagem dos montes, consideradas como receptáculos da divindade. (BENOIST, 1999, p. 28-29)

Figura 2– Pôr do Sol no Kilimanjaro com vista para o Monte Meru no acampamento Shira da Tanzânia. Caminhada até a montanha mais alta Afirka.



Fonte: istockphoto.com

Figura 3 – Pôr do sol de São Thomé das Letras – em semelhança com a anterior



Fonte: Wikipedia (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:P%C3%B4r-do-sol_de_S%C3%A3o_Thom%C3%A9_das_Letras.jpg) acesso em (09/10/2022)

Figura 4 – Pôr do sol em São Thomé das Letras, visto a partir da pirâmide



Fonte: Blog Vida Sem Paredes (<<https://vidasemparedes.com.br/sao-thome-das-letras-mg/>>) acesso em (09/10/2022)

Assim, essa proposta de investigação sistematizada, a partir do estudo historiográfico em espécies (livros, revistas, artigos, estudos afins, documentários, registros, filmes, dissertações e teses), permitiu reunir informações e/ou dados, a contribuir no desbravar deste desconhecido ou pouco descrito, explicado e compreendido esoterismo e misticismo, no sentido de proporcionar a construção de uma melhor e ou nova conotação que são atributos implícitos ao seu significado, para além do vínculo direto e imediato que se manteve a partir do acesso ao acervo historiográfico.

Isto facilitou que se elucidasse a partir da pesquisa uma realidade ainda não conhecida, portanto, desconhecida, afinal de contas as coisas não existem pelas palavras, estas apenas descrevem seu objeto que são as próprias coisas até os limites da linguagem racional (é o que é... de forma direta, simples e descomplicada).

Este movimento auxiliou na formação de uma melhor e ou nova consciência coletiva social, no caso, do ou sobre o imaginário esotérico e místico de São Thomé das Letras e dos elementos que a caracterizam com esta áurea cosmológica.

É importante observar a relevância dos aspectos geográficos e suas variáveis geodésicas, geomorfológicas e paisagísticas de sua localidade, regionalidade e acervo patrimonial material e imaterial existente contribuinte na formação do seu conceito autodenominado de cidade mística construído ao longo da sua história entre épocas e gerações.

Nesse sentido, “compreender e entender” à luz do estudo científico e do conhecimento que este proporciona, viabiliza a edificação de uma melhor e ou nova compreensão e entendimento sobre a relação dos vários aspectos do patrimônio cultural imaterial que permeia a cidade de São Thomé das Letras.

Soma-se a esta descrição, a relevância do tema diante da significância ao trabalho proposto dado o desenvolvimento, a formação e a sedimentação do conceito de esotérico e místico ao longo do tempo na formação da memória cultural histórica de São Thomé das Letras.

A identidade local impregnada de histórias se dá por características pessoais que lhe são peculiares e que são responsáveis pela memória histórica e imaginária idílica, esotérica e mística da cidade, como pontuado por Zamarco:

São Thomé das Letras possui algumas cavernas cercadas por lendas incríveis como sua suposta ligação subterrânea com a cidade de Machu Picchu, no Peru, muito usada nos tempos antigos, através da Gruta do Carimbado I que, de acordo com Travassos (2008), tem 33m, e a Gruta do Carimbado II, com 212 m. Segundo Drummond et al (2005.) é um dos

municípios que contem cavernas e grutas quartzíticas com potencial para conservação de espécies de invertebrados, sendo recomendada a realização de inventários bioespeleológicos na sua área e a criação de unidades de conservação.

São Thomé das Letras passou a ser percebida como local propício a pouso de objetos voadores não identificados (OVINIS), aparições de duendes e manifestações de seres fantasiosos e fantasmagóricos. As muitas lendas que fazem parte do folclore local já incorporam de alguma forma esse esoterismo. Uma lenda local é a do Cantagalo, animal fantástico que protege as matas de madeireiros e os animais dos caçadores. O Cantagalo, que tem cabeça e rabo de galo, mas corpo comprido e garras de onça aparecem para assustar os que estão prestes a cometer algum delito. [...] a geografia da vila, situada no topo de uma montanha de quartzo e rodeada de vales, também estimula história de visitas de extraterrestres e aterrissagem de OVINIS (objetos voadores não identificados), que muitos moradores locais dizem estar associados à atratividade das pedras e localização elevada. Os discursos locais que validam a autenticidade de São Thomé das Letras como localidade turística tem origem em teorias de ufologia e esoterismo. Os elementos fantásticos e histórias tem valor e qualidade própria de São Thomé das Letras. (FLEISCHER, 2007, P. 174). (ZAMARCO, 2016, p. 38-40)

Sua referência e distinção enquanto fatores afetos a constituição histórica e sua projeção na memória imaginária da cidade e das pessoas que ali circundam enquanto nativos, forasteiros e ou turistas envolvem o ambiente esotérico e místico da cidade e que por sua vez estabelece a comunicação da cultura local em intercâmbio com as sucessivas gerações e classes sociais ali presentes. Sobre a temática discorre com propriedade Assman:

A comunicação entre épocas e gerações interrompe-se quando um dado repositório de conhecimento compartilhado se perde. Da mesma forma que as “grandes obras antigas”, como Fausto de Goethe, só são legíveis nos termos de textos maiores e mais antigos, com a Bíblia – que William Blake chamou de “o grande código da arte” -, as anotações de nossos avós e bisavós só são legíveis nos termos das histórias de família recortadas oralmente. Há, então, um paralelo entre a memória cultural, que supera épocas e é guardada em texto normativos, e a memória comunicativa, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente. Schone diagnostica a diminuição da memória nos dois níveis – memória cultural e comunicativa.

Nora descreve a crise da memória como um desacoplamento entre passado e presente. Ele fala de uma “queda acelerada em um passado morto e irre recuperável”; de um dilaceramento “do que se experienciou e ainda está enraizado no calor da tradição, no silêncio dos costumes e na repetição do que é legado por gerações anteriores”, para então identificar a força destruidora em ação: “uma onda fundamental de historicidade arrasadora”. Tudo que ainda hoje se entende como memória está “destinado ao desaparecimento definitivo no fogo da história”. (ASSMAN, 2011, p. 17-18).

A força do patrimônio, seja ele imaterial ou material, guarda em si características peculiares e impressões fundamentais que marcam de forma ímpar gerações e com ela se perpetuam enquanto repositório de uma determinada cultura, com seus significados numa espécie de códigos culturais, cristalizando o iconográfico de um determinado local ou região com seus respectivos elementos na formação da sua identidade que também representa ponto relevante desafiado pelo estudo

científico em apreço ante os efeitos dos tempos modernos e suas características. Para Assman:

Sem estes não é possível construir memória que transponha gerações e épocas – o que significa também que a constituição da memória se modifica juntamente com o estado oscilante de desenvolvimento dessas mídias. As mídias tecnológicas compreendem sistemas de escrita – no sentido mais amplo do termo – que, desde o século XIX, não conservam somente material linguístico, mas também imagens e, adicionalmente, a partir do século XX, vozes e sons. Sem descuidar do significado das recordações na construção da identidade mística de STL. (ASSMAN, 2011, p. 24)

Estes fenômenos da condição humana existencial, sua relação com o mundo e o pertencimento pela identificação onde as pessoas vivem, pensam, comentam, sentem, dialogam e muitas outras formas de manifestações sociais acontecem contribuem positivamente na formação e registro das mídias, livros, filmes, documentários associados a vivência formando fontes que retratam as características de São Thomé das Letras, dando a ela uma conotação simbologicamente esotérica e mística pelo reconhecimento da singularidade de seus atributos que merecem do pesquisador zelosa atenção diante do fenômeno da modernização que luta em atrofiar as tradições culturais válidas de uma sociedade. Sendo necessário explorar algumas ideias de Huyssen:

O diagnóstico de Lubbe postulou um historicismo expansivo da nossa cultura contemporânea e o autor alegou que nunca um presente cultural havia estado obcecado com o passado a nível semelhante. Lubbe argumentou que a modernização é inevitavelmente acompanhada pela atrofia de tradições válidas, por uma perda de racionalidade e pela entropia de experiência de vida estáveis e duradouras. A cada vez maior velocidade da inovação técnica, científica e cultural produz quantidades cada vez maiores daquilo que breve será obsoleto, e encolhe objetivamente a expansão cronológica do que pode ser considerado o (inovador) presente em qualquer dada altura. (HUYSEN, 2014, p. 20)

Ainda arremata o mesmo autor, mais adiante:

O espaço e o tempo são categorias fundamentais da experiência e percepção humanas, mas longe de serem imutáveis, são bastante passíveis de mudança histórica. Um dos lamentos permanentes da modernidade diz respeito à perda de um passado melhor, a memória de viver num sítio seguro e circunscrito, com um sentido de fronteiras estáveis e uma cultura ligada ao local com o seu fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes. Talvez esses dias tenham sido sempre sonho e não realidade, uma fantasmagoria de perda gerada pela modernidade em si mais do que pela sua pré-história. Mas o sonho é residente e aquilo que chamei a cultura da memória pode muito bem ser, pelo menos em parte, a sua encarnação contemporânea. (HUYSEN, 2014, p. 22)

E conclui:

Os nossos próprios descontentamentos fluem, em vez disso, a partir de uma sobrecarga informacional e perceptiva combinada com uma aceleração cultural com que nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão adequadamente equipados para lidar. Quanto mais depressa somos empurrados para o futuro global que não inspira confiança, mais forte é o

nosso desejo de desacelerar, mais nos voltamos para a memória em busca de conforto. (HUYSSSEN, 2014, p. 23)

Todo este esforço fez surgir o despertar e consequente engajamento na pesquisa em volta da memória histórica do patrimônio cultural imaterial. O interesse em envolver-se é significativo porque alimenta não apenas o desejo ou vontade, mas ativa o senso de curiosidade, comprometimento, dedicação e perseverança na caminhada a ser realizada diuturnamente na busca incessante de tudo que se precisará fazer para atender a problemática levantada na medida em que os limites entre compreensão racional, esotérica e mística encontrem compreensão em estatuto próprio, vocabulário e simbologia. Para Benoit:

É menos um meio de expressão do que um modo de exposição. O símbolo é um gênero cujas diferentes variedades, palavras, sinais, números, gestos, grafismos, ações ou ritos são espécies. Enquanto que a lógica racional da gramática está ligada ao sentido físico e literal, os símbolos gráficos ou “praticados” são sintéticos e intuitivos. Eles oferecem motivos de evocação indefinida permitindo até traduções em valores opostos e complementares. Entretanto se levarmos até o cabo a procura das origens, até o sentido literal provém de um primeiro símbolo cuja imagem há muito tempo foi apagada pela inconsciência do hábito. A ciência dos símbolos está fundada sobre a correspondência que existe entre as diversas ordens de realidade, natural e sobrenatural, a natural sendo então considerada somente como a exteriorização do sobrenatural. A regra de ouro do simbolismo anuncia que uma realidade de certa ordem pode ser uma realidade de ordem menos elevada, enquanto que o inverso é impossível pois o símbolo deve ser mais acessível do que aquilo que representa. Esta regra dimana da harmonia necessária ao sustento do mundo apanhado em um certo momento, dentro de um equilíbrio cósmico onde cada parte é homologa ao todo. Assim, a parte simboliza a totalidade, o inferior testemunha para o superior e o conhecido supre o desconhecido. (BENOIST, 1999, p. 21)

Ao mesmo tempo que força o cientista a definir com clareza os critérios do que se quer ... o que se pretende ... e o que é possível desenvolver... com o trabalho, dados os limites do seu tempo em aliança às condições atuais, os acessos, possibilidades e debilidades!

Com toda esta jornada a frente tem se materializado o objetivo almejado! Se formatado enquanto pergunta podemos converter na seguinte indagação: Por que estudar “A patrimonialização do esotérico e místico na cidade de São Thomé das Letras – MG”?

Porque, ao conhecer a cidade, a falta de respostas permeadas com uma série de suposições, colocações sem devido conhecimento sobre quais seriam os elementos que compõem a formação daquele imaginário místico local, ficaram as respostas a vagar em hiatos inconsistentes, seja pela fragmentação das sentenças declarativas, seja por quaisquer outros fatores a mitigar a comunicação, o que fez gerar este tipo de inferência, dando uma sensação de má informação ou

desinformação; talvez pela falta de um estudo estruturado a respeito das indagações feitas seja porque a desnutrição a respeito do que precisa ser explorado ainda adormece sobre a temática em questão.

Então, a possibilidade de resgatar, ordenar, concentrar e estruturar o conhecimento na descrição dos objetos de interesse do estudo sobre a questão central do esotérico e do misticismo em São Thomé das Letras tornou-se uma pauta inadiável da pesquisa a ser realizada à combustão de um consciente entusiasmo!

5. A GEOGRAFIA E GEOLOGIA DA SINGELA CIDADE DAS PEDRAS

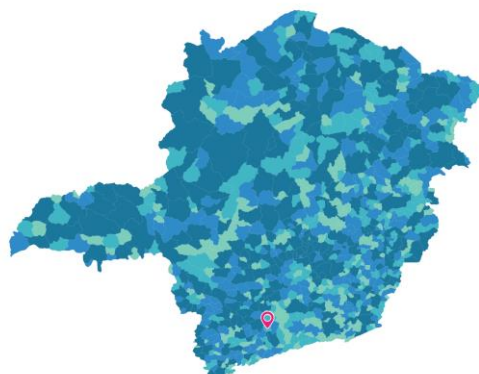
Uma cidade de pedra incrustada em pedras – assim podemos começar a falar sobre São Thomé das Letras. Pequeninha em tamanho e em população, mas gigante na fama, reputação e na memória das pessoas, São Thomé das Letras é uma típica cidade que nasceu nas Minas setecentista e que até hoje guarda algo de bucólico, singular e quiçá misterioso.

Com uma área de 369,747 km² e uma população estimada em 7.151 pessoas (IBGE, 2021), São Thomé das Letras está localizada no sul do estado de Minas Gerais, a uma altitude de cerca de 1.400m, na região da Serra da Mantiqueira, a aproximadamente 331km da capital mineira, na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas.

A pequena e singela cidade pode ser avistada no cume de uma montanha de pedra, completamente cercada pelas minas de exploração da pedra São Tomé, quartzito de um tipo tão único, mas comum em decorrência da formação geomórfica, que recebeu a toponímia do nome da cidade das pedras e das letras. Aqui alguns contos buscam legitimar a denominação desde o escravo Antão que houve fugido e retornado com uma carta escrita pelo messiânico e lendário Tomé conforme descrito no capítulo 04.

Uma outra versão diz se sobre o uso do ambiente cárstico de uma gruta ou caverna por um padre jesuíta à contemplação da fé houvera deixado a imagem de Tomé ou esquecido eventualmente por circunstâncias desconhecidas ou por, em meio ao movimento das bandeiras, a região também ter sido explorada. Em todas as situações, a imagem sacra de São Tomé é relacionada e tida como encontrada na região, recebendo depois a construção de um abrigo, consequentemente a edificação de uma igreja e assim servindo como epicentro para surgimento da vila e consequentemente urbanização futura.

Figura 5 – Mapa demonstrando a posição geográfica de São Thomé das Letras no estado de Minas Gerais



Fonte: IBGE Cidades (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-tome-das-letras/panorama>)

Com IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) medido em 2010 de 0,667 (IBGE, 2010), ocupando a 448ª colocação no ranking do estado de Minas Gerais e a 2738ª colocação no ranking brasileiro. Apresenta PIB per capita (2019) de R\$14.787,36, apresentando-se em 463º lugar no estado de Minas Gerais e 3846º no ranking brasileiro.

A economia é antropicamente movida pelo setor de Serviços e Agropecuária. Não serão certamente esses números, no máximo medianos, que destacarão a pequena localidade, nem tampouco os traços de progresso, industrialização ou ainda modernidade.

Bem ao contrário disso, São Thomé das Letras é um daqueles lugares em que o tempo, inexplicavelmente, parece correr mais devagar. Aqui e ali, os sinais de modernidade despontam nas construções, nos meios de transporte, nas vestes e falas das pessoas.

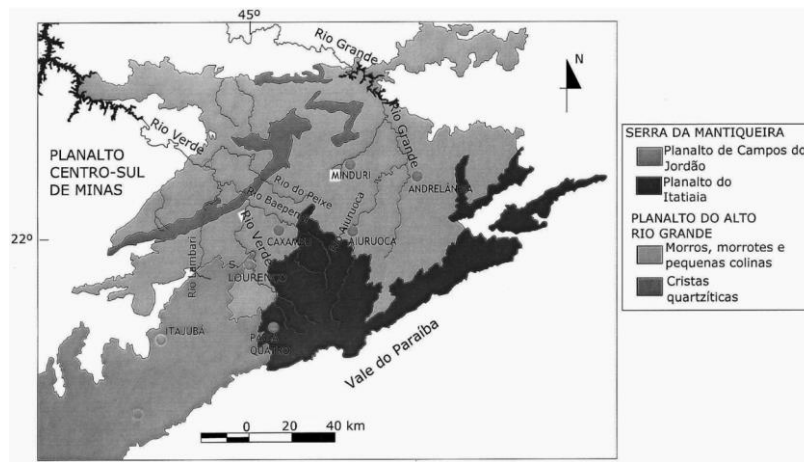
Mas a identidade da cidadezinha está nas pedras que calçam boa parte de suas ruas, pedras com as quais casas, igrejas, muros e quintais foram erguidos e construídos, embora estas características aos poucos venham sendo modificadas pela intervenção de outros tipos de materiais destinados às construções na cidade.

Falar de São Thomé das Letras implica, necessariamente, em começar pelas pedras. Essas que compõem a paisagem natural, e que movidas pelas mãos humanas, integram também a paisagem da urbe. Mas no conjunto, suas reservas naturais compostas por cachoeiras, grutas, cavernas, montanhas e sua elevada

altitude integra o seu patrimônio cultural imaterial desde os mais longínquos períodos fanozóico e cenozóico.

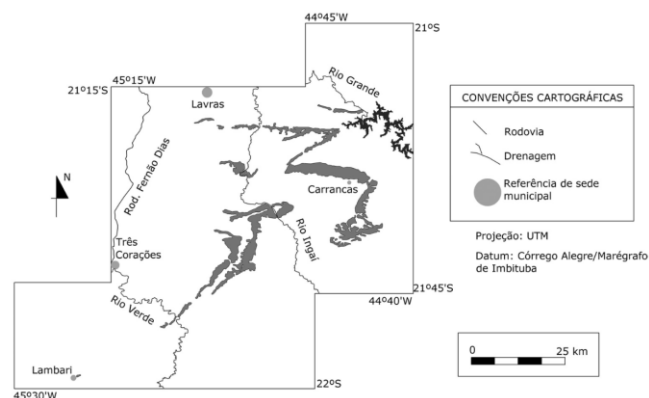
Para melhor compreender sua geografia a representação por intermédio de mapas ilustrando as cristas quartzíticas, bem como contendo a forma de distribuição dos complexos rupestres de altitude permitem visualizar sua localização e sua condição de georreferenciamento e planialtimétrico.

Figura 6 – Mapa demonstrando a localização das cristas quartzíticas na região sul de Minas Gerais



Fonte: MARQUES NETO, 2014.

Figura 7 – Mapa demonstrando a distribuição dos complexos rupestres de altitude em quartzito no sul de Minas Gerais



Fonte: MARQUES NETO, 2014.

A cidade de São Thomé das Letras está literalmente, como dito acima, incrustada em pedras, na Serra de São Tomé. As formações rochosas que afloram no local possuem origem no período Cenozóico sucessivo à era Fanozóica, compostas inteiramente de quartzitos, cobertos por solos pobres (COSTA, 2018). No mencionado

período, o movimento da terra criou montanhas e vales, sucedendo-se um após o outro, e que criaram a aparência traduzida pela expressão popular “mar de morros”.

A mineração da pedra São Tomé, segundo D’AURIA (D’AURIA, 2000), pode ser decomposta em cinco fases. A primeira, apenas contemplava a retirada dos primeiros fragmentos de rocha para construção dos primeiros templos e morada dos colonizadores, que perdurou até o final do século XIX. A partir daí, até o início da década de 1940, iniciou-se no alto da serra a “indústria da pedra”.

A terceira fase, entre décadas de 1940 e 1970, quando se incorporou a utilização de explosivos nas lavras. As décadas de 1970 a 1990 marcaria a quarta fase, em que se inicia o controle por agentes fiscalizadores em resposta a denúncias de degradação ambiental. E por fim, a quinta fase, em que as mineradoras passaram a procurar atender as demandas dos órgãos ambientais fiscalizadores e assim pudessem garantir a permanência da atividade de mineração no alto da serra.

Os afloramentos de rocha compõem ainda “um cenário rico em cavernas, paredões, grutas e gargantas profundas, por onde serpenteiam os vários córregos que nascem na região serrana central e que, ao descer formam belas quedas de água cristalina” (D’AURIA, 2000).

Esses atributos integram o complexo paisagístico, que por sua peculiaridade e beleza, responde por boa parte da atratividade turística da região, embora desconhecido dos seus valores e relevância no plano da cultura patrimonial da cidade por estar ausente do registro público do patrimônio cultural imaterial da cidade de São Thomé das Letras.

A soma de todas estas características faz de São Thomé das Letras uma cidade única, antropicamente sede da indústria do quartzito, do crescimento demográfico, do turismo conforme mencionado atualmente regulamentado por intermédio da Lei 1.506/2019 embora não abranja o ecoturismo, plano de manejo e o arranjo de produto local e da erodida atividade agrícola onde o solo assim ainda permite. Este conjunto de ações mediadas pela presença de pessoas é responsável pelo surgimento do fenômeno da gentrificação.

Mesmo não sendo o cerne da proposta do presente trabalho, compreender o conceito e seus impactos nos auxilia no entendimento da geografia da cidade em movimento até como ponto que merece reflexão quando o tema de referência contém o incontornável desequilíbrio entre os atores que ocupam a cidade e as atividades que

ela culturalmente e economicamente protagoniza em seu cotidiano, como defendido por Zolini:

... novos problemas se apresentaram com as ações de preservação de núcleos urbanos, em curso nas últimas décadas do século XX. Uma situação comum para a revitalização da paisagem patrimonial era o soerguer econômico dos conjuntos históricos por meio do turismo ou investimentos em requalificações urbanas. Mas essa revitalização quase sempre se configura como uma hipervalorização, que com o passar dos anos transforma o espaço urbano em resultado de um processo de gentrificação, eliminando assim, a cultura autóctone, e consequentemente, bens materiais e imateriais que originalmente conformaram estes núcleos. (ZOLINI, 2007, p. 15)

O citado autor denuncia os problemas da gentrificação e ao mesmo tempo traz mecanismo de lida inclusive porque reconhece o espectro ampliativo da Constituição Federal Brasil em seu artigo 216 a ampliação protetiva não somente ao patrimônio histórico e artístico nacional por intermédio da autarquia do IPHAN vinculada ao Ministério da Cultura a proteção do patrimônio cultural expressão muito mais ampla porque alcança as classes dos bens materiais e imateriais.

No mais, se a cidade representa o depósito das memórias da humanidade segundo Ruskin, a materialização de outras condicionantes a exemplo da: Carta de Washington em complemento a Carta de Veneza, Declaração de Estocolmo, Declaração do México integra conceitos e formas a complementar os aspectos especiais e protetivos abrangendo em suplementação, complementação ou inovação ações de preservação das memórias históricas das cidades.

A preocupação em preservar o ambiente natural enquanto escopo a proteção patrimonial. Outrossim, o alargamento do conceito de cultura a proteção e preservação dos bens imateriais que compõe a identidade dos povos e suas culturas em suas mais diversas formas, modalidades e expressões:

Mas já na década de 1970, a efervescência no ambiente internacional, onde se debatiam princípios e teorias para a preservação do patrimônio cultural no mundo, tornou essas questões mais fortes. Por meio do “Compromisso de Brasília”, em 1970, o Brasil entra definitivamente na discussão dos problemas do patrimônio cultural (LE MOS, 1981). O DPHAN, órgão federal responsável pela proteção do patrimônio nacional, muda seu nome para IPHAN e segue à frente dos trabalhos de preservação.

Além disto, foi necessário instituir órgãos estaduais e municipais destinados a complementar a ação nacional do IPHAN. Um exemplo foi a criação em 1971 do IEPHA/MG, que tem atuação relevante pelas várias obras arquitetônicas, conjuntos urbanos, elementos artísticos e culturais preservados e ainda presentes em Minas Gerais.

Nessa mesma década, a partir da Declaração de Estocolmo, em 1972, a UNESCO amplia ainda mais sua abrangência para entender que o meio ambiente natural também deve ser alvo de proteção patrimonial. Além disto, também o conceito de patrimônio cultura, defendido pela UNESCO a Recomendação de Paris em 1972, apresenta-se mais apurado e abarca tanto o objeto, o monumento excepcional, o conjunto urbano e o “exemplar menor” que reflitam valores de uma cultura, como os “lugares notáveis”, onde os

valores excepcionais etnológicos, estético, histórico ou antropológico possam ser reconhecidos.

Mais adiante, os bens imateriais também seriam englobados (DECLARAÇÃO DO MÉXICO, 1985). Isto acontece porque o conceito de “cultura” é ampliado pela antropologia, passando a ser um considerado como toda a manifestação do homem que venha a gerar identidade, além dos espaços fisicamente alterados por sua atuação e vivência, isto é, ecúmeno. Assim, as línguas, mitos, crenças, saberes, estórias, festas, folclores, poemas, culinária, entre outros, unem-se à arquitetura, ao ambiente natural, aos bens móveis, sítios espeleológicos, arqueológicos e à paisagem urbana. Desse modo, percebe-se que o patrimônio cultural é a paisagem cultural herdada de nossos antepassados, essencial para a construção de nossa identidade e cosmologia. (ZOLINI, 2007, p. 21-22).

À luz desta grande jornada que nos inspira, infere-se que ao mesmo tempo no período em que São Thomé das Letras passava gozar de uma notória e reconhecida identidade esotérica e mística em decorrência de todo o patrimônio material e imaterial, em especial atrelada a sua atmosfera histórica paisagística face sua singularidade geomórfica.

No mundo conforme entremente os anos 60 e 70 do século XX germinava uma preocupação com a proteção, a preservação e vigília da relação entre patrimônio, cidade e sociedade de uma forma mais ampla, até por conta do crescimento demográfico que passara se acelerar em decorrência de um momento de redenção que o mundo vivia naquela época, nota-se que os primeiros 50 anos do século XX a imersão em duas guerras impactaram profundamente a sociedade daquela época em todos os seus aspectos, influenciando inclusive os movimentos de contra cultura e construção de sociedades alternativas.

O século XX iniciou depois do segundo quarto, mas foi no fim do terceiro quarto que a guerra fria chegaria ao fim, as ditaduras fracassariam e a geração aquariana começaria a sinalizar por mudanças. Com a complexa e atroz velocidade com que as cidades e as relações sociais foram acontecendo, com o advento da mudança de comportamento fruto da chegada da cultura à mesa enquanto produto a ser consumido impulsionado pelo turismo e suas modalidades acelerado pelo advento da tecnologia a ativa ação dos mecanismos a contenção do crescimento equilibrado e sustentável passou a assumir uma posição proeminente.

Exigindo uma melhor forma para sua realização, passando a exigir e fazer parte de uma agenda ativa com estratégias contendo técnicas de como fazer melhor frente a uma realidade diversa e aniquiladora do espaço público e suas culturas:

A conservação estratégica nada mais é que um controle mais rígido do fluxo de visitantes em determinados sítios históricos (CHOAY, 2000). Em alguns lugares, chega-se ao extremo de vetar a entrada de turistas, como na caverna de Lascaux ou nos túmulos do Vale dos Reis no Egito, criando-se

paralelamente um simulacro para as visitas. [...] Pode parecer então que, ao combater essa espetacularização, minimiza-se a gentrificação. Porém, combater esse espetáculo patrimonial atingiria uma das mais fortes indústrias mundiais, a do turismo, que é a principal economia de muitas cidades no mundo, e que oferece muitos postos de trabalho diretos e indiretos. O entanto, esse mesmo turismo é reconhecido e comprovado como um potencial agente destrutivo do patrimônio histórico e cultural. Novamente a encruzilhada da vitalidade econômica das cidades se apresenta. Mas não deve fugir desse impasse, e sim deixar claro as prioridades que estão arraigadas em propostas perenes e não em justificativas efêmeras. A máquina do turismo deve ser controlada sob pena de se perder a consciência de nossa identidade coletiva. (ZOLINI, 2007, p. 30-31).

Estas condições sinalizam que as vilas de outrora ao ceder espaço para o surgimento das cidades advém ao longo do tempo influenciando e sendo influenciadas. O modelo clássico fora substituído pelo modelo industrial e agora ao que tudo indica o espaço urbano passará por mais uma transformação diante do advento da hipermodernidade.

Manter a tradição, o controle e valer-se de todos os mecanismos considerando cada realidade parece ser o ponto de partida. Ainda que as experiências sejam positivas, as realidades são diferentes... ainda que o passado tenha sido vitorioso, não podemos esquecer que as condições atuais são completamente diferentes. Não que o aprendizado não seja importante, mas não é determinante ao desafio do novo mundo com suas características singulares.

É preciso parar e avaliar melhor, tomar providências e implementar uma agenda racional que converse com a rede de necessidades, prioridades, considerando as possibilidades e as debilidades. Monitorar o comportamento e com a ajuda da tecnologia agir com imediatidade ou simplesmente é suscetível que “ser” arrastado não seja o mesmo que “ser” levado ou se deixar ser levado em um mundo em rápida transformação.

6. O ESOTÉRICO, O MÍSTICO E SUA RELAÇÃO COM SÃO THOMÉ DAS LETRAS

Talvez o esotérico e o místico sejam aquele recanto em que a razão tenha se encarregado de adormecer ou sequer tenha feito parte, não que desconheça, mas porque não participe da mesma cognição, vocabulário e simbologia, enquanto relação imanente com outros níveis de consciência que tenham relação com esotérico e o místico. Esses, como veremos, tem como finalidade fazer com que o conhecimento siga uma escalada em outros níveis relacionados à sabedoria, ao ser e ao plano espiritual.

Em essência ou forma o homem moderno nutre-se da racionalidade que o faz pensar e agir segundo seus próprios e ou únicos esforços em seu cotidiano. Nesse sentido, pensar racionalmente ou valer-se de faculdades mentais dessa natureza parece ser o único e último nível de inteligência enquanto estágio da perfeição deste indivíduo das luzes e dos séculos que se sucedeu, mitigando, portanto, o pensamento esotérico, místico ou o que permita transcender sua alma por estar fora do círculo do pensamento racional. Vejamos como esclarece Murdoch sobre o pensamento:

O mundo interior ou mental é inevitavelmente parasita do mundo exterior tem uma “natureza parasita e opaca”. A precisão de qualquer processo de pensamento depende da “possibilidade de ser reconhecido, escrutinado e identificado por observadores a partir de diferentes pontos de vista; essa possibilidade é essencial a qualquer realidade definida. “o jogo mental, livre de qualquer realidade expressão em discurso audível ou em ação visível, é uma realidade, assim como o jogo de sombras é uma realidade. Mas qualquer descrição de sua expressão natural em discurso e ação.” “O assentimento que ocorre dentro da mente e não em um processo de comunicação, quando nenhuma questão foi apresentada ou respondida é um assentimento opaco e um ato opaco.” “O pensamento não pode ser pensamento, ao contrário do devaneio ou da meditação, a não ser que se dirija a uma conclusão, seja na ação ou no julgamento.” Mais ainda: o pensamento e a crença estão separados da vontade e da ação. “Nós tentamos, no discurso e no pensamento comuns, manter a distinção mais absoluta possível entre pensamento e ação.” Assim, o pensamento não é ação, mas uma introdução à ação. (MURDOCH, 2013, p.14-15).

Dessa forma, a ação no mundo exterior parte do pensamento não ultrapassa o *status* ou conceito de introdução, outrossim, o deslocamento e o movimento no mundo permitem o registro da ação que é em si movimento para a construção do pensamento.

No contexto do mundo externo o que teria nele... senão, sensações e impressões relacionados ao que nele se relacionam por meio de um conceito, forma ou meio de pensamento de natureza “racional” previamente eleito, eis a razão e seu estatuto.

Ao dinamizar a razão é possível afirmar em primeira ordem que ela não existe. No entanto, vendo como ela se estrutura para dar conta organizacional do seu funcionamento percebe-se que ela opera com regras de lógica dedutiva, indutiva e discursiva sem que consiga remontar a causa primeira na medida em que ela parte sempre de um conceito estabelecido ou posto “postulado”. Isto se certifica com facilidade ao retroagir em qualquer tema na ordem inversa, o interlocutor em determinado momento apresentará posição inconclusiva porque desconhece a causa primeira.

No plano operacional a razão funciona por meio de uma caixa de função ou funções que se dá pelas faculdades mentais do cérebro humano em conexão com uma linguagem que exterioriza o que se processa, entende, compreende e responde. Eis que a caixa de função interage com o mundo segundo as regras da lógica, da língua e da gramática. Os processos de respostas retratam realidades, afirmações, certezas e conclusões, porém, sem garantia porque a causa primeira não é alcançada. Por que funciona? Porque estabelecemos esta forma de comunicação racional no mundo sensível que vivemos.

Por outro lado, não se pode descartar da espécie humana a possibilidade da presença do pensamento esotérico e místico em conexão com uma nova consciência ou simplesmente uma consciência espiritualizada. Seria esta distinção ou relação uma opção ou escolha evolutiva?

Filósofos como Pitágoras, Parmênides e Platão foram, assim, os pais fundadores de nossa visão do mundo mecanicista, visto que Galileu, Descartes e outros homens da Renascença traduziram na nos empreendimentos científicos e tecnológicos que vêm dominando a experiência humana desde então.

Se as coisas tivessem ido pelo outro caminho? E se Tales, Anaximandro e Heráclito, os filósofos orgânicos que viam o cosmos todo como uma coisa viva, tivessem alcançado vitória nos debates da antiga Grécia? E se Galileu, que fazia experiências tanto com o telescópio quanto com o microscópio, tivesse utilizado este último para procurar evidências para a teoria de Anaximandro da evolução biológica na terra, ao invés de observar os céus para confirmar a mecânica celestial de Aristarcos? Em outras palavras, e se a ciência moderna e nossa visão da sociedade humana tivesse evoluído a partir da biologia orgânica e não da física mecanicista? (SAHTOURIS, 1991, p. 18-19)

Este mistério de como tudo seria se a evolução da espécie fosse pelo caminho da biologia orgânica (análise do campo contrafactual) poderia cancelar um traço ou esclarecer acerca do esotérico e do místico na realidade do viver da espécie gregária humana. Ainda incipiente em muitas coisas, outrora sem saber como lidar ou realizar seus feitos caminha a trilha da existência em busca de se autoconhecer, se realizar e se descobrir. Este divisor ou conversor da experiência da consciência é explorado por Alverga:

Mas a grande ferramenta está na consciência. Pois cabe a ela projetar e elaborar a matéria prima dos pensamentos num processo de ideação Divina. O trabalho espiritual tem início quando a consciência se firma e se reconhece como ferramenta dessa criação, optando pela realidade e pela vida espiritual. Qualquer projeto de vida espiritual deve necessariamente fundamentar-se numa ética de amor e caridade, de ideais solidários e abnegados, isenta de qualquer interesse particular. (ALVERGA, 1992, p. 59)

É uma jornada íngreme, com renúncia, abnegação e muita elevação. O esotérico e místico se revelam pelo viés do desconhecido campo do não sensível, no

alcance do sagrado e suas experiências, do divino e do espiritual e das simbologias que permitem que o homem desde os tempos mais remotos possa exercitar este contato além das suas limitações racionais.

Esta experiência com o sagrado, a transcendência existe, ela acontece mutuamente com o indivíduo, mas precisa ser construída por cada persona. Segundo Alverga: (1992, p. 69):

“Só com muita determinação e humildade vamos desmascarando as imposturas, seduções e enganos de nossas inclinações inferiores, ávidas por se apropriarem ou conterem o fluxo da correnteza do amor, turvando suas águas límpidas com desejos e falsificações. (ALVERGA, 1992, p. 69)

Este eixo ou este caminho dos mistérios da consciência permite ao ser humano ser capaz de ser mais do que a semelhança do seu criador e nutrir-se de seu conhecimento para saber sobre suas leis e por intermédio delas e seus rituais estabelecer conexão da alma com uma divindade ou força espiritual.

O místico então exige encontrar-se no estado para a transcendência além do plano da racionalidade. Sendo assim, este estado da alma exige dela “alma” um prévio processo de preparação, e devemos suspeitar quando a razão nega outros estados de cognição, como exposto por Benoist:

Pois se é lógico respeitar os princípios da razão, que não estão em pauta, obedecendo ao mesmo critério não se deve restringir os limites “todo sistema é verdadeiro no que ele afirma, e falso no que ele nega”, já dizia Leibniz, um dos fundadores do cálculo infinitesimal. Toda negação amputa a realidade duma parte do possível, que a ciência tem por tarefa esclarecer. Não é, portanto, lógico reduzi-la a seus aspectos racional e técnico, por mais válidos que eles sejam em seus terrenos. (BENOIST, 1969, p. 07)

O caminho deste processo não se estrutura a partir de uma mera recitação ou recordação com seus arbustos subjetivos ou imaginários, mas em um formato mais sublime da anamnese. Segundo Assmann:

“[...]a anamnese prescinde de dispor ativamente seus “momentos eternos” irrompem de maneira tão imprevisível quanto descontrolada e rasgam fendas na tessitura fortemente intencional da identidade composta pelas recordações”.

A irrupção que é o processo de elevação ou que seja realizado por este processo. Melhor dizendo, elevar exige irromper, ultrapassar, rasgar... pressupõe o protocolo de fases sem as quais o fenômeno não aconteça. Assmann (2011, p. 119) “Esse estado se desenvolve em uma sequência de fases: suspensão da gravidade, perda da consciência desperta, transição para um estado de flutuação; relaxamento, expansão da alma ao máximo da exterioridade; embotamento, silêncio crescente e pleno aquietamento; contato entre ser humano e natureza, imersão do divino na alma” (ASSMANN, 2011, p. 119)

Em trecho de fôlego Assmann (ASSMANN, 2011 p. 121 – 122) consegue explicar a trajetória para a conexão da alma com a divindade religiosa e suas formas ou outra proposta de vida transcendental pela via da transformação de ritmos ao

escalar outros níveis, isso se dá, porque da mesma forma que ao subir para um local elevado pode se subir degraus de uma escada, o homem em sua trajetória pode escolher a curvatura em ascendência para sua vida que se dá nos ciclos dos anos, das estações e dos dias.

Parece que a linguagem ou a estrutura cognitiva da consciência e das faculdades mentais, uma vez desconectada da tradicional razão da física mecanicista, representa um elemento singular enquanto credencial de acessibilidade de e/ou para outros níveis de consciência e conexão entre a alma e o divino. Para isto, o hábito intelectual o coloca em uma outra rota, busca outras formas e tipos de conhecimento para compreender sua psique e seu espírito.

A mazela do tempo é a versão romântica do *status* que decaiu. Esse status consiste no descarte de uma forma de duração da própria natureza. Esse mergulho no tempo significa alienação. A cada teoria da alienação pertence uma visão salvífica de unidade. A gnose figurou o mito dessa teoria como drama entre esquecer e recordar. Duas recordações conflitantes lutam uma contra a outra: uma que desindividualiza e é participação no divino, outra que individualiza e necessariamente aborda o ser humano em sua viagem pela vida. A segunda recordação é o esquecimento da primeira; a recordação divina é radicalmente obscurecida e recalcada pela que se adquire na vida terrena. Gnose nada significa senão reconstrução da primeira recordação, reencontro de seus vestígios baços. No limiar da Era Moderna, ideias gnósticas provocaram desvios. Colocavam em questão o projeto da Modernidade. Locke empenhou-se por refutar doutrinas com a da anamnese ou a da reencarnação, porque concepções como essas se interpunham à consolidação da pessoa burguesa. Individualidade e identidade, unicidade e imputabilidade passaram a ser exigências sociais e políticas imprescindíveis. Qualquer desvio desse self em direção à desindividualização minava o conceito moderno de identidade. Duas a três gerações mais tarde, os princípios pelos quais Locke lutava haviam se tornado realidade social. Entretanto, nesse interim, eles também haviam revelado seu lado negativo como individualismo voltado à propriedade. A sociedade que Locke projetara havia se desmascarado como uma sociedade de egoístas. Sob essas condições surgiram novos problemas: a domesticação do proveito próprio, a força social que vincula indivíduos, a superação metafísica da alienação e do isolamento. [...] O projeto empírico de Locke do ser humano como *self* visa situá-lo como ser social em um mundo que se moderniza com rapidez. De outra parte, a visão espiritual do ser humano com alma, defendida por Wordsworth, pretende ligá-lo a suas origens divinas, transindividuais. Locke concebe-se como fundador moderno do saber. Wordsworth como profeta de uma sabedoria perdida. Quem indica o caminho até ela é a anamnese, que conhecemos enquanto face inversa da *recollection*. (ASSMANN, 2011, p. 119).

O saber lockeano está lastreado meramente na linguagem em uma construção empírica da realidade enquanto para Wordsworth a linguagem humana é considerada, porém superada pela linguagem da natureza permitindo a conexão e integração do homem, sua alma e o divino que se evidencia por intermédio da anamnese.

A anamnese é um conceito abstrato, mas traduzindo para uma língua inteligível e prática significa a forma de passar deste mundo para um outro. Uma outra dimensão

acima do mundo do domínio racional em uma experiência de transcendência, não se esquecendo ainda que a anamnese representa um outro nível de recordação em que o estado místico da alma ultrapassa a consciência:

“A gnose figurou o mito dessa teoria como drama entre o esquecer e o recordar. Duas recordações conflitantes lutam uma contra a outra: uma que desindividualiza e é participação no divino, outra que individualiza e necessariamente aborda o ser humano em sua viagem pela vida”. (ASSMANN, 2011, p.121)

A gnose, enquanto reconstrução da primeira recordação, está apoiada na memória da alma além da consciência racional, enquanto a outra recordação nada mais é que a memória construída pelo ser humano em sua viagem pela vida sob o estatuto de uma consciência racional.

Ambos os caminhos são questionáveis, na medida em que envolvem conceitos mentais em oposição aos físicos, exigindo assim ao menos para um dos caminhos uma análise genética, o que poderia em tese dar respaldo até o limite de seu alcance as controvérsias da recordação desindividualizada da anamnese, neste sentido pontua Murdoch:

E “é característica dos conceitos mentais, em oposição aos físicos, que as condições de sua aplicação só possam ser entendidas se forem analisadas geneticamente”. São declarações sucintas do que já havia sido argumentado em *Thought and Action*. Hampshire agora nos oferece um retrato do “homem idealmente racional”. Essa pessoa seria *consciente de todas as suas lembranças como lembranças*. [...] *Seus desejos estariam ligados a possibilidades específicas em um futuro específico [...] distinguiria sua situação presente das lembranças inconscientes do passado [...] e encontraria seus motivos para agir na satisfação de suas necessidades instintivas dentro dos limites das características objetivamente observadas da situação*. (MURDOCH, 2013, p. 16).

Independentemente da forma de recordação, visto neste caso não ser o objeto da presente pesquisa, todavia, ainda assim exige descrever de que se trata da recordação que desindividualizada e a outra que individualizada...importa descrever que a recordação em si se apropriando do entendimento de Assmann em paráfrase...ela desempenha um papel instrumental de unicidade para momentos significativos e que por isto ficam registrados na memória.

Ainda com base na compreensão da autora em alinhamento com Wordsworth... o indivíduo forja a si mesmo com as matérias das recordações e com a força da imaginação. Assmann ainda hesita: “Ele não tira mais seu elã da prova puritana da consciência, mas da força poética da imaginação. O poema *Memory* recorda que um resíduo de culpa oculto também impulsiona o trabalho poético da recordação”. (ASSMANN, 2011, p.124)

Dividido entre as recordações e cercado pelo puritanismo da consciência, a ideia de perfeição do pensamento e seu estatuto moral parece ser um problema ao homem, as suas realidades, suas crenças e a prova de um mundo e seus mundos e suas dimensões. Mas se reserva a criar a si pelas recordações e por força da imaginação enquanto escala de um tipo de memória.

O homem, portanto, não está impedido de criar a si e de gerar em volta de si um mundo por meio da força da sua imaginação, desde que assim o faça com discernimento e clareza, pois, é possível viver entre o mundo da alma além da consciência racional tanto quanto da vida pautada em uma consciência racional, aqui estamos para uma alma individualizada, enquanto para o outro desindividualizada, porque a vontade é independente, permitindo assim, que o indivíduo dentro do seu livre arbítrio esteja em contato com a razão consciente de si e que sua alma alcance a transcendência de uma consciência espiritualizada mutuamente. Para Murdoch:

O nosso ser pessoal é o movimento de nossa vontade visivelmente seletiva. Toma-se um imenso cuidado em retratar à vontade como isolada. Isolada da crença, da razão, do sentimento, e, no entanto, ela é um centro essencial do eu, “Eu me identifico com minha vontade.” Ela está separada da crença para que a autoridade da razão, que manufatura a crença possa ser inteira, e para que a responsabilidade pela ação também possa ser inteira. Minha responsabilidade é função de meu conhecimento (que tenta ser inteiramente impessoal) e de minha vontade (que é inteiramente pessoal). A moralidade é questão de pensar com clareza e em seguida passar às relações externas com outros homens. (MURDOCH, 2013, 17-18)

Se a vontade é elemento singular ao homem...ela o permite dar a si o significado que deseja tanto quanto as coisas que o circunda, vive suas formas de recordações e suas imaginações, assim escolhe e vive sua realidade.

É a partir desta incursão e explicação científica que São Thomé das Letras deve ser mais bem compreendida como cidade esotérica e mística de Minas Gerais. Há quem visita a cidade com um olhar racional considerando sua altitude, sua característica rochosa, sua geografia como um todo e tantos outros fatores, características, atributos e ou elementos que componham suas funções e finalidades enquanto cidade do interior de MG. E ao descer às sendas da cidade das letras, carregue à memória subjetiva os traços e os significados de uma viagem de passeio ou de trabalho sem maiores considerações.

Esta visão cartesiana, fria e equidistante não é comum quando se trata de São Thomé das Letras, ela é incomum, e a pesquisa também passara então a se interessar. Embora o tema central seja a patrimonialização do esotérico e do místico a partir da constelação do patrimônio imaterial, seria um “pecado” deixar de se

apropriar do acervo historiográfico pesquisado e contribuir ao esclarecimento acerca da natureza mística, esotérica e misteriosa que cerca a região.

O estudo da história conforme estamos nos enveredando “mato” adentro do mundo desconhecido ao mesmo tempo vamos deixando pistas, são os rastros palmilhados. No caso de São Thomé das Letras o fator humano é significativo e significado representa elemento decisivo na relação da significação de si e das coisas e da cidade. O imaginário é e foi uma das formas primeiras pelas quais a cidade passou a ser conhecida e futuramente se seria reconhecida como bem ilustra as revistas “Dhârana’s” e que foi um dos meios de comunicação que disseminou sobremaneira o esoterismo e o misticismo da cidade por intermédio dos registros da fonte da oralidade.

A realidade imaginária de São Thomé das Letras faz dela uma dessas cidades enigmáticas e misteriosas. O local com suas características, constrói uma recordação racional por intermédio de uma memória repleta de fantasias, ficções e irrealidades criando um mundo imaginário nas pessoas que ali vivem e ou visitam e que será mais bem explorado no próximo capítulo.

Esta consciência ficcional fez muitas pessoas que ali habitam atualmente deixarem suas vidas antigas e se mudarem para o local diante da construção psicológica de um mundo paralelo ficcional moralmente permitido a partir do ato de vontade como esclarecido por Murdoch.

...afinal, ao redor de São Thomé das Letras estão outras oito cidades que oferecem os mesmos tipos de atrativos. Para conquistar os visitantes e construir uma imagem de autenticidade, a cidade adotou um discurso alternativo aos municípios vizinhos. A Discursividade está vinculada ao esoterismo e ao misticismo. São Thomé das Letras passou a ser percebida como local propício ao pouso de objetos voadores não identificados (OVINIS), aparições de duendes e manifestações de seres fantásticos e fantasmagóricos. As muitas lendas que fazem parte do folclore local já incorporam de alguma forma esse esoterismo. [...] a geografia da vila situada no topo de uma montanha de quartzo e rodeada por vales, também estimula histórias de visitas de extraterrestres e aterrisagem de ONVIS, que muitos moradores locais dizem estão associados à atratividade das pedras e localização elevada. [...] os discursos locais que validam a autenticidade de São Thomé das Letras como localidade turística tem origem em teorias de ufologia e esoterismo. Os elementos fantásticos e histórias tem valor e qualidade próprios de São Thomé das Letras. As cidades vizinhas não compartilham dessa cosmologia. (FLEISCHER, 2007, p. 04)

Em contato com os aspectos icônicos geográficos, culturais, patrimoniais, históricos e ancestrais de civilizações antigas, portais e de gerações que remontam o período colonial tem grande relevância no que se pretende esclarecer neste capítulo sobre os poderes misteriosos da cidade e sua força esotérica e mística.

A cidade é afortunada com reservas naturais singulares, possuindo marcas aerógrafas no interior de grutas, cavernas e montanhas. Possui cachoeiras, pinturas rupestres, além de ser edificada sobre pedras milenares comuns em nível específico e raro equiparado a alguns locais do mundo, considerados por muitos estudiosos e ainda por organizações de estudos esotéricos, gnósticos e outras correntes, como integrante do “Sistema Geográfico”, uma série de locais de base montanhosa e que seriam portais para o mundo interior da terra, o que a faz ter mais esta singularidade energética (LUCÍOLA, 1999). Outros sete locais com essa característica energética seriam, ainda de acordo com LUCÍOLA, Ararat, Meu, Tabor, Himalaia, Sinai, Líbano e Moreb.

A singularidade de algumas características descritas é, para a memória dos habitantes ou visitantes, a ativação para recordação que transcende os aspectos históricos e traz para o presente uma criatividade imaginária sobre a ancestralidade das civilizações do passado.

As explicações são diversas, cinge-se aí o explicável com o inexplicável, diga-se de passagem, embora a pesquisa vá trabalhar com um recorte a partir dos anos 70 do século passado para estabelecer a cronologia quando a cidade passa a ter esta conotação esotérica e mística e quais foram os eventos que marcam este reconhecimento.

Desde o final dos anos 30 do século passado, quando a sociedade de Eubiose iniciou as primeiras visitas seguida por excursionista de todas as regiões do Brasil a atmosfera esotérica e mística foi selada como destino de São Thomé das Letras.

O cenário histórico dos diversos símbolos encontrados na cidade marcam e demarcam sua identidade, além de transportar ao imaginário romantizado das possibilidades para uma realidade fantástica imaginária que transcende possivelmente a realidade existente, seja por ausência de recurso cognitivo lastreado em provas científicas, seja porque o espaço de tempo tenha se encarregado de fulminar com o alcance das provas e com isto com a possibilidade de encontro com a constatação e certificação plausível se esvaziou.

Seja porque nossa civilização ainda que os esforços tenham sido grandes os recursos disponíveis não tenha sido o suficiente para imprimir a certeza sobre alguns fenômenos, seja porque o mundo fantástico imaginário seja moralmente aceito em nossa civilização como forma de pensamento possível, aceitável, lícito e comum desde que expresso em vontade consciente e sem dúvidas esteja a disposição do

poder oficial na construção de uma identidade histórica e sua patrimonialização a serviço da memória da história.

Seria suficiente para alguns, as explicações de Michel Foucault sobre a diversidade de pensamentos científicos que somos capazes de inventar e inventariar. A constatação de que existe esta transformação também parece um tanto obvio, apesar de muitos cientistas ainda basearem suas pesquisas na regularidade como regra e não na transformação. Percebemos que os discursos variam no tempo, de um século para o outro por exemplo, mas também variam no espaço, dentro de uma mesma temporalidade. (BORGES, 2006, p. 115)

O indivíduo em São Thomé das Letras se vê desafiado e ao mesmo tempo sitiado em sua consciência muitas das vezes puritana outras vezes não. A racionalidade nada mais enxerga do que a realidade de uma cidade do interior de MG pode lhe oferecer com suas mazelas oriunda do seu passado histórico, todavia, desde os tempos mais antigos a espécie humana ao contato com a natureza, com as montanhas, grutas e locais com características típicas de São Thomé das Letras fazia seus cultos e vivia suas experiências espirituais com suas divindades o que não difere do retratado na urbe.

O município de São Thomé das Letras e o povoado de São Jorge estão situados no Planalto Centro-Sul mineiro e no Planalto Central do Brasil, respectivamente. Apesar de localizados no interior do País e na área de domínio do bioma Cerrado, ambos se diferenciam pelo relevo – acidentado no primeiro e mais amainado no segundo, o que não impede a existência de belas paisagens, onde as matas de galeria, veredas e campos limpos são entrecortados por rios e formações rochosas que abruptamente culminam em cachoeiras bastante almejadas pelos turistas.

Além disso, o Planalto Central recebe conotações simbólicas de distintas cosmologias. Segundo algumas profecias, a região seria preservada no final dos tempos para abrigar os humanos aptos à Nova Era. Para outros, essa região distingue-se das demais por sua formação rochosa, seu relevo e por ser um dos centros energéticos do planeta, ou ainda, para os ufólogos, trata-se do local de pouso de naves alienígenas, de transição dessa dimensão para outras, e de contato entre humanos e outros seres terrenos, cósmicos e espirituais. (FLEISCHER e FALEIRO, 2012, p. 251)

Esta memória do culto em meio à natureza foi um dia a realidade de muitos de nossos ancestrais, como bem registra a antropologia e a história o que romanticamente é recordada e resgatada com a prática de rituais e outras formas de manifestações espirituais no local por uma diversidade de crenças.

Verdades ou não, essas teorias têm tido valor simbólico significativo e atraído um número cada vez maior de curiosos. Muitos turistas visitam São Thomé das Letras para conhecer, experimentar e, possivelmente, confirmar essas teorias. Se, por um lado, esse conjunto de atributos naturais (formação, relevo, cursos d'água, e localização) e esotéricos crenças religiosas e ufológicas) agrega diferentes significados a São Thomé das Letras, por outro, consolida-se como forte atrativo turístico local, que já é importante fonte geradora de renda e de desenvolvimento para o município. (FLEISCHER e FALEIRO, 2012, p. 254)

O local permite esta mutualidade onde as pessoas possam viver a recordação racional pela experiência do contato com a natureza em suas diversas formas e ou versões, além do patrimônio cultural material e imaterial existente, mas também transcender e viver uma experiência mística efetiva (anamnese) ou imageticamente criar um mundo pautado na memória imaginativa ou fantástica como já vem sendo praticado a tempos pelos arqueólogos. Explica Assmann:

O que diferencia Piranesi dos arqueólogos modernos, no entanto, é o fato de ele atribuir à imaginação tanta importância quanto a recordação. É na obra que mais tarde lhe garantirá fama que ele logra fundir ciência e fantasia. [...] Quando Edgar Allan Poe, um século depois, descreveu a experiência do turismo histórico romano, o contato com o passado condensava-se sobre a aurora dos objetos remanescentes. No coliseu, não é mais a curiosidade que move o visitante e também lhe é estranho um fervor por preservar os objetos. Entre as pedras, escombros de colunas e alicerces, ele se concentra unicamente em sua imaginação. (ASSMANN, 2011, p. 339)

Ainda complementa Assmann:

O poema de Poe ilustra como no século XIX se separam os dois lados do historicismo, filologia e fantasia, que Piranesi soubera manter unidos de modo tão virtuoso. Quanto mais conclusivo era o modo como se reconhecia o passado enquanto algo decorrido e concluído, mais intensos era os esforços da fantasia para assegurar, por outras vias, o que, decorreria. A imaginação histórica tornou-se uma esfera importante dos poetas, dentre os quais cabe mencionar em primeiro lugar Walter Scott, criador do Romance histórico. Nos seus romances, assim como em sua chácara Abbotsford, na Escócia, e em sua coleção de livros e objetos antigos lá reunidos, ele agiu como antiquário imaginativo e reconstruiu para si um passado que pudesse servir como horizonte de referência para uma consciência nacional escocesa. (ASSMANN, 2011, p. 340-341)

Em São Thomé das Letras é evidente que todo o seu acervo cultural patrimonial material e imaterial impacta e projeta um poder esotérico e místico com honrarias de uma nostalgia barroca e romântica aos tempos atuais.

As lendas, os contos e as personagens imageticamente sobrevivem ainda em decorrência de uma memória afetada por uma imaginação ilustrada pela fantasia, irreabilidade e ficção que sucede de geração para geração, embora a transitiva modernidade tem sinalizado mudanças na atmosfera da pitoresca São Thomé.

A memória cenográfica dos documentos historiográficos compulsados já em grande parte vencidos pelo tempo e pela degradação do patrimônio cultural ainda sobrevivem aos gritos de uma salvaguarda futura em busca de resgate do que o tempo antigo já desapareceu. Mas que também o trabalho busca sensivelmente transformar em uma agenda participativa, longe de críticas e mais afeta a apontamentos dentro de uma pauta essencial, inadiável e exequível.

Dessa forma, ainda que o esotérico, místico e os mistérios de São Thomé das Letras não tenham sido esgotados em sua totalidade, passamos a discorrer sobre o

conceito de memória e imaginário e sua relação com São Thomé das Letras em nossa viagem pelo mundo misterioso desta idílica cidade.

7. A MEMÓRIA E O IMAGINÁRIO NA CIDADE DAS PEDRAS

A concepção de memória está umbilicalmente relacionada ao passado, a locais e à história sobre pessoas e coisas. Os locais têm seus significados por si, não por acaso, mas por força da tradição enquanto balizas para o futuro e a demarcação de suas memórias. ASCHER (2010, p.23) “...é a tradição que constitui o seu princípio essencial e são as referências ao passado que fundamentam em geral as suas representações do futuro”. Eis que não é o homem que lhe impõe significados, talvez isto também seja uma incógnita ou um postulado.

Os locais por esta perspectiva se tornam sujeitos porque... por alguma razão o contexto, o ambiente e as relações constituam esta impressão por intermédio de um cenário histórico. Para Assmann:

Quem fala da “memória dos locais” serve-se de uma formulação que é tão confortável quanto sugestiva. A expressão é confortável porque deixa em aberto tratar-se ou de um *genetivus objectivus*, uma memória que está por si só situada nos locais. E a expressão é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos. A força sugestiva dessa opacidade é um bom ponto de partida para investigar a seguir o que a “memória dos locais” guarda em si. (ASSMANN, 2011, p. 317)

Em São Thomé das Letras o contexto desde tenra data ambientaliza o ar de mistério que capitaliza a cidade até dias atuais “guarda em si”, questões inexplicáveis, inexploradas, inconclusivas, desconhecidas e que foram sendo estigmatizadas culturalmente como algo sobrenatural ou de cunho enigmático, cuja exploração justificava sempre mais uma vez ou a vinda de outras pessoas de conhecimento ou meramente curiosos em busca de aventura sem expressar esclarecimento.

As relações sociais no caso de São Thomé das Letras fizeram desde os primórdios circular, além de seus limites geofísicos, notícias e informações por intermédio da oralidade ou mídias impressas e com participação da imprensa geraria a memória esotérica e mística oriunda dos possíveis mistérios pela incompreensão e ou inexplicação, ou suposições ocultas sobre a realidade local. Segundo D’Auria:

O turismo intensifica-se, e a cidade passa a receber outros tipos de visitantes, a imagem de cidade mística já havia se espalhado. Em 76, é, através de amigos, que era o pessoal da TV Cultura, que era o Luís Antônio Simões de Carvalho e a Gigi, frequentavam o curso da Eubiose, em Santo André, então, lá que nós nos conhecemos, então, só se falava em São Thomé, dos pores do sol, das paisagens, de um lugar com energia. Ainda não se usava falar em

lugar de poder, mas que era uma coisa assim muito enigmática, mágica, e nada como aquela coisa pra nos deixar assim altamente cheios de fantasias. (D'AURIA, 2000, p. 340 - 343).

Segue a mesma autora:

Ah, o turismo, deixa só eu completar uma coisa que era uma das coisas que era a graça de São Thomé, que era vim assim né, o maioral do Macrozen, não sei o que , então as linhas filosóficas, então, você encontrava aqui pessoas especialíssimas, né, então, o charme era você justamente ter conversas incríveis, porque no fundo, no fundo, esse pequeno grupo sei lá, o interesse, em busca da consciência, já que você tá interessada, quer saber, tá estudando as coisas, astrologia e seja lá mais o que for... [...] Então você acha que a partir da vinda de vocês pra cá, meados da década de 70, não é, começou a acontecer esse turismo esotérico com mais intensidade? É acabou se... esta palavra nem existia , quer dizer esotérico existia, mas como a gente estudava astrologia, era maravilhado com tudo aquilo, um lugar assim que sintetizava, não é, materializava aquilo que a gente imaginava de um por de sol magnífico, noites, ou de estrela, ou de tempestade, a força da natureza, a gente vindo aqui, então a gente falava entusiasmado daqui, então uma fala pro outro, pro outro, então essa ideia do mágico, essa ideia do místico foi meio se multiplicando, não que alguém tivesse a intenção, muito pelo contrário, mas a gente não conseguiu conter o deslumbramento vai, nós éramos deslumbrados. Um lugar que você pode ficar com você mesmo, né, silêncio, né, esse negócio de disco voador apareceu mais tarde, né, não fomos nós. (D'AURIA, 2000, p. 345-346)

As grutas, montanhas, pinturas rupestres, os hieróglifos nas cavernas são em São Thomé das Letras cenários históricos que nos marcam desde os tempos mais remotos. Elas são para nossa memória uma recordação sobre a existência de antigas civilizações. Um divisor de águas com nosso passado ancestral e ao mesmo tempo a matriz que ativa a memória da recordação ou da imaginação.

Estes locais, tudo que compõe este cenário histórico, representam objetos simbólicos produtores de seus significados com a participação da ciência arqueológica, antropológica e etnográfica e uma imensidão de conteúdo, interpretações e ideias.

A imanência de São Thomé das Letras e as ligações feitas pelos visitantes de uma cultura mais elitizada e ou politizada marcaram também a presença de classes sociais mais elevadas na região, as quais por certo também contribuíram para as descobertas, a abertura de acessos, a centralidade cultural, econômica e financeira da cidade. Para Assmann:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. Uma carta que Goethe escreveu a Schiller em 16 de agosto de 1797 pode servir como primeira introdução ao tema. Nela Goethe apresentará ao amigo as primeiras intuições do eu se associará ao que se designará mais tarde sua teoria dos símbolos. (ASSMANN, 2011, p. 318)

Esta iconografia natural de São Thomé das Letras é imanente a ela desde sua descoberta e constituição, enquanto cidade, inicialmente como um povoado ao redor da capela erigida nos idos de 1785, e oficialmente como distrito criado com a denominação de São Tomé das Letras, pela Lei Provincial n.º 164, de 09-03-1840, Lei Estadual n.º 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Lavras (IBGE), com a abertura, o povoamento e as descobertas os significados de cada elemento passaram a constituir parte do acervo de memória e de significância ao local, dando-lhe com o passar do tempo a estatura de cidade mística. Para Assmann:

A teoria dos símbolos de Goethe tem primeiramente a caráter de um experimento aberto. Depois, que os espaços na horizontal são descobertos e urbanizados, ainda cabe descobrir suas profundezas simbólicas na vertical. Espaços, no sentido de “países e regiões conhecidas”, são analisados, mensurados, colonizados, anexados, ligados uns aos outros; locais, todavia, nos quais se pode ir a fundo “quando se esteja em cada lugar, a cada momento” ainda conservam um segredo. (ASSMANN, 2011, p. 319)

A memória e a significância em São Thomé das Letras encontram lastro de imanência embora em se tratando de recordação ou da sua versão para transcendência da alma, anamnese a recordação no seu papel de instrumento de momentos significativos projeta uma imaginação que extrapola os elementos em sua realidade racional.

É preciso desmistificar sem romper com o que existe de esotérico e místico no mundo thomesense. A hipótese é de que é preciso superar a confusão, o mau entendimento, a ignorância, o não saber para que se possa se aproximar da verdade e sua realidade. Segundo Ricouer:

... a fenomenologia da memória vê-se confrontada, desde o início, com uma terrível aporia que a linguagem comum cauciona: a presença, na qual parece consistir a representação do passado, aparenta ser mesmo a de uma imagem. Dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passado ou que temos dele uma imagem, que pode ser visual ou auditiva. Saindo da linguagem comum, uma longa tradição filosófica, que combina, de maneira surpreendente, a influência do empirismo de língua inglesa e o grande racionalismo de criação cartesiana, faz da memória uma província da imaginação, que há muito já era tratada com suspeição, como vemos em Montaigne e Pascal. Ainda é o caso, de maneira altamente significativa, em Spinoza. Lemos, na proposição 18 do livro II da *Ética*, “Da natureza e da origem da alma”: “Se o corpo humano tiver sido afetado uma vez por dois ou mais corpos simultaneamente, assim que a Alma imaginar mais tarde um dos dois, ele o fará lembrar-se também dos outros”. É sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. Ora a imaginação, considerada em si mesma, está situada na parte inferior da escala dos modos de conhecimento na condição de afecções submetidas ao regime de encadeamento das coisas externas ao corpo humano, como sublinha o escólio seguinte: “Esse encadeamento se faz segundo a ordem e o encadeamento das afecções do corpo humano para distingui-lo do

encadeamento das ideias, que se faz segundo a ordem do entendimento” (Éthique, tradução Appuhn, pp 166-167). (RICOUER, 2020, p. 25)

A confusão entre imaginação e memória permite-nos compreender melhor que a imaginação pode se dar de diversas formas, são aceitáveis, mas tem uma estatura de conhecimento compatível com sua estrutura “situada na parte inferior da escala dos modos de conhecimento”.

Significa dizer que suas modalidades: fantasia, ficção, irreabilidade, possibilidade distópica podem em algum momento servir de lembrete a uma memória rememorativa e não para a memória da realidade que representa os símbolos iconográficos responsáveis pelo registro da realidade ou memória histórica por exemplo.

Em São Thomé das Letras a iconografia da natureza e todas as suas formas conduz à recordação de locais sagrados e a paisagens remetem a uma imaginação esotérica e místicas que permitem ao indivíduo uma dupla jornada do *self* e da anamnese. Segundo Assmann:

São considerados sagrados os locais em que se pode vivenciar a presença dos deuses. Tal local é assinalado por tabus especiais. A voz de Deus que provém da sarça ardente dirige-se a Moisés com as palavras: “Tira os sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa” (Ex 3,5). O local é uma zona de contato entre Deus e o homem.

Antes que Deus se revelasse nos livros, os deuses se revelaram no mundo. A morada deles não era apenas o céu, mas também a montanha, a gruta, o bosque, a fonte e onde mais se erigissem seus locais de culto. Os deuses das religiões politeístas queriam ser procurados e adorados em seu local. As pessoas tinham que peregrinar até os locais sagrados, os deuses tinham suas moradas fixas. Longe dessa terra e de sua topografia sacramental não era possível comunicar-se com os deuses; a noção de uma onipresença supra espacial de Deus está entre as pressuposições do monoteísmo (já anunciada nas religiões politeístas). (ASSMANN, 2011, p. 322)

Ainda esclarece Assmann:

Na renascença, aguçou-se a percepção das ruínas. O olhar que recaía sobre os fosseis de uma época passada podia percebê-la de modo realmente muito diferenciado. Para Petrarca, as ruínas de Roma se metamorfoseavam numa paisagem da memória em que a história que se ligava a esses locais voltava rapidamente à lembrança dos observadores, de maneira vivaz. As ruínas testemunham – como sugere uma bela formulação de Walter Benjamin – a maneira pela qual “a história se desloca para dentro do cenário”. Na medida em que essa história continua a ser transmitida e lembrada, as ruínas permanecem como sustento e garantia da memória; isso também vale para as histórias que se inventam para elas e que as envolvem, como a hera nos escombros. Porém, na medida em que as ruínas, sem contexto nem saber, imbricam-se em um mundo que se tornou estranho, tornam-se monumentos do esquecimento. Em um segundo plano, ruínas que foram separadas de suas histórias e abandonadas ao esquecimento podem parecer pitorescas. Em uma época assinalada pela aceleração das transformações e pela industrialização, as ruínas em constante mudança são subtraídas da história e atribuída à natureza. No final do século XVIII, desenvolveu-se na Inglaterra um romantismo das runas, que estetizou os restos dos edifícios de culturas passadas. (ASSMANN, 2011, p. 334)

As obras da natureza, em São Thomé das Letras, representam uma cultura patrimonial imaterial com conotação esotérica e mística frente ao que a recordação resgata na memória simbólica que os elementos culturais que ali existem e estão materializados representaram e representam para a cidade, seus moradores e seus visitantes.

Independentemente do padrão estético e da conservação atual, a curiosidade antiquária é marcada muitas das vezes por uma memória imaginativa, forjada em um cenário um tanto quanto fantasioso que abastece a capitalização dos mistérios do esotérico e do místico em São Thomé das Letras, fortalecendo assim a tradição histórica de um local de paisagens naturais e de uma reserva geológica cuja recordação concebe uma conotação bem mais imaginativa do que de memória histórica.

Ou seja, o que há de memória histórica ao mesmo tempo que detém um significado imanente a patrimônio cultural, simultaneamente é elevada a uma ampliação consagrada pelo tempo na escala de uma memória imaginária contemplativa e de veneração sobre a natureza, servindo a tradição reificada do esotérico e místico da cidade de São Thomé das Letras.

A convergência simultânea entre as recordações dos que vivenciam esta experiência legitima a caravana da tradição que se estabelece de geração a geração porque mantém a memória do significado histórico contendo todos os elementos culturais de São Thomé das Letras vivos na lembrança presente de natureza recordativa sem tolher a construção de uma realidade paralela do mundo fantástico da imaginação. Segundo Ricoeur (RICOEUR, 2020), “A memória que repete, opõe-se à memória que imagina:” para evocar o passado em forma de imagens, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (op. cit., p228)”.

Mas sem dúvidas, arremata Ricoeur (2020, p. 61):

“Certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, suspensão de toda posição da realidade e a visão de um irreal, do outro, a posição de um real anterior”. (RICOEUR, 2020, p. 61)

Sendo assim se explica o enigma sobre São Thomé das Letras, a memória histórica ou a memória de uma realidade anterior que envolve as categorias da natureza e do que ela representa ou em ampliação ao patrimônio cultural material e imaterial conjugado ao caráter esotérico e místico que envolve o ambiente de São

Thomé das Letras encontra-se espaço e acolhimento dentro de um conceito de memória cumulativa, funcional e histórica a serviço da caleidoscópica memória imaginativa e suas derivações.

Todavia, ao largo desta realidade em São Thomé das Letras o risco de uma cilada pregada pela memória imagética representa por certo um dos maiores dilemas não enfrentados aos que são seviciados e tornam-se viciados pela construção de uma realidade perigosa, falsa e absolutamente divorciada da racionalidade cartesiana ou da transcendência espiritual. Para Ricoeur:

Do mesmo modo como Bergson dramatizou o problema da memória com seu método de divisão e de passagem aos extremos, importa dramatizar a temática da imaginação, ordenando-a relativamente a dois polos da ficção e da alucinação. Ao nos dirigirmos para o polo alucinatório, trazemos a luz o que constitui, para a memória, a cilada do imaginário. De fato, é essa memória assombrada que é alvo comum das críticas dos racionalistas da memória. [...] Ela se produz no terreno do imaginário. Resulta daquilo que podemos chamar de a sedução alucinatória do imaginário. É a essa sedução que é dedicada a quarta parte de O imaginário sob o título de “A vida imaginária”: “O ato de imaginação [...] é um ato mágico. É um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto em que estamos pensando, a coisa que desejamos, de modo a podermos tomar posse dela” (op. cit., p. 239). [...] “É uma maneira de encenar a satisfação...” (RICOEUR, 2020, p. 69)

Em São Thomé das Letras a presença da memória histórica, vinculada às suas tradições culturais que gozam de amparo à luz do patrimônio cultural material ou imaterial permite um contato e um resgate a uma lembrança presente dos elementos históricos da cidade face suas condições geográficas, geodésicas e geomorfológicas.

No entanto, a vida imaginária é presente e evidente e vem sendo germinada a partir das características que respondem a concepção de patrimônio imaterial, considerando todos os fatores naturais e da cultura social local.

Se a memória está para o significado do que é representado por coisas ou pessoas ao preço de uma tradição do passado, por outro lado o aspecto geomorfológico cárstico elevado ao plano da imaginação, imagético, fantástico e ficcional gestado a partir das mesmas bases materiais a depender da conotação dada permite a partir do patrimônio cultural de São Thomé das Letras realizar uma leitura histórica racional e ou outro de natureza histórica ficcional ou imaginária das suas características. Costa (SRD):

O substrato que sustenta esta estrutura, segundo Hackspacher (2007), é formada pela borda sul do Cráton do São Francisco e faixas Brasília e Ribeira, e constitui ainda um exemplo de extensos planaltos soerguidos em relação ao nível do mar (planalto atlântico). De acordo com o autor, essa é uma paisagem marcada por um relevo montanhoso com compartimentos topograficamente deprimidos e muitas vezes soerguido e escalonado, relacionados a uma complexa história geológica e geomorfológica. A evolução dessa paisagem encontra-se associada às deformações na litosfera

durante o Fanerozóico, devido ao vínculo reconhecido entre as anomalias térmicas obtidas pela análise de traços de fissão, amplitude do relevo e o arcabouço geológico. O substrato que sustenta esta estrutura é formado inteiramente de pedras (quartzito) que apareceram no período Cenozóico, cujo movimento da terra criou tanto montanhas quanto vales, que sucederam um após o outro, criando a expressão popular como um “mar de morros” (CHIOLDI, D. K. 2003). A base de superfície é essencialmente constituída de quartzos, que são cobertos por solos pobres, muito rochosos para permitir o desenvolvimento de atividades agrícolas. O solo, que é suportado por este substrato rochoso é superficial e pobre, principalmente os localizados na zona norte e na serra de São Thomé. (COSTA, 2018)

Detalha e explicita Marques Neto:

As cavernas e demais feições cársticas de São Thomé das Letras pertencem à Província Espeleológica Andrelândia, especificamente ao Distrito Espeleológico de São Thomé das Letras (CORRÊA NETO&DUTRA, 1997). É composta por quartzito micáceos finos, bandados em notável paralelismo e com mergulhos suaves em cristas monoclinais. [...] Através da dissolução química a partir de uma linha ou plano de franqueza é que se inicia a formação dos pequenos condutos, depressões e cavernas de São Thomé das Letras. (MARQUES NETO, 2012, p. 445)

Dessa maneira, passado histórico-cultural de São Thomé das Letras conforme retratado, está para uma tradição e do significado ali atribuído que remonta desde a longínqua data da chegada das populações não originárias no século XVIII, em épocas que a cruzada do ouro seguia o movimento de Bandeira capitaneado por Fernão Dias Paes.

O patrimônio cultural de São Thomé permitiu que esta cidade assumisse um discurso a partir da construção imaginária de uma cosmologia esotérica e mística apropriada das condições naturais marcada por montanhas, serras, cavernas, cachoeiras e afins.

A legitimação dos discursos esotéricos e místicos e seus modais por intermédio da sociedade a partir dos significados, ainda que por meio de uma memória de natureza fantástica e ou imaginária, permite a São Thomé das Letras obter a estatura de cidade esotérica e mística a partir do reconhecimento do rol do patrimônio cultural imaterial conforme corpo recomendativo e normativo.

Embora os atributos do patrimônio imaterial o permitam ser reconhecido, o procedimento atrelado ao fenômeno se faz necessário para que haja o reconhecimento legal, até para que isto passe a incorporar a realidade patrimonial da sociedade, sua consciência, o seu referencial e conseqüentemente o exercício de salvaguarda, preservação e proteção na prática do seu cotidiano.

8. ORGANIZAÇÃO PATRIMONIAL E TURÍSTICA PRATICADA PELA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Patrimônio imaterial trata-se de um conceito usado em diversos países e fóruns internacionais como complementar ao conceito de patrimônio material, e que embasa a criação e condução de políticas de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural. Do ponto de vista legal, a nossa Constituição Federal cidadã de 1988 e suas emendas representa o mais bem aperfeiçoado arranjo legal que a sociedade possa ter enquanto diploma referencial norteador, inclusive apontador da administração pública no âmbito de sua gestão e organização.

É normativo misto de natureza programática, no sentido de orientar e definir diretrizes de realização, plena ou de eficácia contida, discussão sobre a natureza que não merecerá atenção por fugir do escopo da pesquisa, mas que se registra para ter consciência de que a Constituição possui uma linguagem e um código específico para decifrá-la e aplicá-la que transcende seu aspecto gramatical. Define o dispositivo constitucional um estado garantista de direitos e deveres. A cultura de uma sociedade representa sua situação civilizatória e os caminhos que a vida das pessoas que a compõem estão a seguir.

O plano nacional de cultura foi instituído nos termos da Emenda Constitucional 48 de 10 de agosto de 2005, que acrescentou o parágrafo 3º ao artigo 215 da Constituição Federal, instituindo o referido Plano Nacional da Cultura.

“Art. 1º O art. 215 da Constituição Federal passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

- I - Defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
- II - Produção, promoção e difusão de bens culturais;
- III - Formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
- IV - Democratização do acesso aos bens de cultura;
- V - Valorização da diversidade étnica e regional.”(NR)

Art. 2º Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data de sua publicação.” Embora nos termos do artigo 23 da Constituição Federal atribua à União a responsabilidade pela pasta cultural da nação, esse também estabelece política de responsabilidade comum entre Estados e Municípios.

“Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

- I - Zelar pela guarda da Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;
- III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;
- V - Proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação;

VI - Proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas; [...]

Parágrafo único - Leis complementares fixarão normas para a cooperação entre a União e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, tendo em vista o equilíbrio do desenvolvimento e do bem-estar em âmbito nacional. Emenda Constitucional 53, de 19/12/2006, art. 1º (BRASIL, 1988)

No Brasil, o marco legal para as políticas de patrimônio cultural imaterial é a nossa Carta Magna em seu artigo 216, a qual sofreu ampliação por força da emenda constitucional 48 e 53 acima mencionadas:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

O princípio de competência administrativa compartilhada aplica-se à proteção do patrimônio cultural, no entanto, cabe em última instância aos Municípios estabelecerem suas diretrizes e prover os instrumentos legais que garantam o cumprimento do estabelecido na Constituição acerca da preservação do patrimônio cultural, conforme prevê artigo 30 da Constituição Federal de 1988 “competem aos municípios IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual”.

A cidade de São Thomé das Letras é notadamente marcada pelo fluxo turístico, intensificado a partir da década de 1970. Apesar disso, a estrutura municipal mantém departamentos de Cultura e Turismo em áreas separadas, como ilustrado no Organograma da Prefeitura Municipal, disponível em seu website (<https://saotomedasletras.mg.gov.br/organograma/>).

O departamento de Cultura e Patrimônio Histórico “tem como objetivo principal a democratização da cultura e a promoção da diversidade cultural. Nessa perspectiva, responsabiliza-se por planejar e executar as políticas públicas da cultura no município, de modo a favorecer a promoção, a difusão e o estímulo aos diversos setores da cultura; assessorar e atuar junto aos conselhos municipais de Patrimônio Histórico e Cultural, de Cultura e de Lazer” (Prefeitura Municipal).

Nesse sentido, a Lei Orgânica de São Thomé das Letras, elaborada e aprovada em abril de 1990, em seu capítulo IV (Da Família, da Educação, da Cultura, do Desporto e do Turismo) estabelece como responsabilidade do município, compondo

as bases direcionais para proteção do patrimônio histórico em seu artigo 152 parágrafo 4º:

“§ 4º - Ao Município cumpre proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis (tocas, grutas, paredões, cachoeiras) e os sítios arqueológicos.” (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 1990)

Vale dizer ainda que, neste sentido, a Lei Orgânica de São Tomé das Letras, assim, documenta mais detalhadamente essa corresponsabilidade na Seção II, artigo 13º, mencionando que:

“É da competência administrativa comum do Município, da União e do Estado [...]:

III – proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV – Impedir a evasão, a destruição e a descaracterização do perímetro delimitado pela Prefeitura [...] e dos outros bens de valor histórico, artístico ou cultural e de obras de arte [...].”(SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 1990)

Segundo Pelegrini e Funari:

Os processos de registro dos bens culturais de natureza intangível (conforme previsto no Decreto n. 3551/2000) devem ser protocolizados mediante a apresentação de um requerimento e contemplar alguns pré-requisitos definidos na Resolução n. 001/2006 do IPHAN, tais como a apresentação de documentos de identificação do proponente; uma declaração que expresse formalmente a anuência dos representantes da comunidade produtora do bem e seu empenho na instauração do processo de registro requerido; a justificativa da solicitação; a descrição do bem proposto para registro, com indicativos de sua periodização, do seu local de origem e permanências, da atuação dos grupos sociais envolvidos; dados históricos sobre o bem. Não obstante torna-se imprescindível a exposição de documentos comprobatórios relativos a existência do bem, materializada por intermédio de referências bibliográficas, produções textuais, fotográficas, fonográficas ou filmicas, desenhos, vídeos e outras. Convém destacarmos que o mero registro do bem de natureza material ou imaterial não assegura a sua preservação, mas sim, a adoção de uma série de medidas que viabilizem um plano efetivo de salvaguarda. (PELEGRINI e FUNARI, 2008, p. 75)

Neste sentido contribui Zamarco:

Para salvaguardar os bens culturais imateriais, o Caderno de Turismo Cultural: Orientações básicas (2010, p.51) destaca que existe um instrumento legal denominado Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, instituído no ano 2000 por meio do Decreto n.º 3.551/00 regulamentado pela Resolução n.º 001/2006 que dispõe também sobre um programa especialmente voltado para a questão. Podem ser registrados em um dos seguintes livros:

- Livro de Registro de Saberes – conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.
- Livro de Registro das Celebrações – rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social.
- Livro de Registro das Formas de Expressão – manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.
- Livro de Registro dos Lugares – mercados, feiras, santuários, praças, e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. (ZAMARCO, 2016):

Esclarecem Pelegrini e Funari:

Certo é que o registro dos bens não assegura a transmissão dos saberes e das tradições, mas oferece visibilidade para manifestações regionais. O estímulo à candidatura de outros bens materiais ou imateriais deve prever a implementação de planos de salvaguarda destinados à difusão e ao incentivo às práticas culturais. Na verdade, os livros de registro contemplam uma estratégia cultivada pelo poeta Mario de Andrade (1893-1945), quando ele se arvorou à responsabilidade e ao prazer de realizar uma “expedição folclórica” na década de 1930, com a finalidade de catalogar expressões populares brasileiras. Essa iniciativa, efetivamente, tornou-se o alicerce de futuras políticas de preservação, pois, não é possível proteger o que não se conhece. (PELEGRINI E FUNARI, 2008, p. 81):

Por sua vez, foi aprovada, após uma longa discussão, em julho de 2011 em São Thomé das Letras, pela Câmara Municipal, a Lei Complementar nº 05/2011, que estabelece o Plano Diretor do Município de São Thomé das Letras, definindo diretrizes mais específicas quanto à preservação e recuperação do patrimônio histórico.

A preocupação, expressada foca a preservação, porém refletida de maneira frágil nas diretrizes dos demais dispositivos que definirão os destinos de recursos e prioridade dos programas, projetos e planos sustentados pelos desdobramentos do plano diretor.

A partir de 2019, por intermédio da Lei 1.506/2019, o município “estabelece Diretriz e fixa normas para a promoção do turismo sustentável no município de São Thomé das Letras”, regulamentando aspectos do serviço de turismo no município, atendo-se a cadastramento de veículos de serviços de turismo, serviços de fretamento turístico, cadastramento de locais de hospedagem, atribuições de condutores de visitantes e coibição de práticas danosas aos atrativos turísticos naturais e culturais do município.

Embora haja três sítios tombados como patrimônio material no município (dois em âmbito estadual pelo IEPHA - Centro Histórico Matriz de São Thomé e o Conjunto Histórico Nossa Senhora do Rosário, e apenas um tombado no âmbito municipal, o Parque Municipal Antônio Rosa), importante destacar a oportunidade de se estabelecer novas e mais fortes relações de preservação e ao mesmo tempo incentivo à divulgação e exploração consciente e sustentada do potencial turístico ao redor do patrimônio cultural imaterial, vistas as deficiências da Lei 1.509/2019.

Se, acima do próprio conjunto arquitetônico singular, das belezas naturais e da própria constituição do município, a característica que envolve o turismo engloba o mote de “cidade mística”, esse jamais foi considerado como potencial para reconhecimento de patrimônio cultural imaterial, e, portanto, permanece não contemplado com recebimento sistemático de recursos e de investimentos por parte da Administração Pública.

Segundo a definição do próprio IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) que dialoga em simetria com a CF e o IPHAN em sua DEFINIÇÃO GPCI Nº 01/2017, “por bem cultural imaterial entende-se os saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações, formas de expressão, lugares e representações que os grupos e comunidades reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural”.

O documento estabelece ainda os critérios para abertura de processos de registro, a saber (grifo meu):

- **Tempo de existência de três gerações (75 anos), apresentando a continuidade do bem cultural ao longo dos anos;**
- **Bem cultural imaterial vigente, ou seja, que é praticado no presente;**
- Anuência dos detentores do bem cultural ao processo de Inventário para fins de Registro;
- **Representatividade do bem cultural imaterial para regiões e/ou todo o Estado, contemplando a diversidade cultural e as identidades de Minas Gerais;**
- Demandas originárias de grupos culturais situados historicamente à margem dos processos hegemônicos, fortalecendo as políticas afirmativas no campo da cultura;
- **Existência de risco iminente para a continuidade do bem cultural;**
- Demandas originárias de detentores ou praticantes do bem cultural que se encontram em situação de conflito ou vulnerabilidade;
- **Existência de bem cultural, que por sua particularidade, especificidade ou caráter incomum, confere identidade a um determinado grupo, diferenciando-o no contexto geral do Estado.**

Em uma análise histórica e historiográfica, a identidade de cidade mística possui potencial de atendimento ao menos de cinco dos critérios estabelecidos pelo IEPHA para reconhecimento dessa como patrimônio. Por fim, é preciso ainda esclarecer as incursões que alicerçam as diretrizes para preservação e proteção do patrimônio cultural imaterial a partir das suas raízes históricas.

Matiza-se o importante papel da UNESCO desde 1945 enquanto vigilante e promotora na propagação de medidas de sugestão, orientação e estímulo à promoção de condições sociais dos povos em suas diversidades ao seu desenvolvimento. A Convenção de Proteção ao Patrimônio Material de 1972 (UNESCO, 1972) foi complementada por carta da mesma estatura em 2003 (UNESCO, 2003) a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

É de se esclarecer para melhor compreender que a salvaguarda do patrimônio imaterial plasmada na carta de 2003 traz amarramento histórico em outros documentos importantes que descrevem e orientam acerca do patrimônio cultural imaterial segundo Pelegrini e Funari:

Desse ponto de vista, o patrimônio imaterial transmitido de geração para geração é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. Ele é

considerado alvo de constantes “recriações” decorrentes das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações – aspectos fundamentais para o enraizamento ou o sentido de pertença que favorece “o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”. Evidentemente, esse “pacto internacional” ratificou a “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular” (1989) e a “Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural” (2001), além dos instrumentos internacionais referentes à matéria dos direitos humanos de 1948 e 1966 (mencionados anteriormente).

O mérito dessas duas convenções e a importância delas como instrumentos normativos na defesa do patrimônio cultural devem ser reconhecidos. No entanto, no preâmbulo da convenção de 2003, a Unesco reconhece que os processos de globalização e de transformação social, presentes na contemporaneidade, oferecem “condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades”, mas geram também, da mesma forma, o fenômeno da intolerância, assim como graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio imaterial” em função da carência de instrumentos e meios para sua salvaguarda. (Pelegrini e Funari, 2008, p. 46-47):

Arrematam Pelegrini e Funari:

Ainda que esse documento não tenha explicitado claramente os critérios para o reconhecimento do patrimônio imaterial, apontou indícios no sentido e acautelamento de bens dessa natureza torna-se “compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável”. Propôs, no parágrafo segundo, do artigo segundo, que o patrimônio intangível se manifestava, em particular, nos seguintes campos:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) Expressões artísticas;
- c) Práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) Técnicas artesanais tradicionais (Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, 2003, p. I)

Por essa via, recomendava a adoção de medidas aplicadas à investigação, identificação, documentação, proteção, revitalização dos bens intangíveis e sugeria que a transmissão desses bens ocorresse” essencialmente por meio da educação formal e não formal. (PELEGRINI E FUNARI, 2008, P. 48-49).

O conceito esotérico e místico, da memória, do imaginário representa um diálogo que supera o narrativo descritivo e municia o trabalho com aspectos historiográficos que permitem compreender melhor a áurea que envolve a cidade de São Thomé das Letras, tendo base normativa, evidências, provas e meios aos fins do reconhecimento, que tem passado ao largo do normativo municipal.

É possível do diálogo com os vetores sociais da cidade fechar uma mandala convergindo pontos que não se tem encontrado nas pesquisas anteriores/temáticas que retratam o contexto histórico social das manifestações esotéricas e místicas de São Thomé das Letras, sobre sua natureza enquanto patrimônio cultural imaterial.

Isso facilita uma compreensão melhor dos vieses por trás dos mistérios bastante relevantes sobre o espaço e o local a ponto de permitir uma compreensão melhor sobre os fenômenos dos que ali habitam, visitam e eventualmente migram, mas que acima de tudo exige reconhecimento, para se conhecer, salvaguardar, preservar e proteger melhor. Imperioso, portanto, que a Administração Pública atue nesse sentido.

A fragilidade do conteúdo normativo municipal reflete-se no desordenado fluxo turístico e na pequena cobertura de proteção do conjunto arquitetônico municipal, dos bens materiais e naturais que compõem o patrimônio, e passa ao largo de uma possibilidade de reconhecimento e proteção do patrimônio imaterial que possa ser salvaguardado em sua história e formação. Fleischer destaca (2007, p. 184) “Outro aspecto que deve considerar sobre a atividade ecoturística é a ausência de uma legislação ambiental específica para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo”.

O cenário acaba estimulando o caos, pois, embora haja interesses e movimentações sobre a importância da proteção e da preservação as ações pontuais sem que um planejamento seja elaborado transforma a situação real em refém dos interesses de cada um dos atores sem que haja um equilíbrio com os olhos voltados para o desenvolvimento efetivamente sustentável.

Em São Thomé das Letras não existe disposição de arranjo do produto local envolvendo a atividade de mineração e do turismo que são as principais atividades antrópicas que põem e expõem a risco o patrimônio cultural da cidade ao longo das décadas do século passado e que peregrina pela segunda década do século XXI.

Outra deficiência da cidade está para a ausência de um plano de manejo que possa impor controle ao desenvolvimento. Neste contexto, as palavras de Beatriz Kuhl são de cabimento minerva, pois, a estudiosa em menção crítica que faz sobre a Carta de Veneza alerta para uma espécie de atendimento a necessidade que se faz urgente de enfrentamento da realidade, mas para isto os problemas devem trazer o remédio com o “receituário de simples aplicação” (KUHL, 2010).

Nos tempos da hipermodernidade, de temporalidade simultânea e necessidades imediatas a cidade ou cidades precisam que os problemas recebam o tratamento de conhecimento-ação atuando de forma incisiva na solução das anomalias.

Tratando-se de patrimônio cultural onde o arranjo ao produto local exige que se apresente um plano de manejo personalizado, não sustenta rios de artigos, estudos,

críticas e reclamações se não houver um trabalho de mapeamento aos processos, procedimentos, matriz de responsabilidades, definição de debilidades, possibilidades, impactos, condições, infraestrutura e estrutura em atendimento de uma agenda de providências abarcando o que precisa fazer, o que fazer, em que momento fazer, quando fazer, como fazer, quem serão os tutores e curadores por fazer e de que forma fazer, visto que toda ação, ainda que negativa, promove dentro de um sistema seus efeitos.

O desafio dos novos tempos está para compreender as racionalidades, os tensionamentos e os conflitos. E uma conta que veio com modernidade para ficar e que já está acenando sua despedida diante da chegada de uma hipermodernidade presente e vigente, mas que deixa o passivo do não resolvido, adiado *a posteriori*.

São Thomé das Letras não vive mais como surgira no século XVIII; nota-se que no último quarto do século passado se transformara em uma referência por conta de suas características, o acesso massivo de classes sociais diversas, culturas, objetivos e a gentrificação impulsionado pelas atividades comerciais de indústria do quartzo e do comércio do turismo trouxe em um mesmo pacote resultados positivos e negativos.

Eis, a conjugação dos órgãos com as ligações, as competências, as atribuições, as obrigações e as responsabilidades nesta rede complexa de fluxos e contrafluxos exige que estejam alinhados estudos, projetos, planos e programas para que a relação entre vidas possa existir sem comprometer o patrimônio cultural da cidade, sob pena de varremos o seu passado, as tradições e a memória enraizada no pináculo da história de uma cultura centenária.

Por estas e outras razões, se percebe que a proposta atual espelhada pela municipalidade thomesense no plano normativo existente exige maior ativismo em estudos e planejamento. No campo da ação executiva, uma maior dose de atenção, discernimento, interesse, proatividade e atuação efetiva rente a realidade existente.

9. AS “DHÂRANÂS” E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DO DISCURSO ESOTÉRICO E MÍSTICO DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS

Ser uma sentinela contribuidora da memória cultural de uma tradição histórica, mais do que a sua conservação e preservação envolvendo seu patrimônio cultural imaterial, representa a pesquisa ferramenta colaborativa na reflexão da realidade atual que precisa ter providência e atendimento de salvaguarda em sua preservação e proteção.

Como dito, para além de denunciante ou “criticante” de uma realidade por vez calcada na ausência de um ativismo protecionista ou restaurador que precisa ser superado de modo a ultrapassar os tempos do risco da inação ou dos excessos e sua consequente saturação frente às questões pragmáticas do patrimônio e sua memória que não mais podem esperar.

O descritivo dos requisitos para o reconhecimento do patrimônio imaterial cultural de São Thomé das Letras deve sobrepor a relação de manifestações esotéricas e místicas conhecidas e reconhecida pela sociedade no trato comum do cotidiano ou na ordem do discurso social do que se verbaliza nas conversações e ou diálogos comezinhos diários “oralidades”.

Em verdade exige-se que seja esta patrimonialização cultural imaterial reconhecida, certificada e validada pelo órgão de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial municipal. Interessante que esta construção remonta longínqua data a partir do limiar do século XX e suas décadas iniciais.

As condições normativas e de recomendação retratada no capítulo anterior permitem que o discurso esotérico e místico forjado ao adorno da presença dos elementos que os sustentam encontram seus pilares na existência de uma gama de vasto e consagrado acervo de patrimônio cultural imaterial presente na cidadezinha das letras e das pedras.

A cultura da memória esotérica e mística que marcou a construção do imaginário da cidadezinha das Letras e das Pedras vem sendo neste período deslocada indevidamente para um eixo distinto de suas origens. Isto vem gradualmente sendo registrado em decorrência do desconhecimento da sua patrimonialidade cultural imaterial impactada pelo fenômeno da gentrificação.

Soma-se e agrava a situação pela ausência de um normativo regulador para preservação e proteção do patrimônio cultural imaterial do município, aliás, como diria Mario de Andrade... “o que não é conhecido não pode ser protegido”

As primeiras historiografias e talvez as mais importantes que se tem notícias na região, compulsadas e analiticamente examinadas relatam e retratam a atmosfera misteriosa da cidade de São Thomé das Letras. A lendária revista “Dhâranâ’s”, datada dos idos de 1940, em seus anais registra de forma emotiva e efusiva a primeira excursão de seus membros em visita oficial à cidade (que então ainda era um distrito pertencente a Baependi, sem acesso viário), e menciona:

“Mãos vandálicas, entretanto, tem andado a destruir as inscrições, armadas de ponteiros, alavancas e picaretas, algo assim, como viemos a saber, que está acontecendo em Lagoa Santa, da qual se tem apresentado os mais valiosos trabalhos existentes em diversos museus do mundo, inclusive o Homem fóssil histórico, de Lundt. Representando uma das páginas mais preciosas da Pré-História em nosso País, por isso mesmo, exige providências imediatas por parte das autoridades competentes, essa criminosa destruição, que se vem fazendo em ambos os lugares por nós apontados: S. Thomé das Letras e Lagoa Santa, se é que o mesmo não vem acontecendo a outros lugares, inclusive, onde existem inscrições rupestres, de permeio aos nomes daqueles que os visitam, na razão da conhecida frase de Eça de Queiroz, “por onde passa o ignorante tem que deixar seu nome”. Com vistas as arvores e bancos dos jardins e logradouros públicos etc.”

[...] Quanto ao que diz respeito aos hieroglifos de S. Thomé das Letras, convém notar-se que Hermes da Fonseca Filho os estudou de maneira analítica lembrando haver um grupo de caracteres que forma o corpo de um gato sem cabeça, chamando-nos a atenção para o fato de existir, não mui distante, no “Pico do Leão”, idêntico desenho, porém com cabeça de leão, donde o pico virou seu nome. Lembra, ainda, Fonseca Filho, que essas inscrições lapidares diferem de outras encontradas no Brasil, como as de Paraíba, porque parecem representar, apenas, símbolos ideográficos, mas a escrita precisa de um alfabeto qualquer, pela qual seus autores expressaram seus pensamentos.

Recordando a analogia desses caracteres com os dos fenícios, hebreus e gregos, o Sr. Hermes Filho admite a origem pré-colombiana ou azteca dos seus autores, além de sustentar que os habitantes, da época das inscrições em apreço, não eram “selvagens”, mas remanescentes de civilizações regressivas, o que é justificável em se aceitando a Atlantida como um continente há muitos desaparecidos da face da terra. (DHÂRANA, 1940)

Dando sustentação e lastro aos elementos formadores do esotérico e misticismo componentes da identidade de São Thomé das Letras. Estes elementos, muitos deles de natureza imaterial, tem seus atributos demarcados e preservados pela constatação e evidência de sua existência, registradas desde tenra data por aqueles que passaram a conhecer a realidade ali existente conforme destacam os trechos da revista Dhâranâ's de 1941 descrevendo uma nova excursão até São Thomé das Letras.

Quantas as suas belezas naturais, mais alto do que nós, falarão as fotografias que ilustram esta notícia. Justamente orgulhosos da sua terra os santomenses sentem um natural desvanecimento, ao verem o carinho com que a S. T.B procura evitar o total desaparecimento dos jeroglifos gravados nas lages que, como folhas de livros colossais, formam suas construções ciclópicas e constituem os documentos tangíveis da existência duma poderosa civilização pré-histórica nesta parte do mundo.

[...] ...a famosa e legendária vila de S. Thomé das Letras, e facilitar aos seus visitantes o acesso às suas agrestes montanhas, que surgiu a idéia de dotá-la dum campo aviatório. Dr. Urai Prazeres.

[...] A par desta e outras tantas provas de amor pelo progresso e da satisfação por ver a curiosidade que começa a despertar a esquecida região, os santomense tem igualmente esperança bem fundada de que este continuo interesse da S.T.B. em desvendar os mistérios que envolvem a vila, acabe por chamar a atenção dos poderes competentes para São Thomé das Letras, levando-lhes alguns melhoramentos indispensáveis ao seu progresso, tais como o da iluminação, esgoto, etc, e, principalmente, o de transformar os

caminhos inacessíveis até mesmo a carros de bois, em estradas por onde automóveis possam rodar.

[...] Estas simples e modestas pretensões, uma vez satisfeitas, tratariam como consequência lógica, a afluência de turistas atraídos pelas inigualáveis paisagens, pelos mil e um pontos pitorescos, cheios de grutas maravilhosas abertas em muralhas de mármore rendilhado e debruçadas sobre abismos onde se desempenham as águas espumosas de cascatas colossais, tudo isto envolto na névoa poética das mais sedutoras lendas.

[...] colhendo os dados confirmativos das nossas hipóteses científicas, e registrando por meio das fotografias que a ilustram estas páginas, os fantásticos panoramas, que a nós mesmo permitiram dar-lhe o precioso título de “cidade jina”

[...] a missão em que está empenhada – de revelar ao mundo um Brasil que, tendo sido em épocas remotas sede de poderosas civilizações, prepara-se para fechar o ciclo ariano com o advento de uma outra, que todas sobrepujará em grandeza e esplendor.

[...] Este interesse dos santomenses pelas maravilhas de sua privilegiada terra, alastrando-se por todo o vasto território da Pátria, tão rica em inscrições rupestres, jeroglifos, pedras falantes, hierogramas, etc. trará pouco a pouco à luz do sol a história das velhíssimas civilizações cujas ruínas ciclópicas aguardam apenas os devotados investigadores que as queiram arrancar do olvido multimilenar em que jazem sepultadas.

[...] Prof. Edmundo Cardilho e dr Urai Prazeres, principais colaboradores desta secção, palestrando junto ao avião que os conduziu a S. Tomé das Letras na 5ª expedição de estudos arqueológicos [...] Os signos 72 e 73 (perna e pé) prendem-se também ao período antropomorfo: são uma figura de pé e uma pegada. Já os jesuítas, nos primórdios da história do Brasil, atribuíram ao signo 73 ao apóstolo São Tomé. Era o molde de pé de santo, deixado sobre a rocha. Quel tal signo, muitas vezes, é uma pegada antiga, do tempo em que a rocha que se apresenta se achava em formação não se pode contestar, mas, que na maioria dos casos – e principalmente quando ele se acha junto de signos diferentes e artificial, é um elemento de escrita, não resta a maior dúvida. (DHÂRANÂ, 1941)

No âmbito dos registros feitos oralmente pelas gerações que ali habitaram é possível compreender a atmosfera lendária constituída por intermédio de um discurso esotérico e místico sedimentando ao longo da jornada dos tempos passados conforme se extrai de trechos da revista Dhâranâ's de 1957.

[...] Em cumprimento à missão de que achava incumbido, o grupo de irmãos, liderado por Mario Dias, realizou, em local próprio, uma saudação aos Supremos e Excelsos Dirigentes da Obra, e um ritual esotérico pela concretização do sistema Geográfico...

Procurando contato com elementos da sociedade local e com seus mais antigos moradores, conheceram o sr. Joaquim Rosa Teodoro, de 71 anos de idade, nascido nas cercanias de São Tomé. É casado, pai de 9 filhos e tem mais de 50 netos... Afirmou ter desempenhado vários cargos públicos, dentre eles o de Representante do Prefeito de Baependi e o de Fiscal Municipal, no qual se aposentou. É profundo conhecedor da região e de suas tradições. Disse haver pesquisado, pessoalmente, o enigma de várias grutas e cavernas, numa das quais, a do Carimbado, conseguiu somente atingir determinado ponto, donde foi obrigado a regressar, pois a lamparina que conduzia tendo se apagado, logo mais adiante, como que, faltou-lhe o ar... Afirmou que “nunca, ninguém havia encontrado o final de tão misteriosa entrada subterrânea” ...

[...] Um fato pitoresco, e que pela surpreendente casualidade merece ser relatado, foi este: o sr. Joaquim, ao saber que a maioria dos “excursionistas” que com ele palestravam, era do Rio de Janeiro, com satisfação disse ter em seu poder uma revista do Rio, e que “falava muito em São Tomé”. Qual não

foi surpresa ao se constatar ser a revista que ele oferecia como homenagem sua à caravana, precisamente a querida revista Dhâranâ!...

[...] Disseram ser a população composta de, aproximadamente, 300 habitantes, tendo como atividades principais, a extração do mármore, a pecuária e a agricultura. A instrução local atinge o curso primário, no único Grupo Escolar existente.

[...] O folclore é rico, em São Thomé das Letras. Está incorporada nas tradições dessa cidade-jina e na mentalidade de seus habitantes, a figura de um personagem mistérios, conhecido por “Chico Taquara” ... (DHÂRANÂ, 1957)

Preservar cada um destes elementos para garantir o discurso histórico de São Thomé das Letras com relação aos seus caracteres esotéricos e místicos responsáveis por formar o patrimônio histórico-cultural é relevante, essencial e útil.

Justifica o esforço do estudo e contribui com os pilares da preservação patrimonial. A revista Dhâranâ de 1991 no capítulo sobre tradições e lendas imprime uma historiografia sobre “S. Tomé das Letras e Suas Pedras Milenárias” e “No Reino Encantado das Pedras”

[...] Não é S. Tomé das Letras a única vila construída inteiramente de pedras. Ladac, a leste de Srinagar, na Índia, é feita assim, tornando-se singular e exquisiteiramente admirada no Oriente, e possui uma tradição gloriosa nos fastos teosóficos.

A vizinha mineira tem características rara, talvez mais rara de todas. Seu cemitério se formou graças à boa vontade daquela gente conformada, que foi buscar terra para ele a alguns quilômetros de distância do arraial, pela impossibilidade de encontrá-la nas redondezas, que é só de pedra, como se a natureza quisesse erguer ali um monumento ciclópico, eterno, marco indestrutível das epopeias do continente atlante cujo povo habitou plagas brasileiras, deixando indiscutíveis reminiscências de prodigiosa ação e de valor quase lendário.

Iremos discutir este problema, se é que ele exista depois que a palavra da ciência se fez sentir pesadamente sobre o assunto; fa-lo-emos ao tratar do capítulo relacionado a S. Tomé das Letras, que versará exatamente sobre sua constituição geológica como remanescente da Atlantida desaparecida. Por ora, queremos apenas encarecer o valor de certas pedras erguidas na terra de “Chico Taquara”, mesmo porque este velho morador daquelas montanhas encantadas preferia sempre a “loca” de pedra no repouso dentro de casa. De seu cantinho sossegado e silencioso, podia melhor contar as estrelas do céu e melhor entregar-se as meditações, na religiosa mística dos solitários de todas as épocas.

[...] a 22 de Fevereiro deste ano, tangidos pelo aguaceiro que sobreveio à nossa chegada ao campo de aviação improvisado que se fez em S. Tomé das Letras, reconhecemo-nos à chamada “Loca do Chico Taquara” ampla e cômoda suficientemente para abrigar vinte pessoas. Nela há restos de mãos inscritas das lupas, quase que completamente destruídas pelos curiosos ignorantes. (DHÂRANA, 1991)

A relevância do patrimônio imaterial é tão irradiante quanto o material em si, transcende a simbologia do patrimônio cultural imaterial de São Thomé das Letras. Pois a manutenção da memória da cidade tem enganchamento em seu expressivo acervo patrimonial, além de importante pela singularidade, equivale a permitir que ela, a cidade do penhasco adornada sobre as pedras de quartzito, outrora tidas como

mármore, a se manter assente, resistente e em uma posição de significância aos seus fins sociais, políticos e culturais. Segundo Correa e Calliari: (2014, p.09):

A preservação do Patrimônio Histórico é uma questão urbana. A cidade contemporânea se pauta pela perda de vínculos e destruição da memória com grande rapidez. Resgatar nossas origens significa resistir mantendo nossas identidades múltiplas. Saber preservar e identificar a história das cidades é um esforço coletivo que depende da participação dos cidadãos, mas deve ser coordenada pelo poder público. (CORREA e CALLIARI, 2014, P.09)

O desafio dos novos tempos faz com que o trabalho de pesquisa venha como ferramenta para ilustrar as necessidades e ao mesmo tempo tornar se instrumento de facilitação enquanto molde de incentivo participativo para integrar todos os cidadãos sejam os sedentários sejam os nômades transeuntes ainda que “turistas” sobre a importância das identidades culturais, sua relevância para estimular a preservação e a proteção em suas múltiplas formas.

Deflete, portanto a pesquisa no reforço e na insistência não de cunho técnico mas de expediente historiográfico sobre a relevância da patrimonialização do esotérico e do místico em São Thomé das Letras responsável por sua identidade inclusive auto intitulada pela administração pública como “cidade mística” justamente e muito por certo frutificado por sua exuberância arquitetônica paisagística e natural evidenciada e apresentada na medida em que passara a ser conhecida por força das descobertas relatadas pelas lendárias revistas Dhâranâ's, algumas delas aqui citadas e comentadas.

10. AS PESSOAS, HISTÓRIAS, CONTOS E CAUSOS QUE FOMENTARAM O IMAGINÁRIO MÍSTICO DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS

Como destacado por D'AURIA:

“A dificuldade encontrada pelos historiadores em precisar as causas da gênese do povoamento no alto da serra não é compartilhado pelos habitantes de São Thomé das Letras, que guardam na memória, uma expressiva tradição narrativa, transmitida de geração em geração, de “boca a orelha”. Tal narrativa, - que não é a única explicação sobre a origem – relaciona a origem da cidade aos proprietários daquelas terras e a um milagre ali acontecido, cuja prova material seria constituída pelas inscrições nas grutas e por uma imagem de São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo. A memória mítica, como veremos, constitui um sistema simbólico coerente e autônomo, dotado de uma lógica própria – a lógica da montagem do sistema colonial – que une os elementos fundamentais da colonização, que se configurou através de múltiplos e sucessivos contatos entre índios, brancos e negros no sertão de Minas Gerais.” (D'AURIA, 2000)

Assim, analisando-se os fatos contados pela tradição oral, chegamos ao nosso primeiro personagem relevante: **O ESCRAVO ANTÃO** - Embora não existam registros históricos comprovados de sua existência, fartos relatos na tradição oral e em obras

de terceiros mencionam a fuga do escravo João Antão, de propriedade da Família Junqueira, como o fato que desencadeou no “aparecimento” da imagem do santo atribuída a São Tomé e que alegadamente motivou a construção da primeira capela na cidade, ao redor da qual se desenvolveu o povoado e posteriormente a cidade.

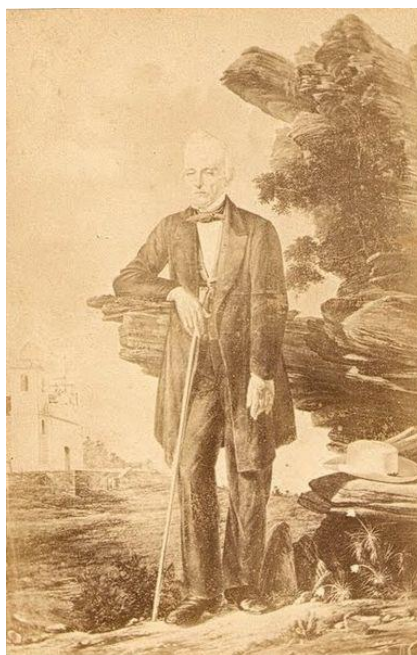
Figura 8 – Representação de João Antão recebendo a carta do senhor de vestes brancas, instalada no entorno da Gruta de São Thomé, local do suposto acontecimento



Fonte: <https://camaecafesaothome.files.wordpress.com/2013/04/lenda-sao-thome.jpg> acessado em 15/10/2022

Historicamente documentada e relevante, encontra-se a figura do **BARÃO DE ALFENAS**, um dos integrantes da família colonizadora dos Junqueira. Nascido em 1782 já na fazenda Campo Alegre, registrado como Gabriel Francisco Junqueira, filho do patriarca João Francisco Junqueira. Político de grande influência, foi deputado federal do Parlamento Imperial por três vezes. Recebeu o título de Barão de Alfenas em 11 de outubro de 1848, por D. Pedro II. Falecido aos 87 anos, está enterrado na igreja de São Thomé das Letras, que acabara de construir.

Figura 9 – Barão de Alfenas, ilustração baseada em quadro tombado pela Prefeitura Municipal de São Thomé das Letras, de autoria de Nicolau A. Facchinetti, 1876



Fonte:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gabriel_Francisco_Junqueira,_Bar%C3%A3o_de_Alfenas.jpg

Outra figura notória é a de **CHICO TAQUARA** - A figura de Chico Taquara permeia a história e o lendário local desde seus primórdios. Há relatos, transmitidos pela oralidade, registrados pela revista Dhârana em seus números 104, 106 e outros fragmentos, que descrevem Chico Taquara como:

“um homem misterioso, de elevada estatura, espadaúdo, tez bronzada e “cabelos a nazareno”... era o único que não temia enveredar-se por semelhantes galerias subterrâneas, além de prender seu gado dentro de um circuito mágico, riscado no chão, à guisa dos “kyilkores” usados pelos tibetanos e mongóis.”

Chico Taquara é ainda mencionado, na tradição oral, como sendo descendente da família Junqueira. Supostamente Francisco de Góes Gonçalves, filho de José Gonçalves de Góes e de Ana Junqueira de Jesus, nascido em Cainana em 1840 e desaparecido em São Tomé das Letras cerca de 1926, não se sabendo até hoje onde repousa seu corpo.

Comum entre os relatos e registros, tem-se que Chico Taquara era um homem de comportamento peculiar, respeitado por seus poderes incomuns como de locomover-se miraculosamente entre locais diferentes, poderes curativos, domínio do comportamento de animais, e de viver recluso nas cavernas da região. Conta-se que usava mel nos cabelos e que sempre andava acompanhado de seus animais.

Chegando a algum lugar, diz-se que traçava um círculo no chão, e os animais aí permaneciam até que ele retornasse e os levasse consigo.

Tal qual foi incerto seu nascimento e origem, contado como sendo ao redor de 1840, também foi incerto e não oficialmente documentado seu desaparecimento, não havendo registros ou mesmo relatos de sua morte, apenas tendo desaparecido do convívio dos cidadãos habitantes locais.

Figura 10 – Fotografia rara de Chico Taquara, com 83 anos



Foto rara, feita em 1923, de Chico Taquara (à direita)
em São Thomé das Letras
(Original cedido ao autor por Oriental Luiz Noronha)

Fonte: <https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/2017/06/05/1500-sao-thome-das-letras-mg-por-vitor-manuel-adriao/> - trecho do livro

Presença constante e fundamental na história de São Thomé das Letras, a Sociedade Brasileira de Eubiose - Fundada em São Lourenço (MG) em 1921 por Henrique José de Souza e sua esposa Helena Jeferson de Souza, e constituída oficialmente em 1924 como Dhâranâ Sociedade Mental Espiritualista, estabelece sua primeira incursão a São Thomé das Letras em 1940, onde estabelece uma sede alguns anos após.

Figura 11 – Logomarca da Sociedade Brasileira de Eubiose, disponível publicamente.



Fonte:

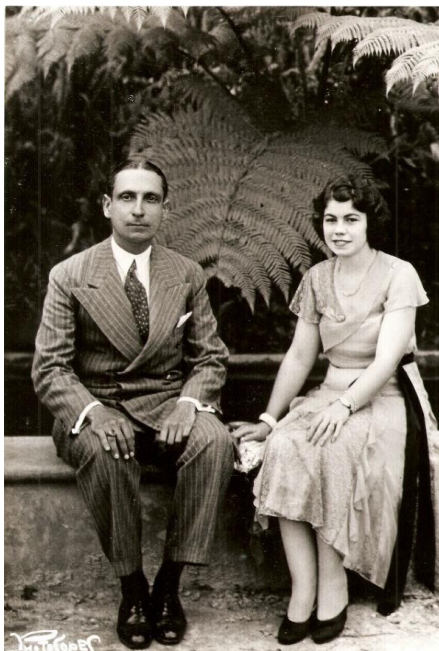
<<https://www.facebook.com/SBECuiaba/photos/a.150724998462261/823362134531874/?type=1&theater>> acessado em 15/10/2022

Em suas publicações da Revista Dhâranâ, como apresentado no capítulo anterior, vários relatos sobre aspectos diversos da cidade são registrados, como as pinturas rupestres, estudos espeleológicos, indicação da cidade como uma das “localidades jina” do Brasil (segundo própria definição da SBE, “Jina” é termo oriundo de Dzin ou daquilo que se ocupa das coisas primárias e das verdades eternas).

Além da consistência e permanência no tempo da Sociedade Brasileira de Eubiose, destacam-se as publicações, que oferecem farto material histórico e de influência mística e esotérica.

Tendo como fundador o sr. Henrique José de Souza, estabeleceu-se em São Lourenço e posteriormente abriu também sede em São Thomé das Letras, onde incursionaram expedições desde o ano de 1940. Henrique José de Souza faleceu em setembro de 1963, e sua esposa assumiu então a presidência da Sociedade de Eubiose, onde esteve à frente até ano de sua morte, em 2000.

Figura 12 – Henrique José de Souza e sua esposa Helena Jefferson de Souza



Fonte: <https://semeandoconhecimento.com.br/henrique-jose-de-souza/> acessado em 15/10/2022

Uma das figuras responsáveis pela disseminação de avistamentos e contatos com OVNIs, destaca-se o senhor Oriental Tatá Noronha - Nascido em Cruzília – MG em 1938, Oriental Tatá Noronha estabelece-se em São Thomé das Letras e se dizia contatado por entidades extraterrestres. Poderia ser apenas mais um integrante do farto repertório de histórias repassadas pela tradição oral, no entanto Tatá Noronha diferencia-se por ter deixado obras escritas, entrevistas publicadas e transformadas em vídeo, narrando suas incursões no que alega ser “o mundo subterrâneo”, além de supostos contatos com seres extraterrestres, suas impressões e interpretações sobre o sentido das inscrições rupestres na região.

Falecido em 2018, Tatá Noronha é reconhecido no meio ufológico como um dos respeitados ufólogos brasileiros, embora tenha sua produção pautada em estudos autodidatas e narrativas de observações próprias. Entrevistado pela revista UFO em algumas ocasiões, compartilhou relatos de abduções, avistamentos e contatos com seres supostamente de outros planetas. Tatá Noronha não narrou e eternizou em seus escritos, vídeos e entrevistas suas próprias experiências, mas também aquelas vividas por conhecidos, desconhecidos, habitantes do local e passantes, que, sabendo de seu interesse e estudos sobre o assunto, o procuravam para relatar vivências não-lineares de tempo e espaço, detalhadamente relatadas nos canais de registro e divulgação a que tinha acesso (NORONHA, 2003). Sem o rigor científico da investigação, relato e registro, as várias histórias reunidas tanto em seu livro quanto

em material audiovisual deixado como legado perfazem uma parte expressiva do imaginário ufológico que cerca São Thomé das Letras.

Uma experiência singular retratada em seu livro corrobora a visão da Sociedade Brasileira de Eubiose que afirma existir uma civilização intraterrena, que pode ser acessada através de caminhos escondidos nas infindáveis grutas de São Thomé das Letras. No capítulo II de seu livro “São Thomé das Letras e o Mundo Subterrâneo” (NORONHA, 2003), um encontro com um ser intraterreno autointitulado “AKIEL” é relatado com tal riqueza de detalhes, que é possível visualizar e criar mentalmente a cena.

Tal experiência é relatada como tendo sido um contato único, e que o caminho de acesso ao suposto mundo subterrâneo nunca mais foi localizado, ficando também esse relato integrante do imaginário místico da cidadezinha das pedras.

Figura 13 – Fotografia de Oriental “Tatá” Noronha, posando com seu livro.



Fonte: <https://ufo.com.br/noticias/sao-tome-das-letras-se-despede-do-ufologo-oriental-uir-noronha.html> acessado em 15/10/2022

Representando o movimento hippie que se estabeleceu na cidade a partir dos anos 70, o cantor Ventania é um personagem de tempos contemporâneos. Ventania é um hippie cantor, andarilho, que fixou residência em São Thomé das Letras e tem produzido, embora de maneira independente, consistentemente nos últimos anos. Com notada influência da obra de Raul Seixas, divulga a cidade e seus supostos fenômenos ufológicos em seu trabalho e em suas músicas. Com sua arte, atrai outros integrantes do movimento *hippie* para a cidade, e assim inclui-se na galeria de “personagens influentes” do misticismo local.

Figura 14 – Fotografia do Cantor Ventania em apresentação



Fonte: <https://cdn.olivre.com.br/wp-content/uploads/2019/05/Ventania-Reprodu%C3%A7%C3%A3o.jpg> > Acessado em 15/10/2022

11. SOBRE OS LOCAIS, OS FATOS E O TEMPO, ELEMENTOS CONSTITUINTES DA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO MÍSTICO NA CIDADE DAS PEDRAS

São Thomé das Letras é contemplada, dados os limites do presente trabalho, de forma arbitral em um recorte temporal a partir dos anos 70 do século passado no sentido de delimitar a pesquisa e ao mesmo tempo concentrar uma maior quantidade de elementos exotéricos e suas categorias a começar pela presença singular da comunidade hippies frequentando o local ao encontro de eventos musicais e consequentemente na concentração novos costumes e hábitos no seio da pacata serra das letras como originariamente era denominada.

O local conta com uma espécie de paraíso ambiental natural em decorrência de uma exuberância milenar que foi responsável pelo aspecto rochoso, ainda contém cachoeiras, grutas, personalidade que marcaram épocas e das relações sociais coletivas muitas histórias.

Um dos mais destacados da região é o saudoso Oriental Luiz de Noronha que tendo vivido durante muitas décadas deixou como legado uma obra mista de realidade com o ficcional retratando São Thomé das Letras inicialmente como útero da civilização e com o passar do tempo em uma edição revisada a intitulou como “São Thomé das Letras e o mundo subterrâneo” (NORONHA, 2003).

A obra contém uma narrativa descontraída em um formato de diálogo com uma interlocutora onde o autor apresenta várias situações vividas na região e cronologicamente vai retratando episódios incomuns. No contexto, cita locais, experiências e personalidades bucólicas e que hoje ao longo de quase cinco décadas

jaz fazer parte de um imaginário místico que se busca manter vivo na conjunção de sua patrimonialidade imaterial por intermédio da propagação desta consciência viva essencial para que a cidade galgue por intermédio desta senda a patrimonialização do místico de forma institucional.

Pelos caminhos de São Thomé das Letras ao longo desta jornada misteriosa... os encontros musicais trouxeram uma comunidade que se mantém até hoje no contexto social da cidade que são os hippies. Personas misteriosas como Chico Taquara, Akiel, alienígenas e historicamente e reconhecido Barão de Alfenas.

Os locais: pico do gavião, morro do areado, paredão, gruta do carimbado, mata do jardim, toca da saudade, gruta de Thomé, itaquatiá, mato santo, pico no pião, campo de aviação, morro do canta galo, gruta do leão, do triangulo além da não menos importantes aparições ufológicas e de seres espaciais comumente chamados de ET's.

Os encontros de bruxas, a realização de rituais e as crendices e espiritualidades tem participado do ambiente coletivo dos que vivem em São Thomé das Letras e de muitos daqueles que procuram as altitudes da serra da cidade para se devotarem a práticas dos seus rituais espirituais.

Em uma digressão aos fatos registrados oficialmente pela história e aqueles registrados pela tradição oral, destacam-se na tabela abaixo os principais marcos que contribuíram para a formação da identidade mística da cidade de São Thomé das Letras:

Quadro 1– Cronologia do Esoterismo, Misticismo e suas raízes

(continua)

SÃO THOMÉ DAS LETRAS CRONOLOGIA DO MISTICISMO E SUAS RAÍZES				
MARCO TEMPORAL	PERSONAGEM HISTÓRICA		EVENTO MARCANTE	
Período cabralino	pré-	Índios cataguases e outros habitantes pré-coloniais	Inscrições rupestres nas paredes de pedra e de grutas	Diversas inscrições sugerem que o local foi habitado em períodos diferentes por grupos diferentes. Algumas inscrições foram interpretadas como alusões a seres extraterrestres por estudiosos da Ufologia.
1769	João Junqueira	Francisco	Concessão sesmaria	da Formação da Fazenda Campo Alegre, terras onde posteriormente se ergueria o município
Séc. XVIII (impreciso)	Escravo João Antão		Fuga e abrigo na Gruta	Primeira lenda transmitida pela tradição oral - origem do nome da cidade (Gruta de São Thomé das Letras)

Quadro 1– Cronologia do Esoterismo, Misticismo e suas raízes

(continuação) (continua)

SÃO THOMÉ DAS LETRAS
CRONOLOGIA DO MISTICISMO E SUAS RAÍZES

MARCO TEMPORAL	PERSONAGEM HISTÓRICA	EVENTO MARCANTE	IMPORTÂNCIA E DESDOBRAMENTOS
Março de 1770	Padre Francisco Alves Torres	Inauguração da primeira capela	Marca o local e a formação do arraial onde mais tarde se formará a cidade de São Thomé das Letras
1785	João Francisco Junqueira	Construção de igreja matriz	O colonizador português manda construir outra igreja no lugar da antiga capela, hoje a matriz da cidade, onde posteriormente foram enterrados tanto JFJ quanto seu filho Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas
Final dos anos 1800	Ana Cândida Junqueira de Jesus e José Francisco de Góes Gonçalves	Têm um filho	Criança é chamada de Francisco Góes Gonçalves, que depois fica conhecido como Chico Taquara
Ano de 1840	Ana Cândida	Nascimento do Chico Taquara	Ana, após discutir com o marido, refugia-se em uma caverna onde foi acolhida por seres luminosos e "levada a uma cidade ultrafísica", onde dá à luz. Retorna sem a criança
09 DE MARÇO DE 1840	Lei provincial	Criação do Distrito de São Thomé das Letras	Distrito criado com a denominação de São Tomé das Letras, pela Lei Provincial n.º 164, de 09-03-1840, Lei Estadual n.º 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Lavras.
30 de novembro de 1842	Lei provincial	Subordinação a Baependi	Pela Lei Provincial n.º 239, de 30-11-1842, o distrito de São Tomé das Letras foi transferido do município de Lavras para o Baependi
1869	Moradores da época	Início uso da pedra São Tomé	A atividade extrativa local de quartzitos foliados teve início de 1869, em uma área pertencente ao patrimônio da Igreja e situada contiguamente ao povoado. Não obstante, os quartzitos foliados aflorantes na Serra de São Thomé foram utilizados para a construção de moradias e da própria Igreja Matriz, desde o século anterior.
Início do séc. XX	Chico Taquara	Eventos de caráter ambíguo	Chico surge na fazenda dos pais já com 25 anos e se instala na região, alojando-se em uma gruta. Comportamento nômade, andava acompanhado de animais e supostamente tinha poderes curativos e sensitivos
1926	Chico Taquara	Desaparecimento aos 86 anos de idade	Chico Taquara desaparece e nunca mais é visto na região, tornando-se uma espécie de "lenda" pelos feitos de cura e de vidência

Quadro 1– Cronologia do Esoterismo, Misticismo e suas raízes
(continuação) (conclusão)

SÃO THOMÉ DAS LETRAS
CRONOLOGIA DO MISTICISMO E SUAS RAÍZES

MARCO TEMPORAL	PERSONAGEM HISTÓRICA	EVENTO MARCANTE	IMPORTÂNCIA E DESDOBRAMENTOS
Segunda metade década 1940	engº. Jasiel de Cerqueira Luz,	Início exploração comercial da mineração do quartzito	A exploração comercial sistemática do que hoje se designa “Pedra São Tomé” foi vislumbrada pelo engº. Jasiel de Cerqueira Luz, funcionário do serviço público federal, e iniciada pela empresa Jasiel Luz e Cia. Ltda. na segunda metade da década de 1940. Esta empresa celebrou contrato de arrendamento, com a Diocese de Campanha, para extração de pedra na área do patrimônio da Igreja. *usar dados página 25 do plano FEAM para mostrar a evolução da instalação das mineradoras
Março de 1940	Sociedade Eubiose	de Excursão da então Sociedade de Teosofia Brasileira a São Thomé das Letras	A partir dessa primeira visita, relatada em pormenores na revista Dhârana número 104 (abril a junho de 1940), estabeleceu-se a Sociedade de Eubiose no município em definitivo
30 de dezembro de 1962	Lei Estadual	São Thomé das Letras é elevada à categoria de município	O distrito é elevado à categoria de município com a denominação de São Tomé das Letras, pela Lei Estadual n.º 2.764, de 30-12-1962, desmembrado de Baependi. Sede no antigo distrito de São Tomé das Letras. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-03-1963.
24 de novembro de 1970	Diversos populares	Avistamento supostos OVNI	de Avistamento registrado sucessivamente em Lavras, Belo Horizonte e São Thomé das Letras, amplamente noticiado
Década de 1970	Movimento hippie	Movimento hippie - anos 1970	Início do festival do rock e ascensão de integrantes do movimento ao local
Década de 1980	Ufólogos	Relatos de avistamentos e abduções	Ao longo da década de 1980 e também seguintes, intensificam-se as narrativas de avistamentos, abduções e supostos contatos com OVNI
Década de 1990	Revistas documentários	e Influências midiáticas	Reportagens em nível nacional sobre registros ufológicos
1991	TV Manchete	Minissérie Filhos do Sol	A minissérie projetou em nível nacional as lendas e crenças ao redor de avistamento de OVNI, o túnel que ligaria São Thomé a Machu Picchu e o ar de misticismo local
2003	Oriental Tatá Noronha	Edição do livro “São Thomé das Letras Útero da Terra	Reconhecido por supostamente ser um ufólogo, Tatá Noronha publica livro em que relata muitas das atribuídas condições esotéricas de locais da cidade
Desde fundação	a Habitantes locais	Relatos folclóricos	Lendas e “causos” transmitidos pela tradição oral sobre aparições milagrosas, figuras lendárias, avistamento de seres extraterrestres, energias, locais de poder

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de fontes diversas citadas nas referências.

Das várias formações geológicas, os locais em que se relatam avistamentos de OVNIs, locais de práticas de rituais e de relatos de “presença de forte energia”, que perfazem hoje os pontos turísticos do município, alguns são destacados abaixo:

- a) Parque Municipal Antônio Rosa: único bem tombado pelo município, através de decreto publicado em 11 de setembro de 2002, trata-se de um conjunto paisagístico composto pela Casa da Pirâmide, Cruzeiro, Pedra da Bruxa, Mirante, Toca do Leão.

Figura 15 – Parque Municipal Antônio Rosa



Fonte: <<https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/sao-thome-das-letras/parque/parque-municipal-antonio-rosa>> acessado em 15/10/2022

- b) Pedra da Bruxa: formação rochosa à qual se atribui a face de uma bruxa. Contida no Parque Antônio Rosa, é um dos atrativos mais visitados.

Figura 16 – Pedra da Bruxa



Fonte: <https://saothomedasletras.net/wp-content/uploads/2019/07/Pedra_Bruxa_Sao_Thome_das_Letras_1.jpg> acessado em 15/10/2022

- c) Casa da Pirâmide: outro atrativo intensamente visitado, não é de formação natural, mas trata-se de uma construção em formato piramidal, também contida no Parque Antônio Rosa, que dá vista a todo o vale. Turistas reúnem-se na casa para apreciar o nascer e o pôr do sol.

Figura 17 – Casa da Pirâmide



Fonte: < <https://varginhadigital.com.br/colunas/turismo/sao-thome-das-letras-a-mistica-cidade-das-pedras/> > Acessado em 15/10/2022

- d) Cruzeiro: datado do período colonial, fica no ponto mais alto da cidade. Relata-se que a posição original era onde hoje fica a casa da Pirâmide, e que este, derrubado por um raio, foi reposicionado logo adiante, onde hoje está disposto.

Figura 18 – Cruzeiro de São Thomé das Letras, em sua localização atual



Fonte: < <https://varginhadigital.com.br/colunas/turismo/sao-thome-das-letras-a-mistica-cidade-das-pedras/> > Acessado em 15/10/2022

- e) Mirante do Parque: outra construção, localiza-se dentro do Parque em ponto privilegiado para uma visão 360° do vale.

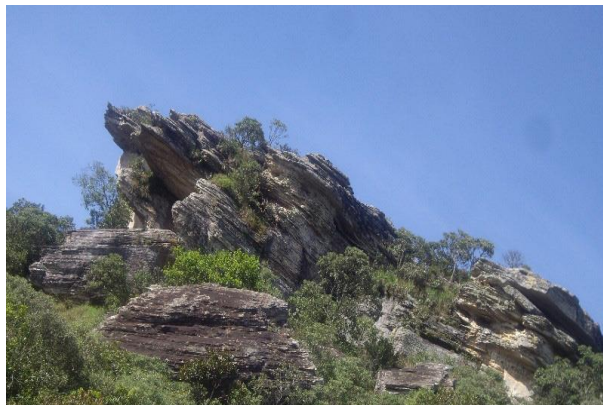
Figura 19 – Mirante do Parque Municipal Antônio Rosa, em São Thomé das Letras



Fonte: < <https://www.reporterdiario.com.br/wp-content/uploads/2017/04/foto-prefeitura-baixa.jpg> >
Acessado em 15/10/2022

- f) Toca do Leão: menciona-se pelos habitantes mais antigos que se tratava de formação rochosa de dois animais, sendo que um deles estava engolindo o outro. No entanto, não se dispõe de confirmação acerca disso.

Figura 20 – Toca do Leão em São Thomé das Letras



Fonte: <<https://saothomedasletras.net/toca-do-leao-em-sao-thome-das-letras/>> Acessado em 15/10/2022

- g) Gruta São Thomé: localizada hoje no centro da cidade, fica ao lado da igreja matriz. Esse foi o local da suposta aparição da imagem de São Thomé, onde encontram-se (hoje quase apagadas) inscrições rupestres e onde o escravo João Antão teria se abrigado e tido o encontro com o misterioso senhor de vestes brancas que lhe deu a carta, e que ao final, lhe rendeu o perdão pela fuga e a liberdade. A cidade se formou ao redor dessa gruta, e até hoje, é local intensamente visitado.

Figura 21– Gruta São Thomé integrada à paisagem urbana e turística de São Thomé das Letras



Fonte: <<https://viajantesemfim.com.br/atracoes-em-sao-thome-das-letras-lendas-misticismo-e-muita-natureza/>> Acessado em 15/10/2022

- h) Gruta do Carimbado: a gruta está cercada de relatos de mistérios. Menciona-se que nunca foi possível chegar ao seu fim, e por isso especula-se que tenha uma possível ligação com a cidade inca de Machu Picchu, além da indicação de uma possível civilização intraterrena com acesso pela gruta. Esotéricos apontam-na como um local de grandes energias e um portal para outras dimensões. Gruta em que se encontram inúmeras bifurcações, desnivelamentos, presença de grandes salões intermeados por passagens pequenas, tem-se a impressão, ou para alguns a certeza, de que a mesma “não tem fim”. Por degradação e grande número de visitantes, a justiça decretou sua interdição e proibiu o acesso à Gruta do Carimbado.

Figura 22 – Gruta do Carimbado, visão parcial.



Fonte: < <https://varginhadigital.com.br/wp-content/uploads/2018/03/gruta-carimbado.jpg> > Acessado em 15/10/2022

- i) Ladeira do Amendoim: localizada próximo à gruta do Carimbado, a ladeira atrai visitantes por provocar um fenômeno de que os veículos, mesmo desligados, quando desengatados sobem a ladeira, ao invés de descer. Explicações para o fenômeno passam por fluxos energéticos, presença de campo magnético subterrâneo por reservas de minerais, e ainda que a cidade é um dos sete chakras do planeta Terra. Atrai curiosos, pela obviedade e facilidade de observação.

Figura 23 – Ladeira do Amendoim e indicação de onde parar para observar o controverso fenômeno



Fonte:

<

[https://encrypted-](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcReRie0dSAJzUUBNFcJEr4jvFkHNYKmS6AJgg&usqp=CAU)

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcReRie0dSAJzUUBNFcJEr4jvFkHNYKmS6AJgg&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcReRie0dSAJzUUBNFcJEr4jvFkHNYKmS6AJgg&usqp=CAU)

> Acessado em 15/10/2022

- j) Conjunto Histórico Nossa Senhora do Rosário: conjunto arquitetônico tombado pelo IEPHA em 1985. Afirma-se que o espaço foi inicialmente construído por escravos práticas de seus ritos religiosos e que apenas em 1995 que o local foi transformado, de fato, em uma Igreja Católica.

Figura 24 – Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais.

- k) Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Centro Histórico e Igreja Matriz de São Thomé: inicialmente intencionado para serem tombados quando do

tombamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário, por um erro no decreto, somente foram tombados em 1996.

Figura 25 – Igreja Matriz de São Thomé das Letras



Fonte: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protegido/bens-tombados/details/1/75/bens-tombados-centro-hist%C3%B3rico-e-igreja-matriz-de-s%C3%A3o-thom%C3%A9-das-letras?layout=print&tmpl=component>> Acessado em 15/10/2022

Diversos outros locais relevantes são amplamente mencionados na literatura consultada, e que contribuem quer seja para o resgate das memórias ancestrais dos locais sagrados, quer seja pela exuberante paisagem, e que atraem, ano após ano, públicos diversos em busca de muitas e diferentes experiências na singela cidade das pedras, movimentando sua economia, provocando controvérsias entre os moradores “nativos”, ampliando a degradação ambiental, e assim provocando as mudanças inexoravelmente trazidas pelo tempo e pela ação antrópica.

12.O RECONHECIMENTO ESOTÉRICO E MÍSTICO TORNA-SE PRESENTES NA RELAÇÃO SOCIAL COLETIVA LOCAL DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS.

A relação social ou relações sociais em São Thomé das Letras são uma das grandes viagens relacionadas à memória histórica a ser visitada por todos aqueles que desejam mais do que conhecer a cidade e suas singularidades, efetivamente fazer uma imersão em sua história, sentir e viver, se verdade ou não, a memória do imaginário, da realidade ou ficção da imaginação. A realidade ou a imaginação são meios contributivos na formação da cultura de uma civilização, assim como o mito da criação humana fez e faz parte da vida de nossos ancestrais.

Aliás, tudo isto envolve a cultura das humanidades, por essa razão analisar o contexto histórico e a forma como este novelo se desenrolou nos proporciona a compreensão dos momentos e a multiplicidade de fatos sociais que foram

responsáveis e consideravelmente importantes, destacados e marcados na materialização dos aspectos esotérico e místicos de São Thomé das Letras.

Além, disso, é preciso reconhecer em São Thomé das Letras uma identidade própria que a pesquisa permitiu extrair das simbologias materiais e imateriais, sua correlação na base de sustentação das narrativas orais, na manutenção do esoterismo e do misticismo vivo da cidade das pedras e das letras. Benoist explica que “A riqueza das nossas recordações e das nossas experiências eleva um de nós à função de poeta criador de uma cultura vivida, alimentada por sensações experimentadas e por signos aceites, recebidos dos antepassados e transmitidos às gerações futuras” (BENOIST, 1999)

A memória social individual e coletiva da sociedade thomesense por intermédio de uma tradição oral e uma história oral representam vozes que serviram e servem de fonte a sustentar a constatação e legitimar, segundo os rituais protocolares, a promover o reconhecimento das mais diversas formas de manifestações esotéricas e ou místicas do patrimônio cultural imaterial. Para D’Áuria:

Vestígios de várias naturezas podem ser relacionados à história de São Thomé das Letras, local privilegiado do ponto de vista da realização de registros ao longo do tempo. Os homens que por ali passaram, ou que ali viveram, deixaram muitos indícios. Estes podem ser encontrados nas rochas na forma de inscrições rupestres, na oralidade, que preserva uma rica tradição, em imagens, congelados pelas mãos de um pintor ou pelas lentes de câmeras fotográficas; em imagens em movimento, nos filmes que se serviram daquele cenário e na escrita, através de documentos oficiais, livros e imprensa, sem falar na cultura material, cotidianamente construída. (D’ÁURIA, 2000, p. 182).

De origem oitocentista no Estado de Minas Gerais, a cidade passa a ter sua identidade conhecida, publicizada e explorada a partir dos anos 30 do século XX. O eixo econômico representou um dos divisores de água da história da lendária São Thomé das Letras.

Além disso, sua posição geográfica isolada no alto das montanhas de quartzito, sua baixa densidade demográfica, suas reservas naturais e a disposição bucólica de grutas, cavernas, cachoeiras além da inexistência de estrada, energia e saneamento, mas com o registro de moradias feitas de uma forma muito rudimentar a partir de extração de recursos minerais do próprio local gestou a construção de uma história oralizada passada de geração para geração, produzindo a cultura patrimonial imaterial identificada no seio da oralidade de São Thomé das Letras.

A cultura fora da temporalidade da modernidade e da pós-modernidade também seria o prelúdio à formação de uma atmosfera esotérica e mística, pois,

gestaria uma diversidade cultural fluida em outras modalidades de consciência, distintas da consciência racional iluminista.

O limiar da modernidade foi inevitável, todavia, junto com ela outras formas sociais, culturais e de conhecimento passariam a fazer parte da realidade de São Thomé das Letras. A associação dos significados a tudo que ali ia sendo falado, descoberto, compreendido, interpretado, projetaria uma realidade cultural esotérica e mística por força de uma cultura voltada para suas próprias crenças.

Para além disso, desde os primórdios seria diferente São Thomé das Letras das 853 (oitocentos e cinquenta e três) cidades do Estado de Minas Gerais e com isso comporia uma polifonia cosmológica sincretista, com interpretações a partir de visões diferentes, e com isso reconhecendo pelas ruas da urbe das letras e das pedras uma história de causos, lendas, contos, estórias e muitas outras alegorias. Benoist esclarece que:

A montanha simboliza simultaneamente o centro e o eixo do universo. Existe aliás em toda a ascensão uma espécie de purificação natural, uma espiritualidade espontânea que, parece-me, Nietzsche procurava ao praticar alpinismo em Sils- Maria e Daumal ao criar o seu Monte Análogo. Os lugares altos foram as primeiras etapas desta subida para os cumes, como demonstra o episódio bíblico de Moisés recebendo as Tábuas da Lei no cimo do Monte Sinai. Como cada país tem o seu próprio centro, o nome das montanhas sagradas varia consoante as tradições, mas corresponde a uma função idêntica. É o Olimpo dos Gregos, o Alborj dos Persas, o Tabor dos judeus, a montanha Qaf dos muçumanos, o Potala dos Tibetanos, a Montanha Branca dos Celtas, o Meru dos Hindus, o K'uenlun dos Chineses. Podemos mesmo dizer que no coração de cada aldeia, a torre da igreja, o campanário, a torre de menagem correspondem à mesma necessidade de proteção providencial. (BENOIST, 1999, p. 52-53)

E traz o citado autor mais um importante esclarecimento que se amolda à cosmologia de São Thomé das Letras e sua relação com sua condição terrestre e da arquitetura citadina. Benoist:

Chegamos ao fim de uma descida imaginária que nos conduziu do empíreo até ao nosso solo. Pelo caminho vimos os nossos antepassados utilizar os fenômenos cósmicos para exprimir ideias e sentimentos que ainda fazem parte de nosso patrimônio ideológico. A terra vai revelar-nos a origem de outros símbolos emprestados aos materiais utilizados na construção de edifícios, à agricultura e à metalurgia.

O material artesanal mais antigo usado com a terra foi a madeira e todas as partes da construção se mantiverem as mesmas formas, função e simbolismo ao serem substituídas pela pedra. Em grego, a palavra *hylé*, que quer dizer madeira, designa igualmente o princípio substancial da matéria original do mundo. Por esta razão, na linguagem maçônica, o “Grande Arquiteto do Universo” é o carpinteiro e por isso se diz que Cristo era filho de um carpinteiro. [...] A substituição da madeira viva pela pedra morta correspondeu a uma espécie de cristalização cíclica, análoga à sedentarização dos nômadas, que compensou a transferência dos primeiros santuários do cume das montanhas para o fundo das cavernas. As pedras em bruto, esses ossos da Terra- Mãe arrancados ao seu repouso telúrico, puderam ser humanizadas

por um corte sábio e transformadas em pedras “francas”, dignas de serem utilizadas na construção de templos. (BENOIST, 1999, p. 73)

A confluência e influência de todos estes fatores foram gradualmente ganhando uma densidade bastante considerável no contexto sociocultural da cidade, registrado pela historiografia utilizada pela pesquisa, além da memória social lastreada na oralidade das gerações que habitaram a cidade desde o século XVIII.

No último quarto do século XX, São Thomé já seria uma cidade conhecida para além de suas fronteiras. O encadeamento de momentos emergiria a partir dos anos 70 do século XX um universo esotérico e místico por intermédio de uma narrativa cercada de realidade e fantasia.

O desconhecimento, o inexplicável, o imaginário, o ficcional, passariam a ser responsáveis pela cristalização de uma história local oriunda das vivências e convivências sociais conforme esclarece D'Áuria (D'AURIA, 2000) “O compartilhamento das experiências conduz, como pude perceber depois de realizar várias entrevistas, a um fluxo narrativo comum, que é requisito essencial quando falamos de tradição oral”. O divisor ou a data marco em que passaria o discurso esotérico e místico a influenciar a realidade social de São Thomé das Letras foi captado por D'Áuria:

O modo de vida tradicional, que privilegiava os momentos de narrativa orais, já há algumas décadas tem passado por um processo de interação com valores modernos. Estes passaram a ser incorporados no início do processo de urbanização do arraial, na década de 1970, quando amplificava-se a indústria da pedra e iniciava-se o turismo. (D'ÁURIA, 2000, p. 189)

Os atores, o espaço, a localidade e suas características geológicas ou geomórficas, intensificados por inúmeras conexões e interconexões culturais apropriando-se de um discurso esotérico e místico, passariam a definir a identidade cultural da cidade.

São Thomé das Letras, ainda que fragmentada, imaginária, ficcional ou real o certo que seriam estes ingredientes os elementos indispensáveis à formação da memória e, conseqüentemente, o registro da história de São Thomé das Letras, embora sua gênese até os dias atuais seja um grande mistério. A memória mística envolvendo um enredo de cunho colonial é o que ficara na memória ancestral até os dias atuais.

A imprensa foi o difusor da identidade de São Thomé, isto desde o início da década de 30 com a chegada da sociedade da Eubiose. O enigmático, o inexplicável ou obscuro financiava as mais diversas interpretações, estimulava visitas,

reportagens, explorações de campo na busca por respostas e explicações. Esta atmosfera envolvia personagens locais, regionais e forasteiros, que tinham apoio da comunidade na exploração do local na formação da história da cidade.

Barão de Alfenas se tornaria um referencial nas alegorias místicas na formação do mito de origem de São Thomé das Letras e o enigmático ambiente passaria ser cultuado devotamente a ponto de a dualidade verdade/realidade não ser objeto de interesse, mas sim o que se tinha de imaginário este era responsável pela memória mágica local.

O sensacionalismo sobre uma conexão intraterrena da cidade de São Thomé das Letras com a cidade de Machu Pichu por um caminho denominado Peaberu. O misterioso Chico Taquara oriundo de uma cidade Jina. D'Áuria enfatiza (2000, p. 321) "São Thomé mudou direitinho, foi em 70. De 70 para cá. 70 foi quando apareceu prá cá foi os primeiro hippie, apareceu a galera here crishi. Era fio de gente forgada, tudo gente de família, os here crishi, tudo gente de família, nego estudado...é por isso, que era assim, gente paternizada tamém, que resolveu sai pra curti." Ainda segundo D'Áuria (2000, p. 322) "Os hippies apareceram em São Thomé em 1973 quando tem o Festival do Som em Três Corações, e o Festival do Som foi no dia 21, 22 e 23 de setembro de 73 e terminou o festival do som, eu já conhecia São Thomé...".

Nos anos 80 a infraestrutura e população já começavam a ser expressivas, contando com uma população de 1125 pessoas distribuídas em 249 moradias. A imagem de cidade esotérica e mística já predominava, e a cada dia mais teria novos e curiosos frequentadores, em busca de conhecer os poderes sobrenaturais da cidade das letras. Inclusive D'Áuria enfatiza este aspecto em sua pesquisa.

Em 76, é, através de amigos, que era o pessoal da TV Cultura, que era o Luís Antônio Simões de Carvalho e a Gigi, frequentavam o curso da Eubiose em Santo André, então, lá que nós nos conhecemos, então só se falava em São Thomé, dos pores do sol, das paisagens, de um lugar de muita energia. Ainda não se usava falar de lugar de poder, mas que era uma coisa assim muito enigmática, mágica, e nada como aquela coisa prá nos deixar assim para nos deixar cheios de fantasia. [...] "olha aí a oportunidade para aqueles que ainda não tem casa de campo: em São Thomé das Letras, Minas (a 50km de Caxambu, 1444 metros de altitude), o prefeito José Hildo Vilela cede terreno e pedras para os que interessarem. Única condição: a construção tem que ser feita no prazo de um ano". Além da oferta, o artigo reiterava a imagem de São Thomé, que a imprensa ajudou a construir. Local onde o tempo passa mais devagar, cidade mística e perdida no tempo; exploração de pedras – única fonte de renda, não tem nenhum policial nas ruas, gente andando com passos lentos, lendas, mistérios, inscrições rupestres – extraterrestres. (D'AURIA, 2000, p. 341-343).

A ideia de esotérico e místico se multiplicara, nos anos 90 as supostas aparições de OVNI's (objetos voadores não identificados) passariam a fazer parte do

imaginário local. Dezenas de pessoas ficam à noite a contemplar o céu à procura de visualizar ET's, a ficção espacial passara a aparecer no comércio local, nas pinturas e nos suvenires. Para D'Áuria:

Em direção à São Thomé das Letras, convergem diversas “ondas turísticas”, é realmente um local excepcional, síntese. Os primeiros turistas a visitarem São Thomé foram os eubiotas, desde a década de 30 até os dias de hoje. Depois deles, a “onda” mais expressiva foi a dos hippies, ou dos jovens aventureiros que para ali seguiam na década de 70. Na de 80 a tônica desloca-se da aventura para o misticismo e o turismo esotérico (iniciado pelos eubiotas) é revitalizado. Nas décadas de 90 surge em cena o ecoturismo a crista da serra, por vezes bastante escarpada oferece cenário para a prática de “esportes radicais” e já existem pessoas na região que estão se especializando em abrir trilhas e levar grupos para passear... (D'ÁURIA, 2000, p. 356).

São Thomé das Letras indiscutivelmente tem uma identidade própria, notavelmente reconhecida pela memória social individual ou coletiva registrada pela historiografia que a retrata consubstancializada pela história oral que ali se calcificou ao longo da sua jornada. Eis aqui formada sua identidade!

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho nunca se conclui, é preciso encerrar a uma etapa de tantas outras. A pesquisa permitiu uma excursão sobre vários aspectos de São Thomé das Letras, buscando, através do estudo de uma vasta historiografia encontrada, interligar a maior quantidade de pontos conectando-os para elevar um pouco mais o nível de compreensão sobre sua autointitulada denominação de cidade mística de MG.

Sim, dos 853 municípios que cobrem o Estado de MG, São Thomé das Letras é singular. As manifestações esotéricas e místicas ficaram comprovadas porque fazem parte da tradição social local, também está evidente que o patrimônio cultural imaterial de São Thomé das Letras não tem o reconhecimento formal mesmo que exista referida previsão na carta maior que organiza e sistematiza o Estado Nacional do Brasil.

O reconhecimento do patrimônio cultural imaterial da cidade de São Thomé das Letras é importante para a cidade. Visto que um dos maiores problemas é da degradação do meio ambiente e com ele do patrimônio cultural da cidade. Com este passo, as políticas públicas da cidade das pedras e das letras pode contar com uma agenda de programas sensibilizando, conscientizando, informando e orientando a todos e a todas sobre como proteger e preservar a cultura esotérica e mística de São Thomé das Letras, destacar sua relevância e a converter em patrimônio cultural imaterial.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, V.M. *1500: São Thomé das Letras (MG) – Por Vitor Manuel Adrião*. Trecho do livro: “História Secreta do Brasil”, Editora Madras, 2005. Disponível em: < https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/2017/06/05/1500-sao-thome-das-letras-mg-por-vitor-manuel-adriao/#_ftn1 > acessado em outubro/2022.

ALVERGA, A. P. *O guia da floresta – 2ª edição*. Rio de Janeiro, Record:1992.

ANDRADE, M. F. de. “*Contam que houve uma porção de enforcados. E as caveiras espetadas nos postes*”. *Literatura e oralidade na revolta dos escravos de Carrancas (1833)*. In: Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol 34, nº 74, p.512-536, Setembro-Dezembro 2021. Disponível em < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/83733/80196/185485> > acessado em abril/2022.

ASCHER, F. *Os novos princípios do urbanismo*. São Paulo, Romano Guerra Editora, 2010.

ASSMANN, A. *Espaços da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

BAINES, S. G. et al. *Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações*. Organizadores. Brasília; Ibama; UnB/Ceppac, IEB, 2012.

BARBUJANI, G. *A invenção das raças*. São Paulo, Contexto, 2006.

BENOIST, L. *Signos, símbolos e Mitos*. Editora Edições 70, 1ª edição, Portugal,1999.

BERTONCELLO, L. S. *A oposição de Karl Jaspers ao misticismo como “fuga do mundo”: a perspectiva do misticismo cristão*. In: Revista Kínesis, Vol. XII, nº 31, julho 2020, p. 37-54. Disponível em < <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/10615#:~:text=Jaspers%20v%C3%AA%20o%20misticismo%20religioso,liberdade%20e%20a%20imediaticidade%20m%C3%ADstica> > acessado em abril/2022.

BORDONAL, S.D. e SOUZA, G.H.B.de. *Compreender as mudanças na identidade mística esotérica em São Thomé das Letras causadas pela massificação do turismo*. Anais da IX Semana de Turismo, VI Mostra Científica, UNESP, Rosana – SP, 18-20 de outubro de 2017, vol. 1.

BORDONAL, S.D. e SOUZA, G.H.B.de. *Impactos sociais e culturais causados pelo turismo em São Thomé das Letras - MG: uma visão dos moradores*. Fórum Internacional do Turismo de Iguassu, Foz do Iguaçu – PR, 9-11 de setembro de 2020. Disponível em < <https://www.sisapeventos.com.br/deangeli/wiew/inscription/submission/files/3/403-1838-5.pdf> > acessado em abril/2022.

BORGES, A. E. *Caminhos da cultura indígena: o Peabiru e o Neoindianismo*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. Senado Federal, 1988.

CANCLINI, N. G. 1994. *O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional*. Revista do Patrimônio, IPHAN, 23: 95-115. Disponível em < <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8429> > acessado em abril/2022.

CAMPOS, P. *São Thomé das Letras: portal para outros mundos*. Revista UFO online, número 83, 03 de outubro de 2017. Disponível em: < <https://ufo.com.br/colunas/pedrodecampos/83-sao-thome-das-letras--portal-para-outros-mundos/> > acessado em outubro/2022

CARDOSO, A. *Pés na terra e cabeça nas nuvens: contornos teóricos e empíricos do misticismo contemporâneo*. In: Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 143-166, set. 1999. Disponível em < <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13365/8740> > acessado em abril/2022.

CARR, E. H. *Que é história?* Conferências George Macaulay Trevelyan, Rio de Janeiro, 1982.

CARRISSO, R. C. C.; PIRES, D. C. B. *A pedra "São Thomé": tensões e conflitos entre o APL mineral e o turismo (MG)*. In: *Recursos minerais & sustentabilidade territorial. Arranjos produtivos locais*. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011. v. II. p.115-138. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/handle/cetem/1013>. Acesso em 27.mar.2022.

CARVALHO, L. de S. C.; PEREIRA, A. F. *Pedra São Thomé: valorização regional por meio da revitalização da paisagem e da identidade cultural*. In: DESIGN, 2010. 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2010, São Paulo.

CHAVES, E. *Criação de vilas em Minas Gerais no início do regime monárquico: elementos gerais*. In.: *Varia História* (UFMG. Impresso) , v. 29, p. 817-845, 2013.

CHAVES, P. *Pedra do Disco: Inscrição destruída ainda é importante*. In: *Jornal São Thomé on Line*. 02/10/2020. Disponível em < <https://www.viafanzine.jor.br/tome/historia.htm> > acessado em abril/2022.

CORREA, V.F. e CALLIARI, M.S.P. *Preservando o patrimônio Histórico: um manual para gestores municipais*. (Org. Nadia Somekh) Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 2014. Disponível em < https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/Manual-Patrimonio_completo_baixa.pdf > acessado em abril/2022.

COSTA, S. *As vilas mineiras setecentistas: o caso de vila Rica*. In: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscipl. Estud. Cid. Campinas, SP. Vol. 10, n.1 [18] p. 160-184. Jan/mai 2018.

COSTA, S.A.P. CARDOSO, F.M.P. DIAS, F.C. *A dimensão antrópica e seus impactos na paisagem cultural de São Thomé das Letras*. 2018. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/323224690_A_DIMENSAO_ANTROPICA_E_SEUS_IMPACTOS_NA_PAISAGEM_CULTURAL_DE_SAO_THOME_DAS_LETRAS > acessado em abril/2022.

DÁURIA, C.A. *São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes, dos tempos e dos saberes: um estudo sobre etnografia e historicidade com recursos audiovisuais*. Dissertação, Mestrado em Multimeios, Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, (SP), 2000.

REVISTA DHÂRANÂ - *Órgão Oficial da Sociedade Teosófica Brasileira*; ano XXXII, julho/outubro de 1957, n. 3 e 4. Revista bimestral: Avenida Liberdade n. 47, 1 andar, SP.

_____ ano XXII, julho/outubro de 1957, n. 3 e 4. Revista bimestral: Avenida Liberdade n. 47, 1 andar, SP

_____ ano XXIX, Dhâranâ nº 2 – Maio – Junho 1954. Redator: Paulo Machado Albernaz

DIAS, M.A.R. *Chico Taquara: O Eremita*. Juiz de Fora, MG. 2021.

FERREIRA, L.C. A. *E a cultura ? O Centro Nacional de Referência Cultural e a identidade do Brasil (1975-1979)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2015. Disponível em < <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1934.pdf> > acessado em abr/2022.

FLEISHCER, D. I. R. *São Tomé das Letras e Lagoa Santa: mineração, turismo e risco ao patrimônio histórico e natural*. In: Cadernos de Campo, São Paulo, n. 14/15, pag. 1-382, 2006. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50096/54216/61913> > acessado em abril/2022.

FLEISCHER, D.I.R. *Ecoturismo ou “Éca! Turismo!”: Sustentabilidade e adaptabilidade em uma cidade mineira*. In: Revista ANTRHROPOLÓGICAS, ano 11, volume 18(1): 171-204. 2007. Disponível em < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/23656/19312> > acessado em abril/2022.

FLEISCHER, D. I.R.; FALEIRO, R. P. *São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico*. In: BAINES, Stephen Grant et al. (Org.). *Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações*. Brasília: IBAMA; UnB/CEPPAC; IEB, 2012. p. 250-285. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23207> >. Acesso em: 27.mar.2022.

FONSECA, C.D. *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*. [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/d55c7>> acessado em abr/2022.

GEVAERD, A.J. *Os arquivos sobre os UFOs devem ser abertos*. Entrevista concedida por Brigadeiro José Carlos Pereira à Revista UFO, Ano XXV, número 142, maio 2008.

GONÇALVES, A. Xis. Editora Chiado Brasil, 2021.

GOULART, E.D., GUILARDUCCI, B.C. *Planejamento e recuperação das trilhas de acesso às cachoeiras Paraíso e Véu da Noiva – APA São Thomé – São Thomé Das Letras (MG)*. Anais do 2 Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas / I Colóquio Brasileiro para a Red Latinoamericana de Senderismo, 16 a 18 de outubro de 2013. Disponível em <<https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/Anais%20do%202%20Congresso%20Nacional%20de%20Planejamento%20e%20Manejo%20de%20Trilhas%20-%20I%20Colquio%20Brasileiro%20para%20a%20Red%20Latinoamericana%20de%20Senderismo%20GT%2002.pdf#page=37>> acessado em abril/2022.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HUYSEN, A. *Políticas de memória no nosso tempo*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2014.

HYNEK, J. Allen. *Challenge of the Universe*. Washington, National Science Teachers Association, Scholastic Book Services, 1962.

HYNEK, J. Allen. *OVNI – Relatório Hynek*. Portugal, Internacional Portugália Editora

HYNEK, J. Allen. *Ufologia Uma pesquisa científica*. Rio de Janeiro, Editora Nórdia, 1980.

IBGE, *São Thomé das Letras*, disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/sao-tome-das-letras.html>> acessado em agosto/2022.

IEPHA, 1996. *Tombamento estadual do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Centro Histórico de São Thomé das Letras*. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/publicacoes/guia-dos-bens-tombados>>. Acessado em abril/2022.

IPHAN/Ministério da Cultura. (orgs.) HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; QUEIROZ, A. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, 1999. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf> acessado em abr/2022.

IPHAN/Ministério da Cultura. (orgs) FLORÊNCIO, S. R. CLEROT, P. BEZERRA, J. e RAMASSOTE, R. *Educação Patrimonial: histórico, conceito e processos*. Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em <

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf > acessado em abr/2022.

IPHAN/Ministério da Cultura. (org) PINHEIRO, A. R. S. *Cadernos do patrimônio cultural: Educação Patrimonial*. Fortaleza: SecultFort: IPHAN, 2015. Disponível em < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos do patrimonio educacao_patrimonial_voll\(3\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_voll(3).pdf) > acessado em abr/2022.

IPHAN/DPI. Dossiê 1 – Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Brasília: IPHAN 2006. Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf > acessado em abril/2022.

KAYAPÓ, R. *São Thomé das Letras e a sua Verdadeira História*, 2015.

KUHL, B.M. *Notas sobre a Carta de Veneza*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, Sér. V.18, n.2. p. 287-320, jul-dez-2010.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LE MOS, C.A.C. *O que é Patrimônio Histórico*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

LE MOS, J. *São Thomé das Letras: as visões de Eric Leriner*. Editora Talentos da Literatura Brasileira, 2015.

LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007

LOPES, Renata de Melo Ferreira. *Ecologia, Etnoconhecimento e Educação: Integrando os saberes acadêmico e popular para a conservação do patrimônio natural e cultural de São Tomé Das Letras, Minas Gerais*. Tese apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8UEQYD/1/tese_renata_lopes.pdf > acessado em abril/2022.

LOPES, C. RUCHKYS, U. *Recursos da geodiversidade de São Thomé das Letras – MG e seu uso para mineração e geoconservação: perspectivas para a reconversão desse território mineiro*. In: Revista Desenvol. Meio Ambiente, v. 35, p. 335-347, dez. 2015. Disponível em < <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/41093/27104> > acessado em abril/2022.

LUCÍOLA, R. *Sistemas Geográficos*. In: Comunidade Teúrgica Portuguesa – Caderno Fiat Lux nº 18. Disponível em < <https://comunidadeurgicaportuguesa.wordpress.com/cadernos-fiat-lux/> > Acessado em setembro/2022.

MAGALHÃES, R.D. *Núcleos e Sítios Históricos Mineiros – Objetivos e ações do Órgão de preservação estadual*. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável), Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2013. Disponível em <

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AMFE-9GJNXW/1/disserta_o_ficha_roberta_duarte_magalh_es.pdf > Acessado em agosto/2022.

MARTINS, Ricardo Capella. *Religiosidade no século XXI: misticismo, ateísmo ou indiferença*. In: Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 10, e021008, jan./dez. 2021. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/15330> > acessado em abril/2022.

MARQUES NETO, R. *O fenômeno cárstico em São Thomé das Letras (MG) e a mineração: evolução e degradação de cavernas em quartzito*. Revista Brasileira De Geomorfologia, v.13, n.4, (out-dez). p 443-450, 2012. Disponível em < <https://rbgeomorfologia.org.br/rbg/article/view/301> > acessado em abril/2022.

MARQUES NETO, R. *Biogeografia dos complexos rupestres de altitude em quartzito no sul de Minas Gerais*. In: GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 39, n. 3, p. 511-523, set./dez. 2014. Disponível em < <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/10276/7388> > acessado em abril/2022.

MASSI, F. *Misticismo e religiosidade na sociedade contemporânea*. In: O romance policial místico-religioso: um subgênero de sucesso [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 151-163. ISBN 978-85-68334-56-0. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/rmgfg/pdf/massi-9788568334560-05.pdf> >. Acessado em abril/2022.

MATTOS, José Américo Junqueira de. *Família Junqueira: suas histórias e genealogias*. Editora Família Junqueira, Ribeirão Preto, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011.

MOREIRA, B. M. B. *A mineração da pedra são tomé em São Thomé das Letras - MG: um estudo etnográfico sobre organização territorial e justiça ambiental*; Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Tecnologias Sociais) - Universidade Federal de Itajubá, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Orientador: Luiz Felipe Silva. 2018.

MURDOCH, I. *A soberania do bem*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NORONHA, O.L. *São Thomé das Letras e o Mundo subterrâneo*. Madras Editora, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, J.S. *Turismo e mineração na produção do espaço do município de São Thomé das Letras*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Universidade Federal de São João Del rei, São João Del Rei, MG, 2017.

PAIVA, E. F. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2008.

PAULA SILVA, M. R. de. *Raça, etnicidade e religião: das ciências sociais às ciências da religião*. CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, [S. l.], n. 28, 2019. DOI: 10.34019/1981-2140.2018.17508. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17508>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PELEGRINI, S. C.A., FUNARI, P.P. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

PERNA, S.A. SIMÃO, K.M.C. CARVALHO, R.M.B. COSTA, S.A.P. *Paisagem cultural de São Thomé das Letras, Minas Gerais*. Revista Spacios, Vol 33 (3), 2012. Disponível em < <https://www.revistaespacios.com/a12v33n03/123303161.html> > Acessado em abril/2022.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-71.

PROENÇA, J.U. *Caminhos e descaminhos do Peabiru*. Editora Nova, São Paulo, 2015.

RAMOS, B. A. S. *Inscrições e tradições da América Pré Histórica especialmente do Brasil – segundo volume*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939. Disponível em < <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7231> > acessado em abril/2022.

RESENDE, M. L. C., ROCHA, L. C., SALES, C.L., SANTOS, P.P. *A pré-história na estrada real: itinerário turístico-cultural da arte rupestre*. São João Del-Rei, MG: NEAD (Universidade Federal de São João del-Rei), 2019. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/339602422_A_PRE-HISTORIA_NA ESTRADA_REAL_ITINERARIO_TURISTICO-CULTURAL_DA_ARTE_RUPESTRE > acessado em abril/2022.

RICOEUR, P. *A memória, a História, o Esquecimento*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2020.

RODRIGUES, C. *São Tomé das Letras: A lenda e a arqueologia*. In: Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Número 9, 1982.

SAHTOURIS, E. *Gaia: do Caos ao Cosmos*. São Paulo: Editora interação, 1991.

SANTOS, C. J. F. dos (pesquisa). *Recados: memória das relações entre a comunidade e o patrimônio*. São Paulo: Movimento Cultural Penha, 2011.

SANTOS, M. G. V. dos. *Avaliação da reabilitação in loco com espécies nativas, de pilha de estéril gerada por mineração de quartzito, no município de São Thomé das Letras, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

SANTOS, R. G. C. dos. *A invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2009.

SÃO TOMÉ DAS LETRAS. *Lei complementar nº 5/2011 – Institui o Plano Diretor do Município de São Tomé das Letras*. 2011.

SILVA, G.D. *A recepção da Antiguidade nas Inscrições e tradições da América Pré Histórica de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos (1930-1939)*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em < <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134299/000987878.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > acessado em abril/2022.

SOUZA, J.C.P. *Onomástica e Discurso: o memorável no processo histórico e social de urbanização*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, Jul/Dez.2015.

VIANNA, L. C. R. *Patrimônio Imaterial*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial> > Acessado em abr/2022.

VIEIRA, M. P. A; PEIXOTO, M. R. C; KHOURY, Y. M. A. *A Pesquisa em História*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

ZAMARCO, F.C. *Turismo e paisagem cultural: uma etnografia de São Thomé das Letras*. Trabalho de conclusão de curso, graduação em Gestão de Turismo – Instituto Federal de São Paulo, 2016.

ZAMARCO, F.C.; LANZARINE, R. *Turismo e Paisagem cultural: um estudo de caso de São Thomé das Letras em Minas Gerais, Brasil*. Caderno Virtual de Turismo, Vol. 19, num. 1, 2019. Disponível em < <https://www.redalyc.org/journal/1154/115459473001/115459473001.pdf> > Acessado em abril/2022.

ZOLINI, G.P. de P. *A inflexão do conceito de gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte: Os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 2007, Orientadora Celina Borges Lemos.

VIDEOS:

A Cidade de Pedras, São Thomé das Letras e Suas Lendas. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=583RhJp5pvq> >. Acessado em abril/2022.

Bora falar de Turismo? Com Jorge Ubirajara Proença parte I. disponível em < <https://www.facebook.com/watch/?v=324546658620868> > Acessado em abril/2022.

Bora falar de Turismo? Com Jorge Ubirajara Proença parte II. disponível em < <https://www.facebook.com/belezasdovaleoficial/videos/bora-falar-de-turismo-com-jorge-ubirajara-proen%C3%A7a-parte-ii/336424614139948/> > Acessado em abril/2022.

De carona com óvnis – History. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KxMhRHUR-4A>> Acessado em abril/2022.

De carona com óvnis – São Thomé das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eQMofWEt_w> Acessado em abril/2022.

Documentário de 1983 sobre São Thomé das Letras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UcandHNGdmc>> Acessado em abril/2022.

Eubiose - Documento Especial - São Tomé das Letras - TV Manchete (1990). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8MafZe8ajBM>> Acessado em abril/2022.

Os Cavaleiros Templários e o caminho de Peabiru. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UQ4I2oZg1dU>> Acessado em abril/2022.

Os mitos e lendas de São Thomé das Letras. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sKawcuCx_lq> Acessado em abril/2022.

São Thomé das Letras: locais de poder. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gD75vJYmwLI> >. Acessado em abril/2022.

São Tomé das Letras melhor documentário. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4BvmPi4NbW4>>. Acessado em abril/2022.

São Tomé das Letras – 1951 – vídeo do cineasta Gabriel Ferrer. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SHnt-yWYNhE>>. Acessado em abril/2022.

Série Ano Zero de Vídeo - A Eubiose e o Futuro Imediato - VHS RIP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FMEvwwyKllw&t=192s>> Acessado em abril/2022.

Os mitos e lendas de São Thomé das Letras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sKawcuCx_lq Acessado em abril/2022.

São Thomé das Letras - História da Cidade - Fábrica de Teatro – TVJBrasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jv3CeSt_vlk Acessado em abril/2022.